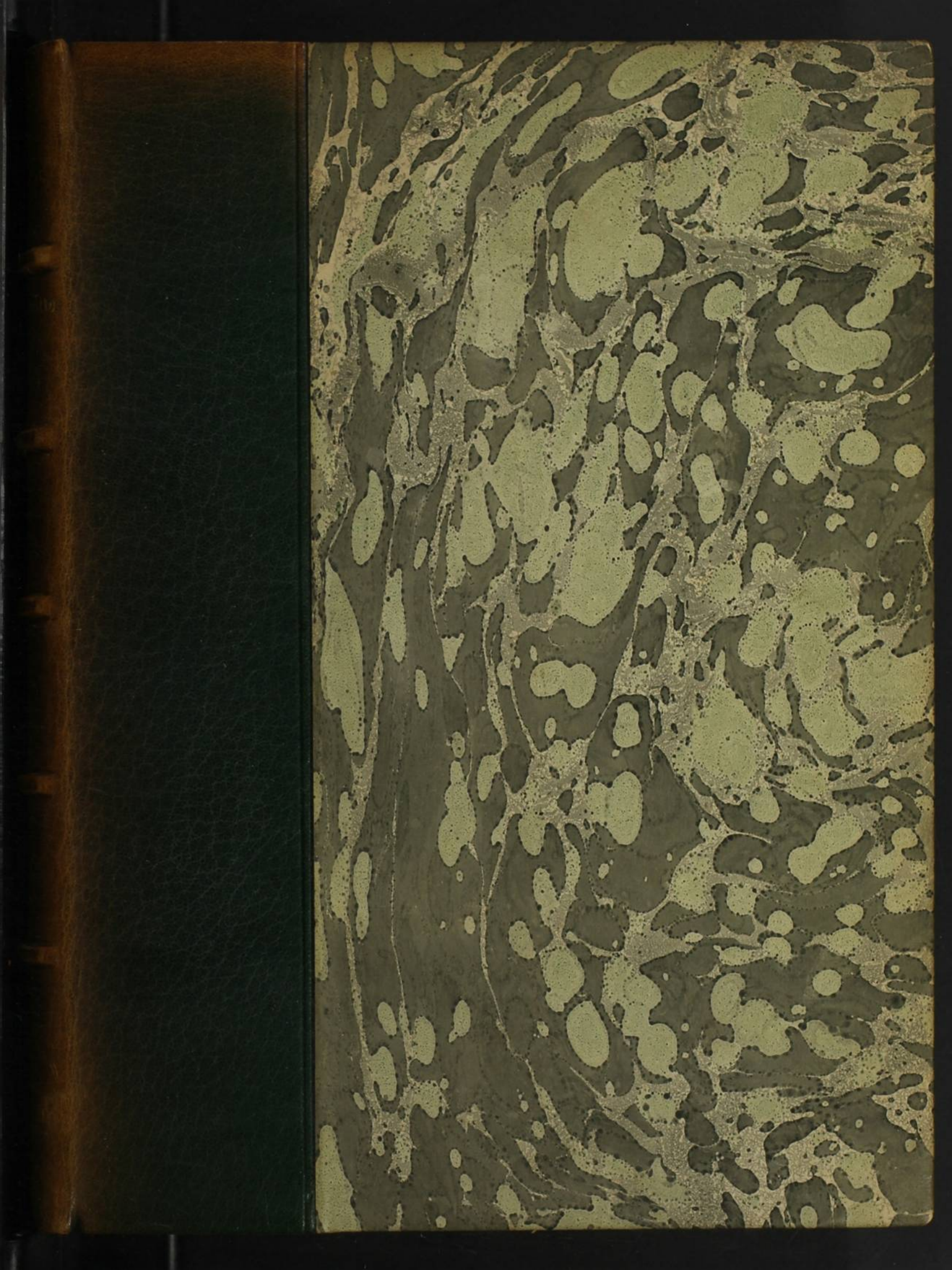
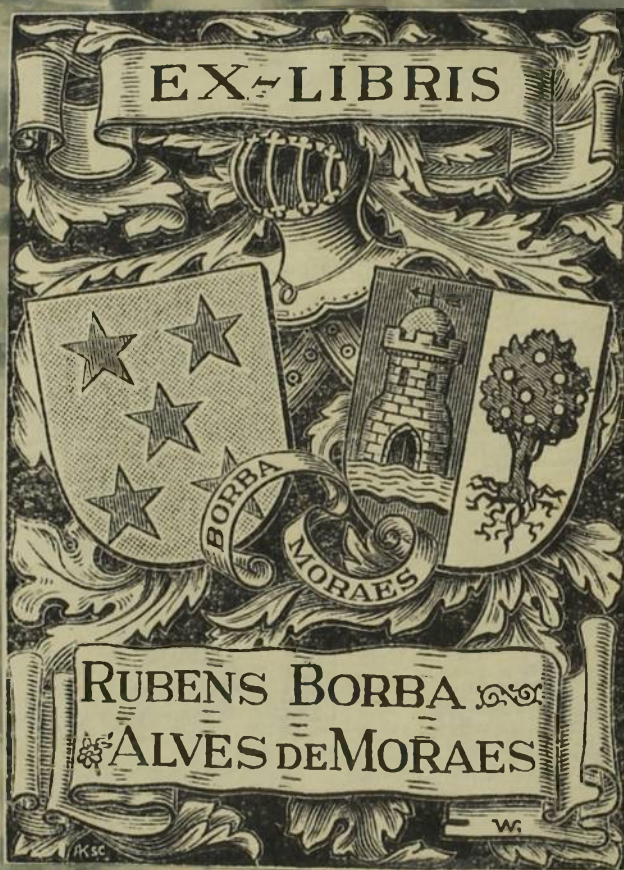
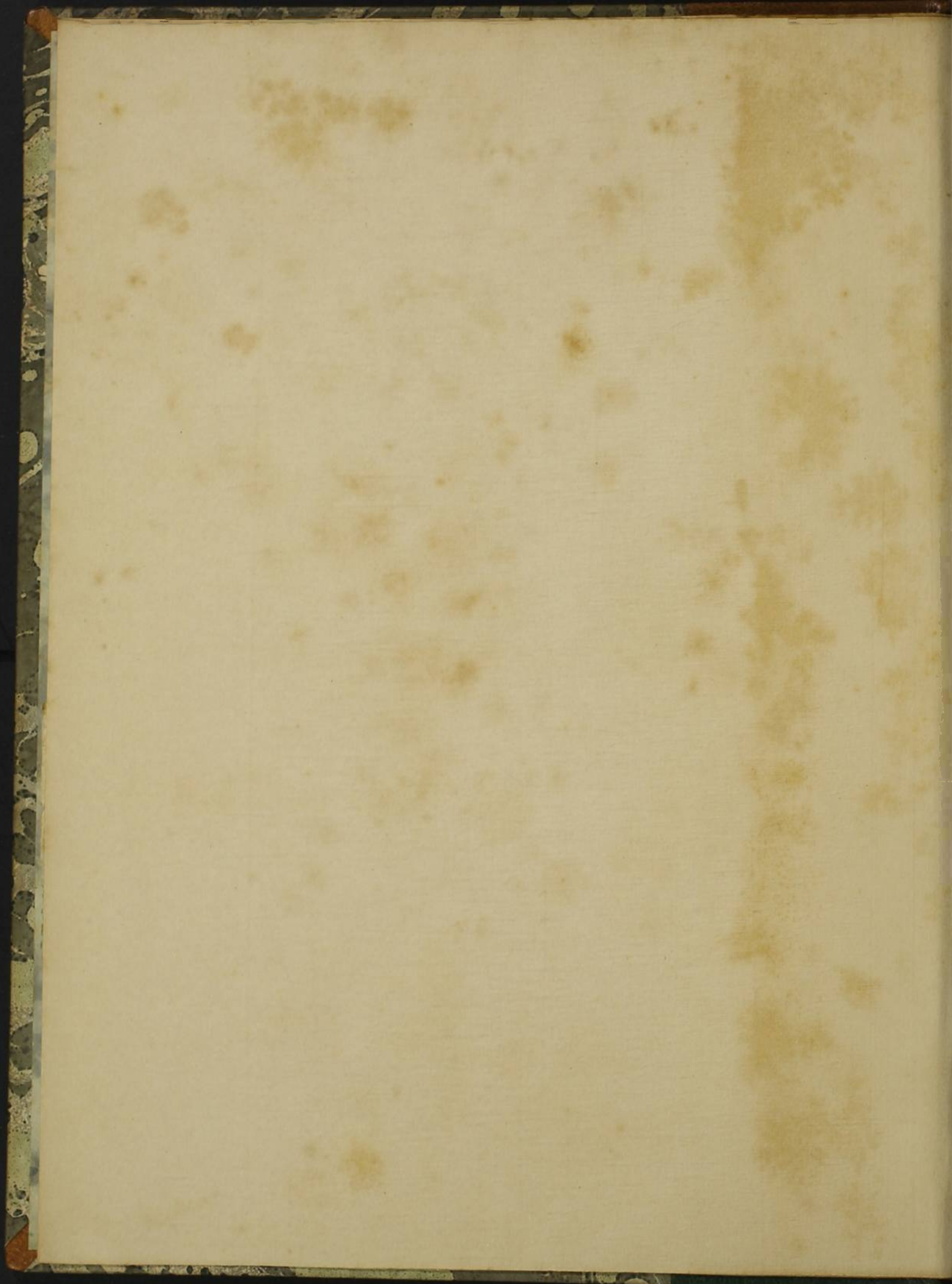
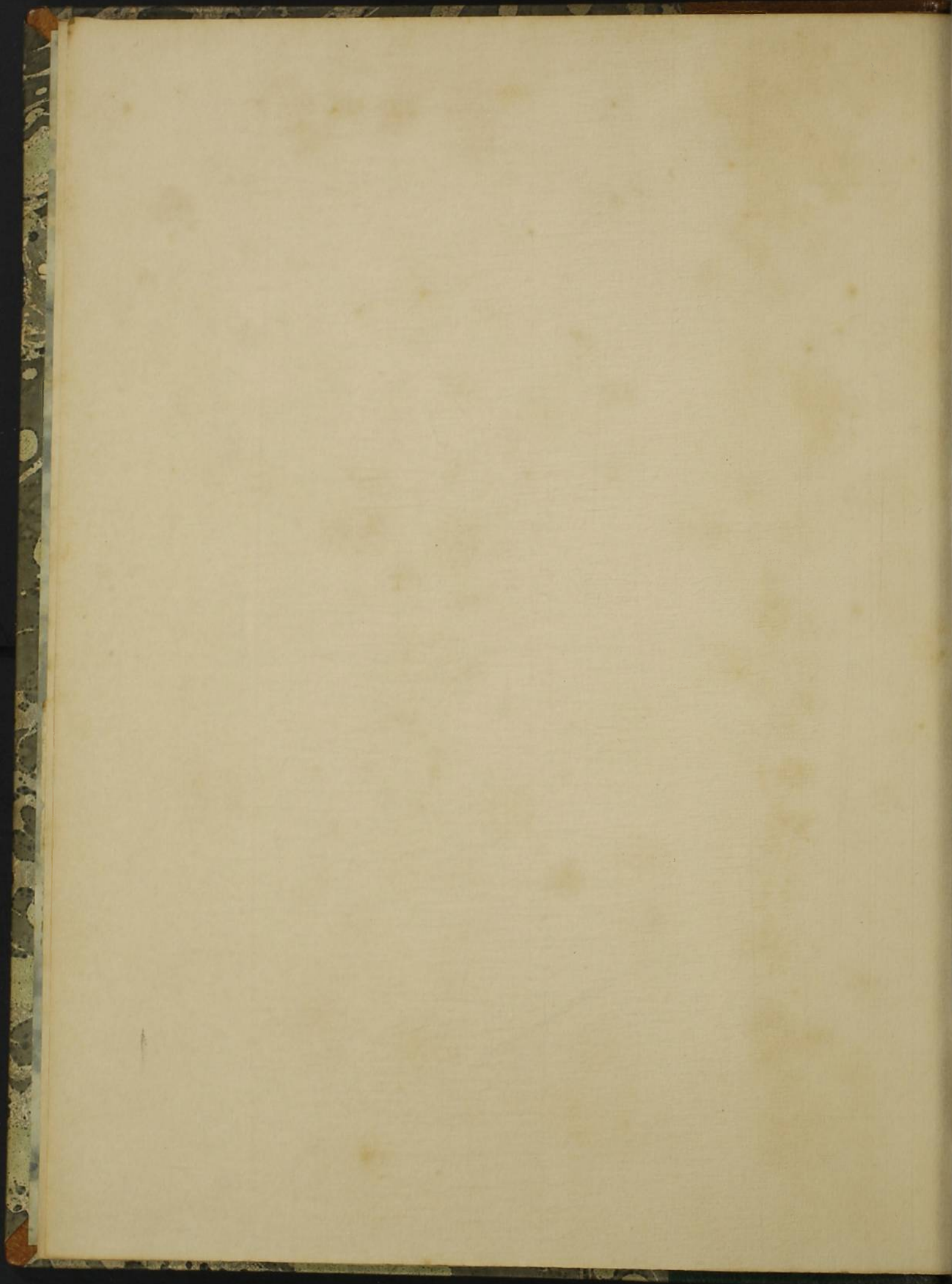
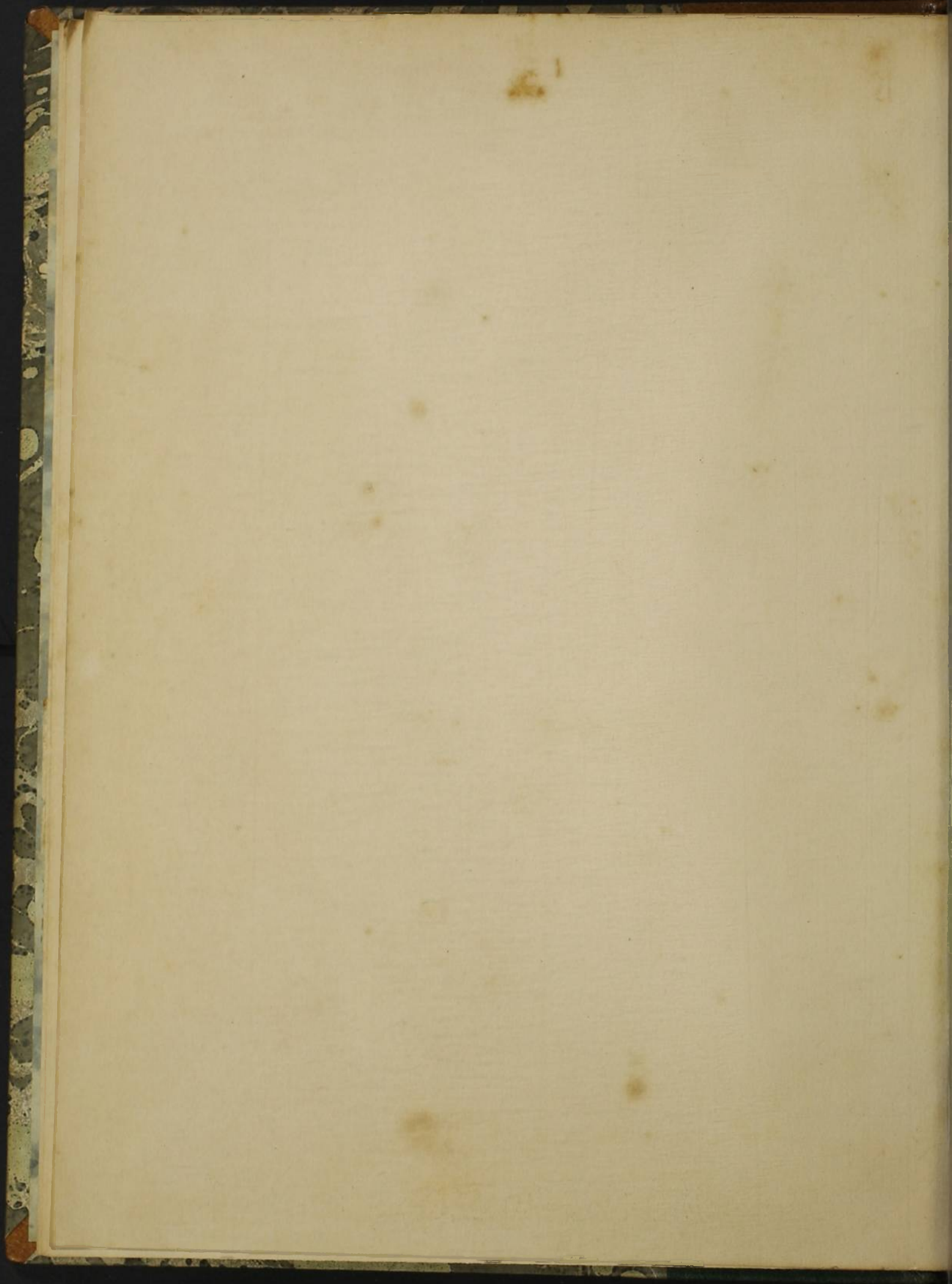










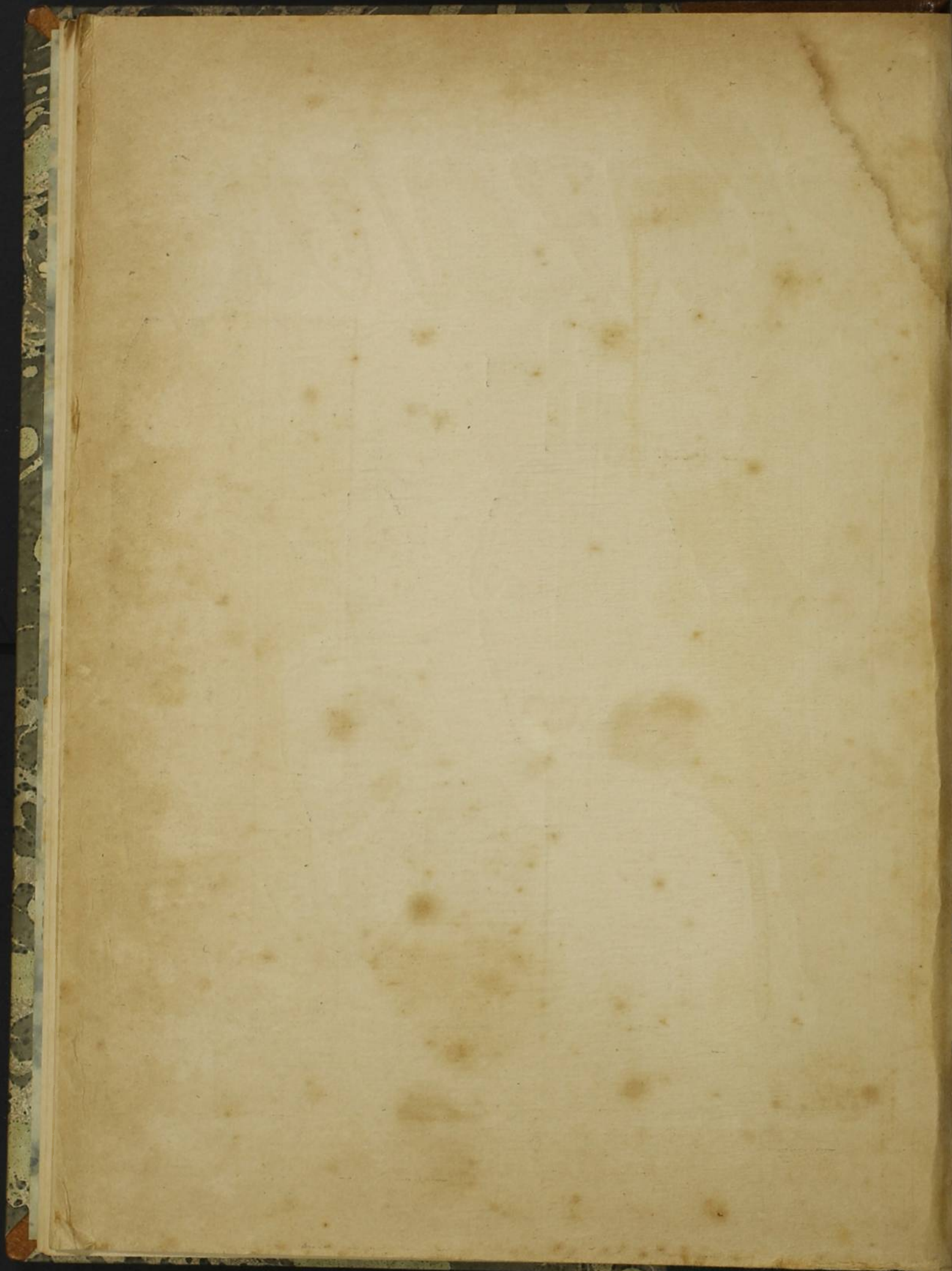


Velazarte



novio de andrade

Editora Piratininga S/a =
SÃO PAULO 1934



MARIO DE ANDRADE

BELAZARTE

(CONTOS)

CAPA DE
JOAQUIM ALVES

— 1934 —

EDITORIA PIRATININGA
SÃO PAULO

DO AUTOR:

- Ha Uma Gota de Sangue em cada Poema* - 1917 (poesia).
Paulicea Desvairada - 1922 - (poesia) - ed. Mayença.
A Escrava que não é Isaura - 1925 - (poética).
Losango Cáqui - 1926 - (lirismo).
Primeiro Andar - 1926 - (contos) - ed. Editora Piratininga.
Amar, Verbo Intransitivo - 1927 - (idílio) - ed. Antonio Tisi.
Clan do Jaboti - 1927 - (poesia).
Macunaima - 1928 - (rapsodia).
Ensaio sobre Musica Brasileira - 1928 - (estetica e folclore) - ed. Chiarato.
Compendio de Historia da Musica - 1929 - (2.º edição) - ed. L. G. Miranda.
Modinhas Imperiais - 1930 - (antologia) - ed. Chiarato.
Remate de Males - 1930 - (poesia).
Fräulein - 1933 - ("Amar, Verbo Intransitivo", adaptado pra americano, por M. Richardson Hollingsworth) - ed. Macaulay.
Belazarte - 1933 - (contos) - ed. Piratininga.

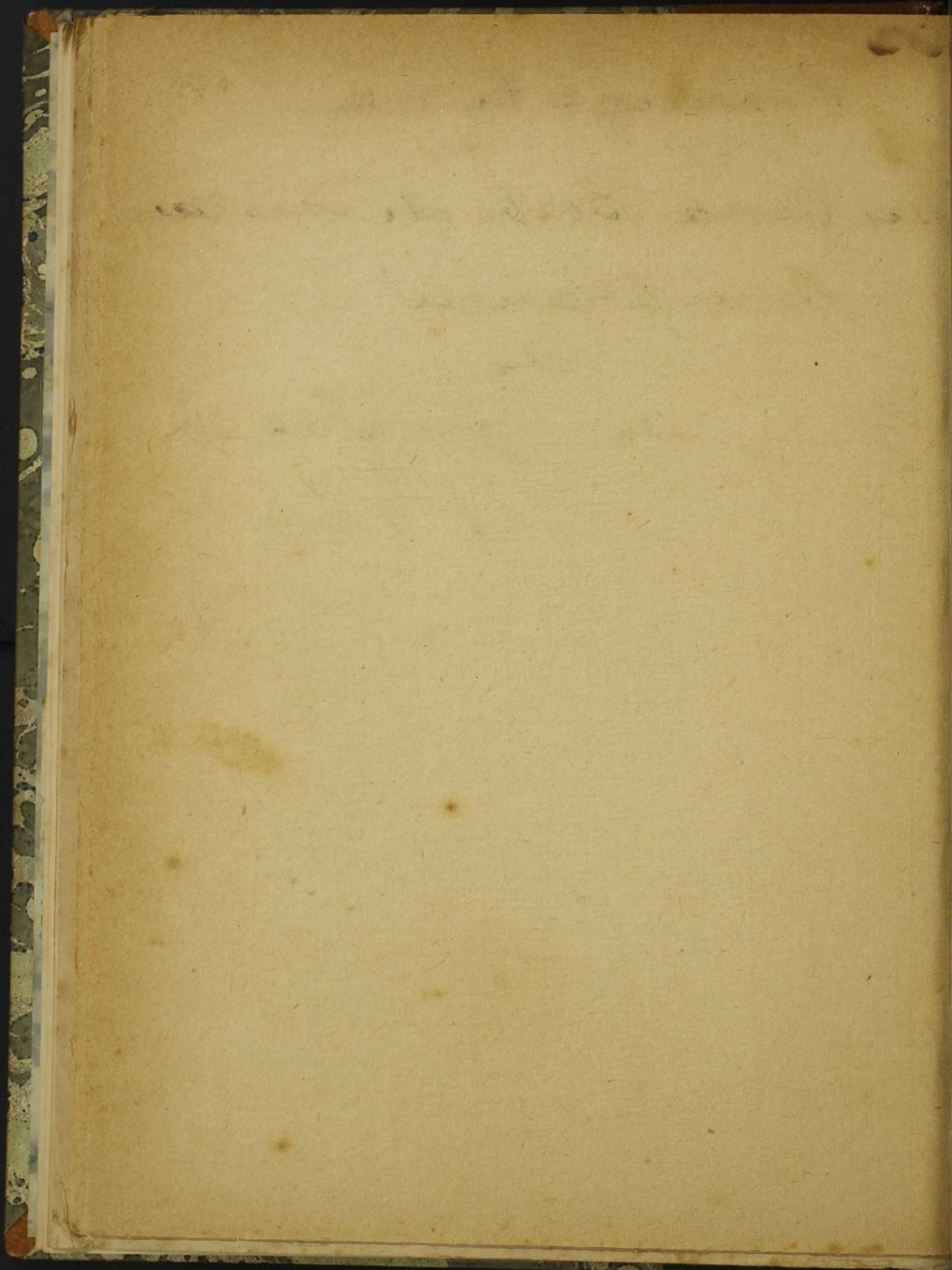
EM PREPARO:

- Música, doce Música* - (estudos musicais).
A Musica dos Brasis.
Café - (romance).
Na Pancada do Ganzá - (folclore nordestino).
João Bobo - (romance).
Dicionario Musical Brasileiro.

A Evangelina
e
Rubens Borba de Moraes,
com brança
de
Yis e Duda de
S. Paulo 28

A
ANTONIO
DE
ALCANTARA MACHADO

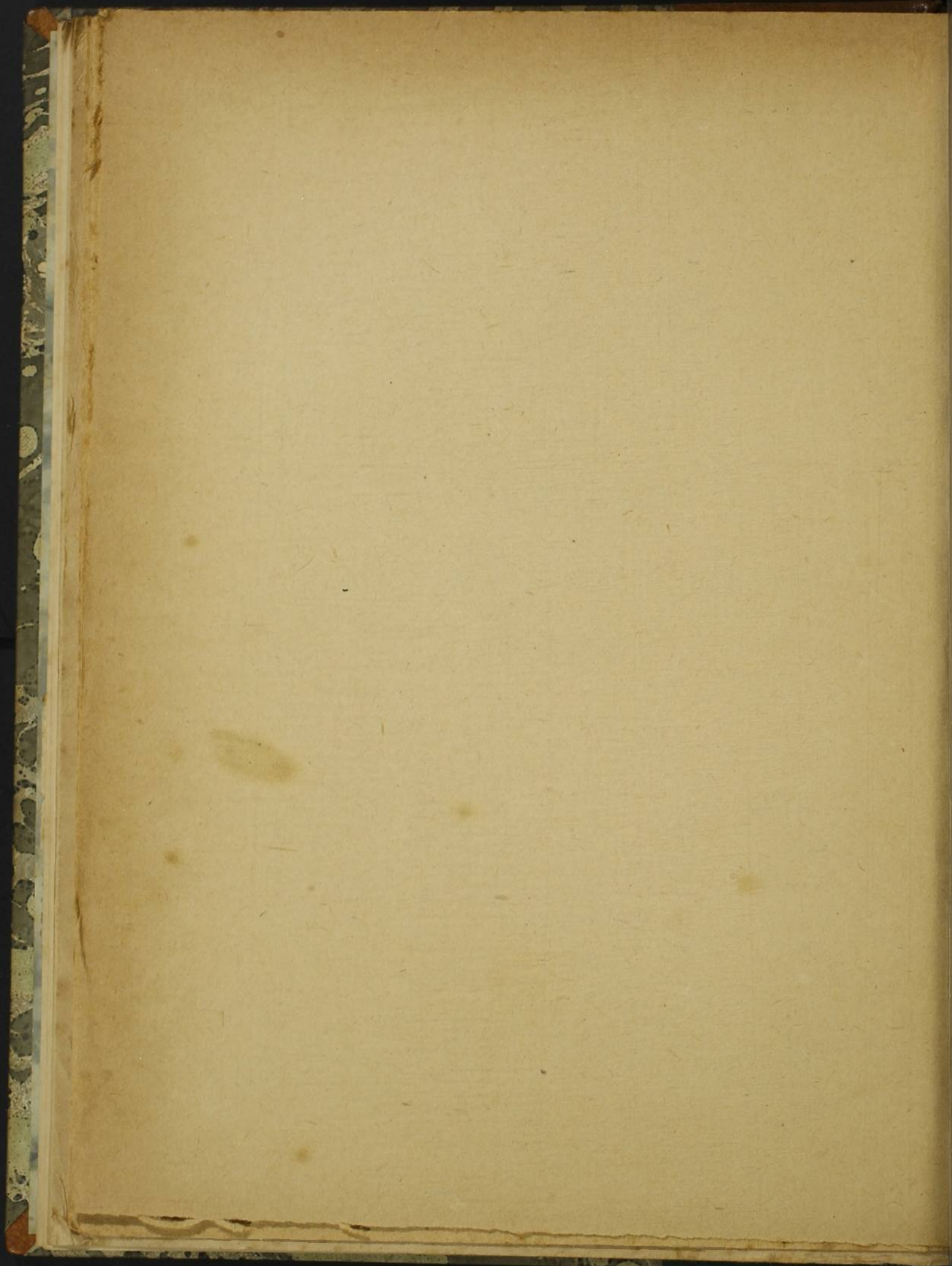
I
35



I

Caím, Caím e o resto

(1924)



Belazarte me contou:

Talvez ninguém reparasse, nem êles mesmo, porém foi sim, foi depois daquela noite, que os dois começaram a brigar por um nada. Dois manos brigando dêsse jeito... onde se viu! E dantes tão amigos... Pois foi naquela noite. Sentados um a par do outro, olhando a quermesse. O leilão estava engraçado. O Sadresky dera tres milréis por um cravo da Flora. Êta mulatinha esperta! Também com cada olhão de jaboticaba rachada, branco e preto luzindo melado, ver suco de jaboticaba mesmo... onde estará ela agora? até com seu doutor Cerquinho!...

— Você foi pagar a conta pra êle, Aldo?

— Já.

Contemplavam o povo entrançado no largo. Seguiam um, seguiam outro, pensando só com os olhos. Nem trocavam palavra, não era preciso: se conheciam bem por dentro. De repente viraram-se um pro outro como pra espiar aonde que o mano olhava. Aldo fixou Tino. Tino não quis retirar primeiro os olhos. Olho

que não pestaneja, cansa logo, fica ardendo que nem com areia e pega a relampear. Quatro fuzis, meu caro, quatro fuzis de raiva. Nem raiva, era odio já. Aldo fez assim um jeito de muchôcho pro magricela do irmão. Riu com desprezo. Tino arreganhou o focinho como gato assanhado.

Separaram-se. Aldo foi falar com uns rapazes. Tino foi falar com outros. A's vinte-e-duas horas tudo se acabava mesmo... voltaram pra casa. Mas cada qual vinha numa calçada. Braço a torcer é que nenhum dava, não vê! Dentro do quarto brigaram. Por um nadinha, questão de roupa na guarda da cama. Dona Maria veio saber o que era aquilo espantada. Foi uma discussão temível.

Da discussão pros murros não levou tres dias. E porquê? Ninguém sabia. A verdade é que a vida mudou pra aqueles tres. Inutil a mãe chorar, se lamentar, até insultando os filhos. Quê! nem si o defunto marido estivesse inda vivo!... Pegou fogo e a boa vida antiga não voltava mais.

E dantes tão irmãos um do outro!... Aldo até protegia Tino que era enfesado, côr escura. Herdara o brasileiro do pai, aquela côr caínha que não dava nada de si e uns musculinhos que nem o trabalho vivo de pedreiro concertava. Quando tirava fóra a camisa pra se lavar no sabado, qual! mesmo de camisa e palitó, as espaldas pousavam sobre o dorso curvo como duas asas fechadas.

E era mesmo um anjo o Tino. Tão quietinho! hu-

milde... Talhado pra sacristão. Cantava com voz fraca muito bonita, principalmente a "Mamma mia" num napolitano duvidoso de bairro da Lapa. Quando depois da janta, fazendo algum trabalhinho, lá dentro êle cantava, Aldo junto da janela sentia-se orgulhoso si algum passante parava escutando. Si o tal não parava, Aldo punha êste pensamento na cachola: "Esse não gosta de música... estúpido". Que alguém não apreciasse a voz do Tino, isso Aldo não podia pensar porquê adorava o mano.

Era bem forte. Puxara mais a mãe que o pai. Só que a gordura materna se transformava em musculos no corpo vermelho dele. Pois então, percebendo que os outros abusavam do Tino, não deixava mais que o irmão se empregasse isolado. Sempre estavam juntos na construção da mesma casa. Ganhavam bem.

Naquela casinha do bairro da Lapa a vida era de paraíso. Dona Maria lavava o que não dava o dia. O defunto marido, uma pena morrer tão cedo! fôra assinzinho... Homem, até fôra bom, porquê isso de beber no sabado, quem não bebe!... Paciencia, lavando também se ganha. Além disso, logo os filhos tão bonzinhos principiaram trabalhando. Si a Lina fosse viva... que bonita!... Felizmente os filhos a consolavam. Lhe entregavam todo o dinheiro ganho. Gente pobre e assim é raro.

— Meus filhos, mas vocês podem precisar... Então tomem.

Aqueles dois dez milréis duravam quasi o mês in-

teirinho. Fumar não fumavam. Uma guaraná no domingo, de vez em quando a entrada no Recreio ou no Carlos Gomes recentemente inaugurado, nos dias da Francesca Bertini ou do William Farnum.

Mas no geral os manos passavam os descansos junto da mãe. No verão iam prá porta. Aquelas noites mansas, imensas da Lapa... Plão, tlão, tralharão, tão, plão, plãorrrrr... bonde passava. E o silêncio. A casa ficava meia separada, sem vizinhos paredes meias. Na frente era o muro da fábrica, tal-e-qual uma cinta de couro separando a terra da noite esbranquiçada pela neblina. Chaminés. A cinquenta metros outras casas. O cachorro latia, uau, uau... uau...

— Pedro diz que vai deixar o emprêgo.

Silêncio.

— Vamos no jôgo domingo, Tino?

— Não vale a pena, o Palestra vai perder. Bianco não joga.

— Mas Amilcar.

— Você com seu Amilcar!

Silêncio. Tino não queria ir.

— E tanto pessoal, Aldo...

— Você quer, a gente vai cedo.

Silêncio. Aldo acabava fazendo a vontade do irmão.

A's vezes tambem algum camarada vinha conversar.

Agora? até já se comenta. Mãe que descomponha, que insulte... Mais chora que descompõe, a coitada!

Lá estão os dois discutindo, ninguém sabe porquê. De repente, tapas. E Tino não apanha mais que o outro, não pense. E' duma perversidade inventiva extraordinaria. O irmão acaba sempre sofrendo mais do que êle. Aldo é mais forte e por isso naturalmente mais saranga. Porém paciencia se esgota um dia. E quando se esgotava era cada surra no irmão! Tino ficava com a cara vermelha de tanta bofetada. Um pouco tonto dos sôcos. Aldo porém tinha sempre u'a mordida, u'a alfinetada, coisa assim com perigo de arruinar. Os estragos da briga duravam mais tempo nele.

Não se falavam mais. E agora cada qual andava num emprêgo diferente. O mais| engraçado é que quando um ia no cinema o outro ia tambem. Sempre era o Tino que espiava Aldo sair. Saía atrás.

Nunca iam á missa. De religião só tirar o chapéu quando passavam pela porta das igrejas. Porquê tiravam não sabiam. Tinham visto o pai fazer assim e muita gente fazia assim, faziam tambem, costume. Isso mesmo quando não estavam com algum compa-nheiro que era fachista e anticlerical porquê lêra no "Fanfulla". Então passavam muito indiferentes, mãos nos bolsos talvez. E não sentiam remorso algum.

Pois nesse domingo foram á N. S. da Lapa outra vez. Agora que estavam maus filhos, maus irmãos, enfim maus homens, davam pra ir á missa! Quando a reza acabou ficaram ali no adro da igreja meia construida. Cada um do seu lado, já sabe. Aldo á esquerda da porta. Tino á direita. Toda a gente foi saindo e

afinal tudo acabou. Ficaram apenas alguns rapazes proseando.

Aldo voltou pra casa com uma tristeza! Tino com outra que, você vai ver, era a mesma. Até se sentiram mais irmãos por um minuto. Minuto e meio. Desejos de voltar á vida antiga... Era só cada um chegar até no meio da rua, pronto: se abraçavam chorando. "Fratello!..." Que paz viria depois! Mas e o desespêro onde que leva, então? Reagiram contra o bom sentimento. Uma raiva do irmão... Uma raiva iminente do irmão. Dalí iam só procurar o primeiro motivo e agora que tinham mais essa tristeza por descarregar, temos tapa na certa.

Chegaram em casa e dito-e-feito: brigaram medonhamente. Porca la miseria, dava medo! Se engalfinharam mudos. Aldo, subia o sangue no rosto dele, tinha os olhos que nem fogaréu. Derrubou o mano, agarrou o corpo do outro entre os joelhos e páa! Tino se ajeitando, rilhava os dentes, muito pálido, engulindo tunda numa conta. A janela estava aberta... Dona Maria no quintal, não sei si ouviu, pressentiu com certeza, coitada! era mái... ia entrar. Porêrn teve que saudar primeiro a conhecida que vinha passando no outro lado da rua. Até quis botar um riso na boca prá outra não desconfiar.

— Sabe, dona Maria, a conhecida gritava de lá, a Teresinha vai casar! Com o Alfredo.

— Ahn...

— Pois é. De repente. Bom, até-logo.

— Té-logo.

O sôco parou no ar, inútil. Os dois manos se olharam. Viram muito bem que não havia mais razão pra brigas agora. Não havia mesmo. Deviam ser irmãos outra vez. A felicidade voltava na certa. Todo o sossego antigo... O sôco seguiu na trajetória, foi martelar na testa do Tino, peim! sêco, sêco. Tino com um jeito rapido, histerico, não sei como, virou um bocado entre as pernas de Aldo. Conseguiu com as mãos livres agarrar o pulso do outro. Encolheu-se todinho em bola e mordeu onde que poudé. Que dentada! Aldo puxou a mão desesperado, pleque! sofreu com o estralo do dedo que não foi vida. Mas por ver sangue é que cegou.

— Morde agora, seu filho-da-puta!

Na garganta. Apertou. Dona Maria entrava.

— Meu filho!

— Morde agora!

Tino desesperado buscava com as mãos alargar aquele nó. Sufocava. Encontrou no caminho a mão do outro. Uma coisa pendente, meia sôlta, molhada. Agarrou. E num esforço de última vida, puxou. Dona Maria não conseguia separar ninguém. Tino puxou, que eu disse, e de repente a mão dele sem mais resistencia riscou um semicirculo no ar. Foi bater no chão aberta ensanguentada, atirando pra longe o dedo arrancado de Aldo.

— Morde agora!

Tino se inteirando. Abriu com os dentes uma risada lateral. Até corara um pouco. Dona Maria chegava só ao portãozinho, gritando. Não podia ir mais além, lhe dava aquela curiosidade amorosa, entrava de novo. Tino se inteirando. Ela saía de novo:

— Socorro! meu filho!

Meu Deus, era domingo! Entrava de novo. Batia com as mãos na cabeça. Pois batesse forte com um pau na cabeça do Aldo! Mas quem disse que ela se lembrava de bater!

— Socorro! meu filho morre!

Entrava. Saía. A's vezes dava umas viravoltas, até parecia que estava dansando... Balancez, tour! Era horrível.

O primeiro homem que acorreu já chegou tarde. E só tres juntos afinal, conseguiram livrar o morto das mãos do irmão. Aldo como que enlouquecera, ôlho parado no meio da testa, boca aberta com uns resmungos ofegantes.

Levaram êle prêso. Dona Maria é que não sei como não enlouqueceu de verdade. Berrava atirada sobre o cadaver do filho, porém quando o outro foi-se embora na ambulancia, até bateu nos soldados. Foram brutos com ela. Esses soldados da Polícia são assim mesmo... gente mais ordinaria que ha! U'a mãe... compreende-se que tivesse atos inconcientes! Pois tivessem pacien-

cia com ela! Que paciencia nem mané paciencia! deram cada empurrão na pobre...

— Fique quieta, mulher, sinão levo ocê também!

Fecharam a portinhola e a sereia cantou numa fermata de "Addio", rumo da correição.

Seguiu-se toda a miseria do aparêlho judiciario. Solidão. Raciocinio. O julgamento. Aldo saiu livre. Praquê vale um dedo perdido? Caso de legítima defesa complicada com perturbação de sentidos, é logico, art. 32, art. 27 § 4.º... A medicina do advogadinho salvou o réu.

Recomeçou no trabalho. Muito silencioso sempre, sossegado. Parecia bom. A's vezes parava um pouco o gesto como que refletindo. Afinal todos na obra acabaram esquecendo o passado e Aldo encontrou simpatias. Camaradagens até. Não: camaradagem não porquê não dava mais que duas palavras pra cada um. Mas muitos operarios simpatizavam com êle. São coisas que acontecem, falavam, e a culpa fôra do mano, a prova é que Aldo saíra livre. E o dedo.

Mas o caso não terminou. Um dia Aldo desapareceu e nem semana depois encontraram êle morto num campo. Quem seria? Procura daqui, procura dali, a Polícia de São Paulo, você sabe, ás vezes é feliz, acabaram descobrindo que o assassino era o marido da Teresinha.

E porquê, agora! Ninguém não sabia. A pobre de Teresinha chorava agarrada nos dois filhinhos, ima-

ginando porquê seria que o marido matara êsse outro. De que se lembrava muito vagamente. E' capaz que dansei com êle numa festa? Mas não lembrava bem. Tantos moços... E não pertencera ao grupinho dela. Mas que o Alfredo era bom, ela jurava.

— Meu marido está inocente! repetia com vezes inuteis por dia.

O Alfredo gritava que fôra provocado, que o outro o convidara pra irem ver uma casa, não sei o quê! pra irem ver um terreno, e de repente se atirara sobre êle quando atravessavam o campo... Então praquê não veio contar tudo logo! Em vez: continuou tranquilo indo no serviço todo santo dia, muito satisfeito... que "fascinora"! Toda a gente estava contra êle, o Aldo tão quieto!...

O advogado devassou a serie completa dos argumentos de defeza propria. E lembrou com termos convincentes que o Alfredo era bom. Afinal vinte-e-dois anos de honestidade e boncomportamento provam alguma coisa, senhores jurados! E a Teresinha com as duas crianças ali, chorosa... Grupo comovente. O maior, de quinze meses, procurava enfiar o caracaxá vermelho na boca da mãe. Não brinque com essa história de isolar sempre que falo em mãe, o caso é triste! Pois tudo inutil. O criminoso estava com todos os dedos. Foi condenado a uma porrada de anos de prisão.

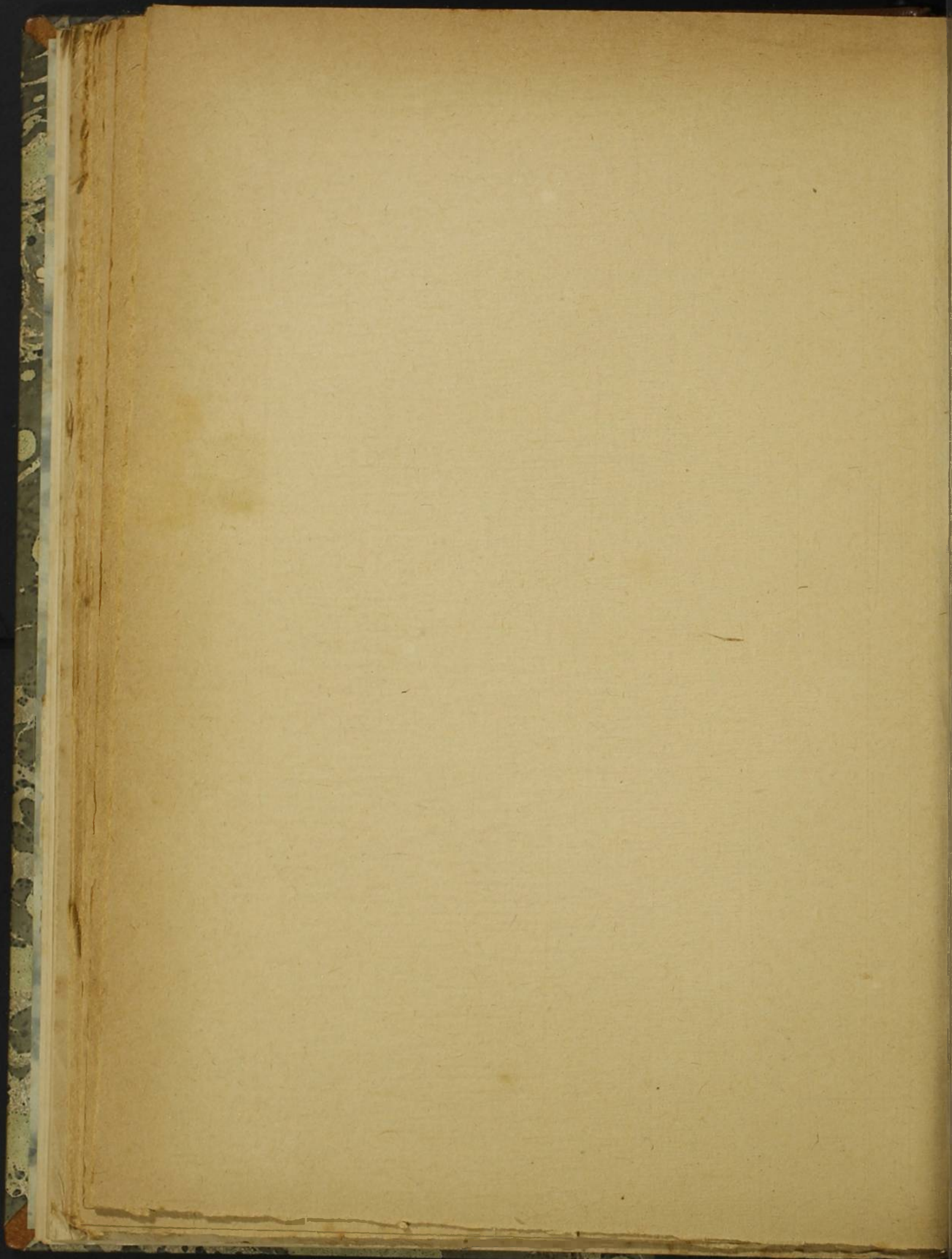
A Teresinha lavava roupa, costurava, mas qual! com filho de ano e pouco e outro mamando! Traba-

lhava mal. E, parece incrível! inda por cima com a mãe nas costas, velha sem valer nada... Si ao menos subesse aonde que estavam êsses irmãos pelas fazendas... Mas não ajudariam, estou certo disso, uns desalmados que nunca deram sinal de si... Então desesperava. Ralhava com a mãe. Dava nos pequenos que era uma judiaria.

A sogra, essa quando chegava até o porão da nora, trazia u'a esmola entre pragas. Odiava a moça. Adivinhava muito, com instinto de mãe, e odiava a moça. Amaldiçoava os netos. Os dez milréis sobre um monte de insultos ficavam ali atirados, aviltantes, relumeando no escuro. Teresinha pegava neles, ia comprar coisas pra si, pros filhos. Como ajudavam! Ainda sobrava um pouco pra facilitar o pagamento do aluguel no mês seguinte. Mas não lhe mitigavam a desgraça.

Tambem faziam propostas prá moça, que inda restavam uns bons pedaços de mulher no corpo dela. Recusava com medo do marido ao sair da prisão. Um assassino, credo!

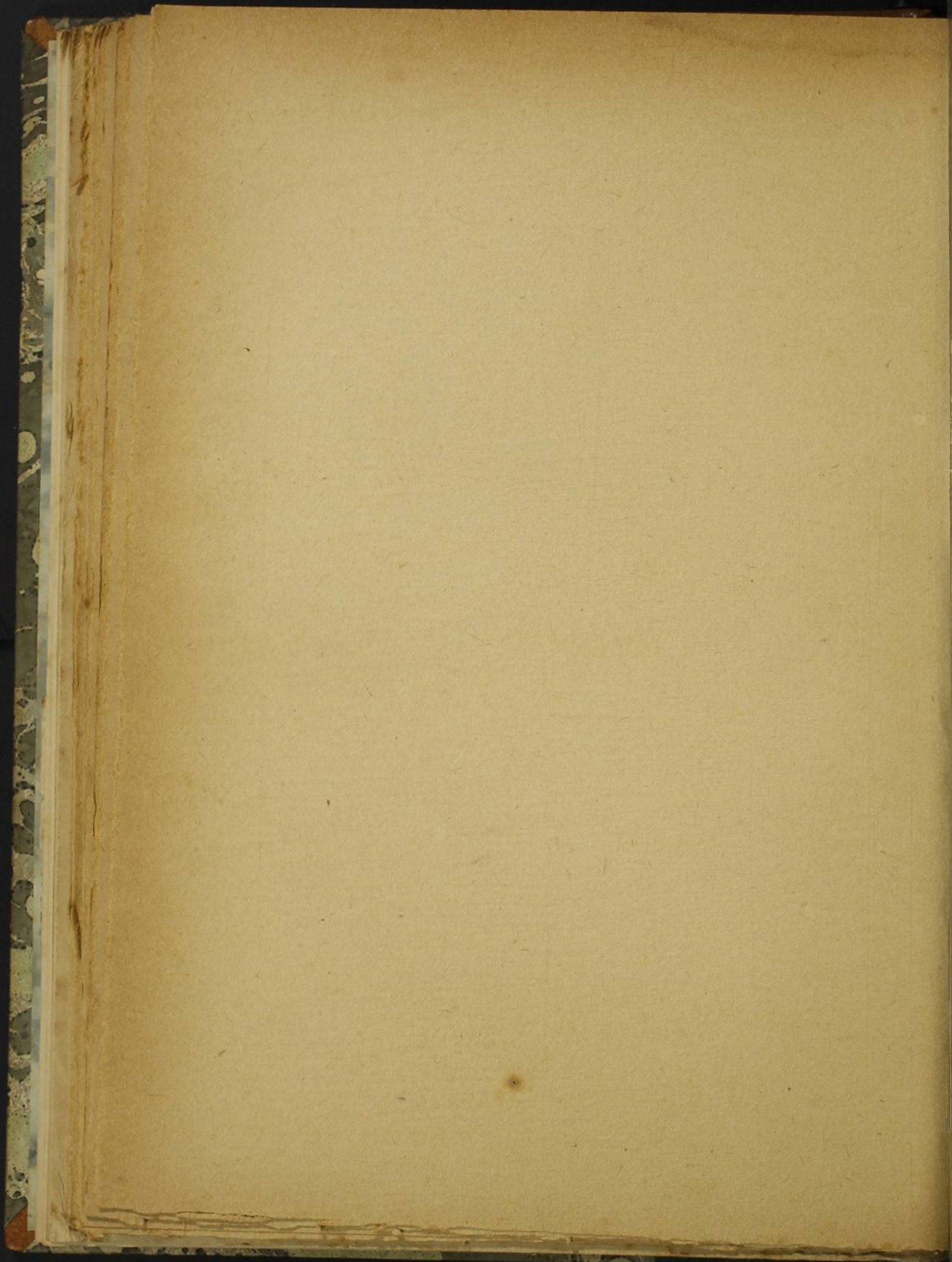
Teresinha era muito infeliz.



II

Piá não sofre ? Sofre

(1926)



Belazarte me contou:

Você inda está lembrado da Teresinha? Aquela uma que assassinou por tabela dois homens, os manos Aldo e Tino, e ficou com dois filhos quando o marido foi prá correição?... Parece que o sacrificio do marido tirou o mau-olhado que ela tinha. Foi desinfeliz como nenhuma, porêm ninguem mais assassinou por causa dela, ninguem mais penou. Só que o Alfredo lá ficou no palacio chique da Penitenciaria, ruminando os vinte anos de prisão que a companheira fatalizada tinha feito êle engulir. Injustiça, amargura, desejo... tantas coisas que muito bucho não sabe digerir com paciencia, resultado: o Alfredo teve uma dessas indigestões tamanhas de desespero que ficou dos hóspedes mais incomodos da Penitenciaria. Ninguem gostava dele, e o amargoso atravessava o tempo do castigo numa pinguela difficil e sem fim de castigui-nhos. Estou perdendo tempo com êle.

A Teresinha sofria, coitada! ainda semiboa no corpo e com a pabulagem de muitos querendo intimi-

dades com ela ao menos por uma noite paga. Recusou, de primeiro pensando no Alfredo gostado, em seguida pensando no Alfredo assassino. Estava já no quasi, porém vinha sempre aquela idea do Alfredo saindo da correição com uma faca nova pra destripa-la. E a virtude se conservava num susto frio, sem nenhum gôsto de existir. Teresinha voltava pra casa com uma raiva desempregada, que logo descarregava na primeira coisa mais frouxa que ela. Enxergava a mãe morrendo em pé por causa da velhice temporã, pondo cinco minutos pra recolher uma ceroula do coaral, pronto: atirava a trouxa de roupa-suja na velha:

— A senhora é capaz que vai dormir com a ceroula na mão!

Entrava. Podia-se chamar de casa aquilo! Era um rancho de tropeiro onde ninguém não mora, de tão suja. Dois aspetos de cadeira, a mesa e a cama. No assoalho havia mais um colchão, morado pelas baratas que de-noite dansavam na cara da velha, o torê natural dos bichinhos desta vida.

No outro quarto ninguém dormia. Ficou feito cozinha dessa familia passando muitas vezes dois dias sem fosforo acendido. Porquê fosforo aceso quer dizer carvão no fogãozinho portatil e algum dêsses alimentos de se cozinhar. E muitas vezes não havia alimentos de se cozinhar... Mas isso não fazia mal pro dicionario da Teresinha e da mãe, fogareiro não estava ali? E o dicionario delas dera pra aqueles estre-

tos metros cubicos de ar mofado o nome estapafurdio de cozinha.

Nessa especie de tapera a moça vivia com a mãe e o filhote de sobra. De sobra em todos os sentidos, sim. Sobrava porquê afinal amor prá Teresinha, meu Deus! vivendo entre injustiças de toda a sorte, desejando homem pro corpo e não tendo, se esquecendo do Alfredo gostado pelo Alfredo ameaçando e já com morte na consciencia... E só tendo na mão consolada pela agua pura, ceroulas, calças, meias com mais de sete dias de corpo suado... E alem do mais, odiando uns fregueses sempre devendo a semana retrasada... Tudo isso a Teresinha aguentava. E pra tampar duma vez todos os vinhos do amor, inda por cima chegava a peste da sogra amaldiçoada, odiada mas desejada por causa dos dez milréis deixados mensalmente ali. A figlia dun cane vinha, emproada porquê tinha de seu aí por uns trinta contos, não sei, e desbaratava com ela por um nadinha.

Podia ter amor u'a mulher já feita, com trinta anos de sêca no prazer, corpo cearense e alma ida-se embora desde muito!... E o Paulino faziam já quasi quatro anos, dos oito meses de vida até agora, que não sabia o que era calor de peito com seio, dois braços apertando a gente, uma palavra "figliuolo mio" vinda em cima dessa gostosura, e a mesma boca enfim se aproximando da nossa cara, se ajuntando num

chupão leve que faz bulha tão doce, beijo de nossa mãe...

Paulino sobrava naquela casa.

E sobrava tanto mais, que o esperto do maninho mais velho quando viu que tudo ia mesmo por água abaixo, teve um anjo-da-guarda caridoso que depositou na língua do felizardo o microbio do tifo. Microbio foi pra barriguinha dele, agarrou tendo filho e mais filho a milhões por hora, e nem passaram duas noites, havia lá por dentro um footing tal da microbiada marchadeira, que o asfaltinho das tripas se gastou e o desbatisado foi pro limbo dos pagãos sem culpa. Sobrou Paulino.

E' logico que êle não podia inda saber que estava sobrando assim tanto neste mundo duro, porém sabia muito bem que naquela casa não sobrava nada pra comer. Foi crescendo na fome. A fome era o alimento dele. Sem por consciencia nos misterios do corpo, êle acordava assustado. Era o anjo... que anjo-da-guarda! era o anjo da malvadeza que acordava Paulino altas horas pra êle não morrer. O desgraçadinho abria os olhos na escuridão cheirando ruim do quarto, e inda meio que percebia que estava se devorando por dentro. De primeiro êle chorava.

— Stá zito, guaglione!

Que "stá zito" nada! Fome vinha apertando... Paulino se levantava nas pernas de arco, e balanceando chegava afinal junto á cama da mãe. Cama... A

cama grande ela vendeu quando esteve uma vez com a corda na garganta por causa do médico pedindo aquilo ou vinte bagarotes pela cura do pé arruinado. Deu os vinte vendendo a cama. Cortou o colchão pelo meio e botou a metade sobre aqueles tres caixões. Essa era a cama.

Teresinha acordava da fadiga com a mãozinha do filho batendo na cara dela. Ficava desesperada de raiva. Atirava a mão no escuro, acertasse onde acertasse, nos olhos, na boca-do-estomago, pláa!... Paulino rolava longe com uma vontade legítima de botar a boca no mundo. Porém o corpo lembrava duma feita em que a choradeira fizera o salto do tamanco vir parar mesmo na boca dele. Perdia o gôsto de berrar. Ficava choramingando tão manso que até embalava o sono da Teresinha. Pequenininho, redondo, encolhido, talqualmente tatuzinho de jardim.

O sofrimento era tanto que acabava desprezando os pinicões da fome, Paulino adormecia de dor. De madrugada, o tempo esfriando acordava o corpo dele outra vez. Meio esquecido, Paulino espantava de se ver dormindo no assoalho, longe do colchão da vó. Estava com uma dorzinha no ombro, outra dorzinha no joelho, outra dorzinha na testa, direito no lugar encostado no chão. Percebia muito pouco as dorzinhas, por causa da dor guassú do frio. Engatinhava medroso, porquê a escuraleza estava já toda animada com as assombrações da aurora, abrindo e fechando

o olho das frestas. Espantava as baratas e se aninhava no calor ilusorio dos ossos da avó. Não dormia mais.

Afinal, ali pelas seis horas, já familiarizado com a vida por causa dos padeiros, dos leiteiros, dos homens cheios de comidas que passavam lá longe, um calor custoso nascia no corpo de Paulino. Porém a mãe também já estava acordando com as bulhas da vida. Sentada, vibrando com a sensualidade matinal que bota a gente louco de vontade, a Teresinha quasi se arrebatava, apertando os braços contra a peitaria, o ventre e tudo, forçando tanto uma perna contra a outra que sentia uma dor nos rins. Nascia nela esse odio impaciente e sem destino, que vem da muita virtude conservada a custo de muita miseria, virtude que ela mesma estava certa, mais dia menos dia tinha de se acabar. Procurava o tamanco, dando logo o estrilo com a mãe, "si não sabia que não era mais hora de estar na cama", que fosse botar agua na tina, etc.

Então Paulino, antes das duas mulheres, abandonava o calor nascente do corpo. Ia já rondar a cozinha porquê estava chegando o momento mais feliz da vida dele: o pedaço de pão. E que domingo pro Paulino quando, porquê um freguês pagou, porquê a sogra apareceu, coisa assim, alem do pão, bebiam café com assucar!... Chupava depressa, queimando a lingua e os beicinhos brancos, aquela agua quente, su-

blime de gostosa por causa duma pitadinha de café. E saía comer o pão lá fóra.

Na frente da casa não. Era lá que ficavam a torneira, as tinas e o coaral. As mulheres estavam fazendo suas lavagens de roupa e era ali na piririca: briga e descompostura o tempo todo. Quem pagava era o reinação do Paulino. Acabava sempre com um pão mal comido e algum cocre de inhapa bem no alto da sinagoga, doendo fino.

Deixou de ir pra lá. Abria a porta só encostada da cozinha. Descia o degrau. Ia correcorrendo se rir prá alegria do frio companheiro, por entre os tufo de capim e as primeiras moitas de carrapicho. Esse matinho atrás da casa era a floresta. Ali Paulino curtia as penas sem disfarce. Sentado na terra ou dando com o calcanhar nos olhos dos formigueiros, principiava comendo. De repente quasi caía levantando a perninha, ai! do chão, pra matar a saúva ferrada no tornozelinho de bico. Erguia o pão caído e recomeçava o almôço, achando graça no requetrequê que a areia ficada no pão, ganzava agora nos dentinhos.

Mas não esquecia da saúva não. Pão acabado, surgia, distraindo a fome nova, o guerreiro crila. Procurava uma lasca de pau, ia caçar formigas no matinho. Afinal, matinho não muito pequeno porquê dava atrás na varzea, e não havia sinão um lembrete de cêrca fechando o terreno. Mas nunca Paulino penetrou na varzea que era grande demais pra êle. Lhe bastara

sempre aquele matinho gigante, sem planta com nome, onde o Sol mais preguiça nunca deixava de entrar.

Graveto em punho lá ia em busca de saúva. As formiguinhas menores, não se importava com elas não. Só arremetia contra saúva. Quando achava uma, perseguia-a paciente, rompendo entre os ramos entrançados dos arbustos, donde muitas vezes voltava com a mão, a perna ardendo por ter relado nalgum mandarová. Trazia a saúva pro largo e levava horas brincando com a desgraçadinha até a desgraçadinha morrer.

Quando ela morria, o sofrimento recomeçava pra Paulino. Era fome. O Sol já estava alto, porém Paulino sabia que só depois das fábricas apitarem havia de ter feijão com arroz nos tempos ricos, ou novo pedaço de pão nos tempos felizmente mais raros. Batia uma fome triste nele que outra saúva combatida não conseguia distrair mais. Banzava na desgraça, melancolizado com a repetição do sofrimento quotidiano. Sentava em qualquer coisa, descansando a bochecha na mão, cabeça torcidinha, todo penaroso. Afinal, nalguma sombra rendada, aprendeu a dormir de fome. Adormecia. Sonhava não. As moscas vinham lhe bordando de asas e zumbidos a boquinha aberta, onde um resto de adocicado ficou. Paulino dormindo fecha de repente os beiços caceteados, se mexe, abre um pouco as perninhas encolhidas e mija quente em si.

Sono curto. Acordou muito antes das fábricas api-

tarem. Mastigou a boca esfomeada. Recolheu com a língua os sucos perdidos nos beijos. Requetreque de areia e uma coisinha meia doce no paladar. Tirou com a mão pra ver o que era. Eram duas moscas. Moscas sim, porém era meio adocicado. Tornou a botar as moscas na língua, chupou o gostinho delas, enguliu.

Foi assim o princípio dum disfarce da fome por meio de todas as coisas engulíveis do matinho. Não tardou muito e virou "papista" como se diz: trocou a caça das saúva pelos piquiniques de terra molhada. Comer formiga então... Junto dos montinhos dos formigueiros encostava a cara no chão com a língua pronta. Quando formiga aparecia, Paulino largava a língua habil, grudava nela a formiga, e a esfregando no céu-da-boca sentia um redondinho infinitesimal. Punha o redondinho entre os dentes, trincava e engulia o guspe ilusorio. E que ventura si topava com alguma correição! De gatinhas, com o fiofó espiando as nuvens, lambia o chão tamanduamente. Apagava a carreira viva de formiga em tres tempos.

Nessa esperança de matar a fome, Paulino foi descendo a coisas nojentas. Isto é, descendo, não. Era incapaz de por gerarquia no nojo, e até o último comestível inventado foi formiga. Porém não posso negar que uma vez até uma barata... Agarrou e foi-se embora mastigando, mais inocente que vós filhos dos nojos. Porém, compreende-se: eram alimentos que não davam sustancia nenhuma. Fábrica apitava e o arroz-

com-feijão vinha achar Paulino empanturrado de ilusões, sem fome. Pegou aniquilando, escurecendo que nem dia de inverno.

Teresinha não reparava. O buçal da virtude estava já tão gasto que via-se o momento da moça desembeitar livre, vida fóra. Foi a tempo em que tapa choveu por todas as partes de Paulino cegamente, caísse onde caísse. Quando ela vinha pra casa já escutava a companhia do Fernandez, carroceiro. Era um mancebo de boa tradição, desempenado, meio lerdo, porém com muita energia. Devia de ter vinte-e-cinco anos, si tinha! e se engraçou pela envelhecida, Freud conte porquê. Buçal arrebentou. Quando êle poudo carregar a trouxa pra ela, veio até a casa, entrou que nem visita, e Teresinha ofereceu café e consentimento. A velha, sujando a lingua com os palavrões mais incompreensíveis, foi dormir na cozinha com Paulino espantado.

Em todo caso a boia melhorou, e o barrigudinho conheceu o segredo da macarronada. Só que tinha muito medo do homem. Fernandez fizera uma festinha pra êle na primeira aparição, e quando saiu do quarto de-manhã e beberam café todos juntos, Paulino confiado foi brincar com a perna comprida do homem. Mas tomou com um safanão que fez êle andar de orelha murcha um tempo.

E' logico que a sogra havia de saber daquilo. Soube e veio. Teresinha muito fingida falou bom-dia

pra ela e a velha respondeu com duas pedras na mão. Porêem agora Teresinha não carecia mais da outra e refricou, assanhada feito irara. Bateboca tremendo! Paulino nem tinha pernas pra abrir o pala dali, porquê a velha apontava pra êle, falando "meu neto" que mais "meu neto" sem parada. E mandava que Teresinha agora se arranjasse, porquê não estava pra sustentar cachorrice de italiana acueirada com espanhol. Teresinha secundava gritando que espanhol era muito melhor que brasileiro, sabe! sua filha de negro! mãe de assassino! Não careço da senhora, sabe! mulata! mulatona! mãe de assassino!

— Mãi de assassino é tu, sua porca! Tu que fêz meu filho sê infeliz, maldiçoada do diabo, carcamana porca!

— Sáia já daqui, mãe de assassino! A senhora nunca se amolou com seu neto, agora vem com prosa aí! Leve seu neto si quiser!

— Pois levo mesmo! coitadinho do inocente que não sabe a mãe que tem, sua porca! sua porca!

Suspendeu Paulino esperneando, e lá se foi batendo salto, ajeitando o chale de domingo, por entre as curiosas raras do meidia. Inda virou, aproveitando a assistencia pra mostrar como era boa:

— Escute! Vocês agora, não pago mais aluguel de casa pra ninguém, ouviu! Protegi você porquê era mulher de meu filho desgraçado, mas não tou pra dar pouso pra egua, não!

Mas a Teresinha, louca de odio, já estava olhando em torno pra encontrar um pau, alguma coisa que matasse a mulatona. Esta achou melhor partir duma vez, triunfante ploque ploque.

Paulino ia ondulando por cima daquelas carnes quentes. Chorava assustado, não tendo mais noção da vida, porquê a rua nunca vista, muita gente, aquela mulher estranha e êle sem mãe, sem pão, sem matinho, sem vó... não sabia mais nada! Meu Deus, como era desgraçado! Teve um medo pavoroso no corpinho azul. Inda por cima não podia chorar á vontade porquê reparara muito bem, a velha tinha um sapatão com salto muito grande, pior que tamanco. Devia de ser tão doído aquele salto batendo no denticinho, rasgando o beijo da gente... E Paulino horrorizado enfiava quasi as mãozinhas na boca, inventando até bem artisticamente a função da surdina.

— Pobre de meu neto!

Com a mão grande e bem quente pegou na cabeceira dele, ajeitando-a no pescoço de borracha. Carregado gostoso naqueles braços bons, com o chale dando inda mais quentura prá gente ser feliz... E a velha olhou pra êle com olhos de piedade confortante... Meu Deus! que seria aquilo tão gostoso!... E' assomo de ternura, Paulino. A velha apertou-o no peito abraçando, encostou a cara na dele, e depois deu beijos, beijos, revelando pro piá êsse misterio maior. Paulino quis sossegar. Pela primeira vez na vida

o conceito de futuro se alargou até o dia seguinte na idea dele. Paulino sentiu que estava protegido, e no dia seguinte havia de ter café-com-assucar na certa. Pois a velha não chegara a boca ajuntada bem na cara dele e não dera aquele chupão que barulhava bom? Dera. E a idea de Paulino se encompridou até o dia seguinte, imaginando um canecão do tamanho da velha, cheinho de café-com-assucar. Foi se rir prás duas lagrimas piedosas dela, porém bem no meio da gota apareceu uma botina que foi crescendo, foi crescendo e ficou com um tacão do tamanho da velha. Paulino reprincipiou chorando baixo, que nem nas noites em que o acalanto da manha embalava o sono da Teresinha.

— Ara! tambem agora basta de chorar! Ande um pouco, vamos!

O salto da botina encompridou enormemente e era a chaminé do outro lado da rua. O pranto de Paulino parou, mas parou engasgado de terror. Chegaram.

Esta era uma casa de verdade. Entrava-se no jardimzinho com flor, que até dava vontade de arrancar as semprevivas todas, e, subida a escadinha, havia uma sala com dois retratos grandes na parede. Um homem e uma mulher que era a velha. Cadeiras, uma cadeira grande cabendo muita gente nela. Na mesinha do meio um vaso com uma flor cor-de-rosa que nunca murchou. E aquelas toalhinhas brancas nas cadeiras

e na mesa, que devia distrair a gente cortando tantas bolotinhas...

O resto da casa assombrou dêsse mesmo jeito o despatriado. Depois apareceram mais duas moças muito lindas, que sempre viveram de sáia azul marinho e blusa branca. Olharam duras pra êle. Aqueles quatro olhos negros desceram lá do alto e tuque! deram um cocre na alma de Paulino. Ele ficou tonto, sem movimento, grudado no chão.

D'aí foi uma discussão terrível. Não sei o quê a velha falou, e uma das normalistas respondeu atravessado. A velha asperejou com ela falando no "meu neto". A outra respondeu gritando e uma tormenta de "meu neto" e "seu neto" relampagueou alto sobre a cabeça de Paulino. A história foi piorando. Quando não teve mais agudos prás tres vozes subirem, a velha virou um bofete na filha da frente, e a outra fugindo escapou de levar com a colher bem no coco.

A invenção de Paulino não podia ajuntar mais horrores. E o engraçado é que o horror pela primeira vez despertou mais a intelligencia dele. O conceito de futuro que fazia pouco atingira até o dia seguinte, se alongou, se alongou até demais, e Paulino percebeu que entre raivas e maus tratos havia de passar agora o dia seguinte inteiro e o outro dia seguinte e o outro, e nunca mais haviam de parar os dias seguintes assim. E' logico: sem ter a soma dos números, mais de

tres mil anos de dias seguintes sofridos, se ajuntaram no susto do piá.

— Vá erguer aquela colher!

As metades do arco se moveram ninguém sabe como, Paulino levantou a colher do chão, deu-a prá velha. Ela guardou a colher e foi lá dentro. A varanda ficou vazia. Estava tudo arranjado, e as sombras da tarde rápida entravam apagando as coisas desconhecidas. Só a mesa do centro inda existia nitidamente, riscada de vermelho e branco. Paulino foi se encostar na perna dela. Tremia de medo. Chiava um cheiro gostoso lá dentro, e da sombra da varanda um barulhinho monotonico, tique-taque, regulava as sensações da gente. Paulino sentou no chão. Uma calma grande foi cobrindo o pensamento aniquilado: estava livre do tacho da velha. Ela não era que nem a mãe não. Quando tinha raiva não atirava botina, atirava uma colher levinha, brilhando de prateada. Paulino se encolheu deitado, encostando a cabeça no chão. Estava com um sono enorme de tanto cansaço nos sentimentos. Não havia mais perigo de receber com tamanco no dentinho. A mulatona só atirava aquela colher prateada. E Paulino ignorava si colher doía muito batendo na gente. Adormeceu bem calmo.

— Levante! que é isso agora! Como esse menino deve ter sofrido, Margot! Olhe a magreira dele!

— Pudera! com a mãe na gandaia, festando dia e noite, você queria o quê, então!

— Margot... você sabe bem certo o que quer dizer puta, heim? Eu acho que a gente pode falar que Paulino é filho-da-puta, não?

Se riram.

— Margot!

— Senhora!

— Mande Paulino aqui pra dar comida pra êle!

— Vá lá dentro, menino!

As pernas de arco balançaram mais rapidas. Uma cozinha em que a gente não podia nem se mexer. A velha boa inda puchou o capacho da porta com o pé:

— Sente aí e coma tudo, ouviu!

Era arroz-com-feijão. A carne, Paulino viu com olho comprido ela desaparecer na porta da varanda. Menino de quatro anos não come carne, de certo imaginou a velha, meia em dificuldades sempre com a educação das filhas.

E a vida mudou de miserias pra Paulino, mas continuou a sempre miseravel. Boia melhorou muito e não faltava mais, porém Paulino estava sendo perseguido pelos vícios do matinho. Nunca mais a mulatona teve daqueles assomos de ternura do primeiro dia. Era uma dessas cujo mecanismo de vida não difere muito do cumprimento do dever. Aquele beijo fôra sincero, mas apenas dentro das convenções da tragedia. Tragedia acabara e com ela a ternura também. E no entanto ficara muito em Paulino a saudade dos beijos!...

Quis se chegar prás moças porêem elas tinham raiva dele, e podendo, beliscavam. Assim mesmo a mais moça, que era uma curiosa do apá virado e nunca tirava as notas da Margot na escola, Nininha, é que tomara pra si dar banho no Paulino. Quando chegava no sabado, o pequeno meio espantado e muito com medo de beliscão, sentia as caricias dum rosto lindo em fogo se esfregando no corpinho dele. Acabava sempre aquilo, a menina com um raiva bruta, vestindo depressa a camisolinha nele, machucando, "fica direito, peste!" pronto: um beliscão que doía tanto, meu Deus!

Paulino descia a escada da cozinha, ia muito jururú pelo corredorzinho que dava no jardim da frente, puxava com esforço o portão sempre encostado, sentava, punha a mão na bochecha, cabecinha torcida pro lado e ficava ali, vendo o mundo passar.

E assim, entre beliscões e palavras duras que êle não entendia nada, "menino fogueto", "filho de assassino", êle tambem passava feito o mundo: magro escuro terroso, cada vez se aniquilando mais. Mas o quê que havia de fazer? Bebia o café e já falavam pra êle que fosse comer o pão no quintal sinão, porco! sujava a casa toda. Ia pro quintal, e a terra estava tão humida, era uma tentação danada! Nem êle punha reparo que era uma tentação porquê nenhum cocre, nenhuma colherada, o proibira de comer terra. Treque-trrleque, mastigava um bocadinho, engulia, mas-

tigava outro bocadinho, engulia. E ali pelas dez horas sempre, com a pressa das normalistas assombrando a calma da vida, tinha que assentar naquele capacho pinicando, tinha que engulir aquele feijão-com-arroz num fastio impossível...

— Nossa Senhora, êsse menino não come! Oi só com que cara êle olha prá comida! Praquê que tu suja a cara de terra dêsse jeito, heim, seu porcalhão!

Paulino assustava, e o instinto fazia êle engulir em sêco esperando a colherada nunca vinda. Porém desta vez a velha tivera uma iluminação no mecanismo:

— Será que!... Você anda comendo terra, não! Deixe ver!

Puxou Paulino prá porta da cozinha, e com aquelas duas mãos enormes, queimando de quentes:

— Abra a boca, menino!

E arregaçava os beiços dele. Terra nos dentinhos, na gengiva.

— Abra a boca, já falei!

E o dedo escancarava a boquinha terrenta, lingua aparecendo até a raiz, todinha da cor do barro. A sova que Paulino levou nem se conta! Principiou com o tapa na boca aberta, que até deu um som engraçado, bóo! e não posso falar como acabou de tanta mistura de cocre beliscão palmadas. E palavriado, que afinal pra criancinha é tapa também.

Então é que principiou o maior martirio de Pau-

lino. Dentro da casa, nenhuma queria que êle ficasse. Tinha mesmo que morar no quintal. Antes do pão pôrêm, já vinha uma sova de ameaças, tão dura, palavra-de-honra: Paulino descia a escadinha completamente abobado, sentindo o mundo bater nele. E agora?... Pão acabou e a terra estava ali toda oferecida chamando. Mas aquelas tres beliscadoras não queriam que êle comesse a terra gostosa... Oh tentação pro pobre santantoninho! Queria comer e não podia. Podia, mas depois lá vinha de hora em hora o dedão da velha furando a boquinha dele... Como?... Não como?... Fugia da tentação, subia a escadinha, ficava no alto sentado, botando os olhos na parede pra não ver. E a terra sempre chamando ali mesmo, boa, inteirinha dele, cinco degraus faceis em baixo...

Felizmente não sofreu muito não. Tres dias depois, não sei si brincou na porta com os meninos de frente, apareceu tossindo. Tosse aumentou, foi aumentando, e afinal Paulino escutou a velha falar, fula de contrariedade, que era tosse-de-cachorro. Si haviam de levar o menino no médico, em vez, vamos dar pra êle o xarope que dona Emilia ensinou. Nem xarope de dona Emilia, nem os cinco milréis ficados no boticario mais chué do bairro, sararam o coitadinho. Tinha mesmo de esperar a doença, de tanto não encontrando mais sonoridade pra tossir, ir-se embora sozinha.

O coitado nem bem sentia a garganta arranhan-

do, já botava as mãozinhas na cabeça, inquieto muito! engulindo apressado pra ver si passava. Ia procurando parede pra encostar, vinha o acesso. Babando, ôlho babando, nariz babando, boca aberta não sabendo fechar mais, babando numa conta. O coitadinho sentava no lugar onde estava, fosse onde fosse porquê sinão caía mesmo. Cadeira girava, mesa girava, cheiro de cozinha girava. Paulino enjoado atordoadado, quebrado no corpo todo.

— Coitado. Olhe, vá tossir lá fóra, você está sujando todo o chão, vá!

Ele arranjava jeito de criar fôrça no medo, ia. Vinha outro acesso, e Paulino deitava, boca beijando a terra mas agora sem nenhuma vontade de comer nada. Um tempo estirado passava. Paulino na mesma posição. Corpo nem doía mais, de tanto abatimento. Cabeça não pensando mais, de tanto choque aguentado. Ficava ali, e a humidade da terra ia piorar a tosse e havia de matar Paulino. Mas afinal aparecia uma forcinha, e vontade de levantar. Vai levantando. Vontade de entrar. Mas podia sujar a casa e vinha o beliscão no peitinho dele. E não valia de nada mesmo, porquê mandavam êle pra fóra outra vez...

Era de-tarde, e os operarios passavam naquela porção de bondes... enfim divertia um bocado pelo menos os olhos ramelosos. Paulino foi sentar no portão da frente. A noite caía agitando vida. Um ventinho poento de abril vinha botar a mão na cara da gente,

delicado. O Sol se agarrando na crista longe da varzea, manchava de vermelho e verde o espaço fatigado. Os grupos de operarios passando, ficavam quasi negros contra a luz. Tudo estava muito claro e preto, incompreensivel. Os monstros corriam escuros, com moços dependurados nos estribos, badalando uma polvadeira vermelha na calçada. Gente, mais monstros e os cavalões nas bonitas carroças.

Nesse momento a Teresinha passou. Vinha nuns trinquês, só vendo, sapato amarelado e meia roseando uma perna linda mostrada até o joelho. Por cima um vestido azul claro mais lindo que o céu de abril. Por cima a cara da mamã, que beleza! com aquele cabelo escuro fazendo um birote lúcido, e os bandós azulando de napolitano o moreno afogueado pelas côres de Paris.

Paulino se levantou sem saber, com uma burundanga inexplicável de instintos festivos no corpo, "Mamma!" êle gritou. Teresinha virou chamada. Era o figliuolo. Não sei o quê despencou na consciência dela, correu ajoelhando a sedinha na calçada, e num transporte, machucando bem delicioso até, apertou Paulino contra os peitos cheios. E Teresinha chorou porquê afinal era muito infeliz também. Fernandez dera o fóra nela, e a indecisa tinha moçado duma vez. Vendo Paulino sujo, aniquiladinho, sentiu toda a infelicidade própria, e meia que desacostumou de repente da vida enfeitada que andava levando. Chorou.

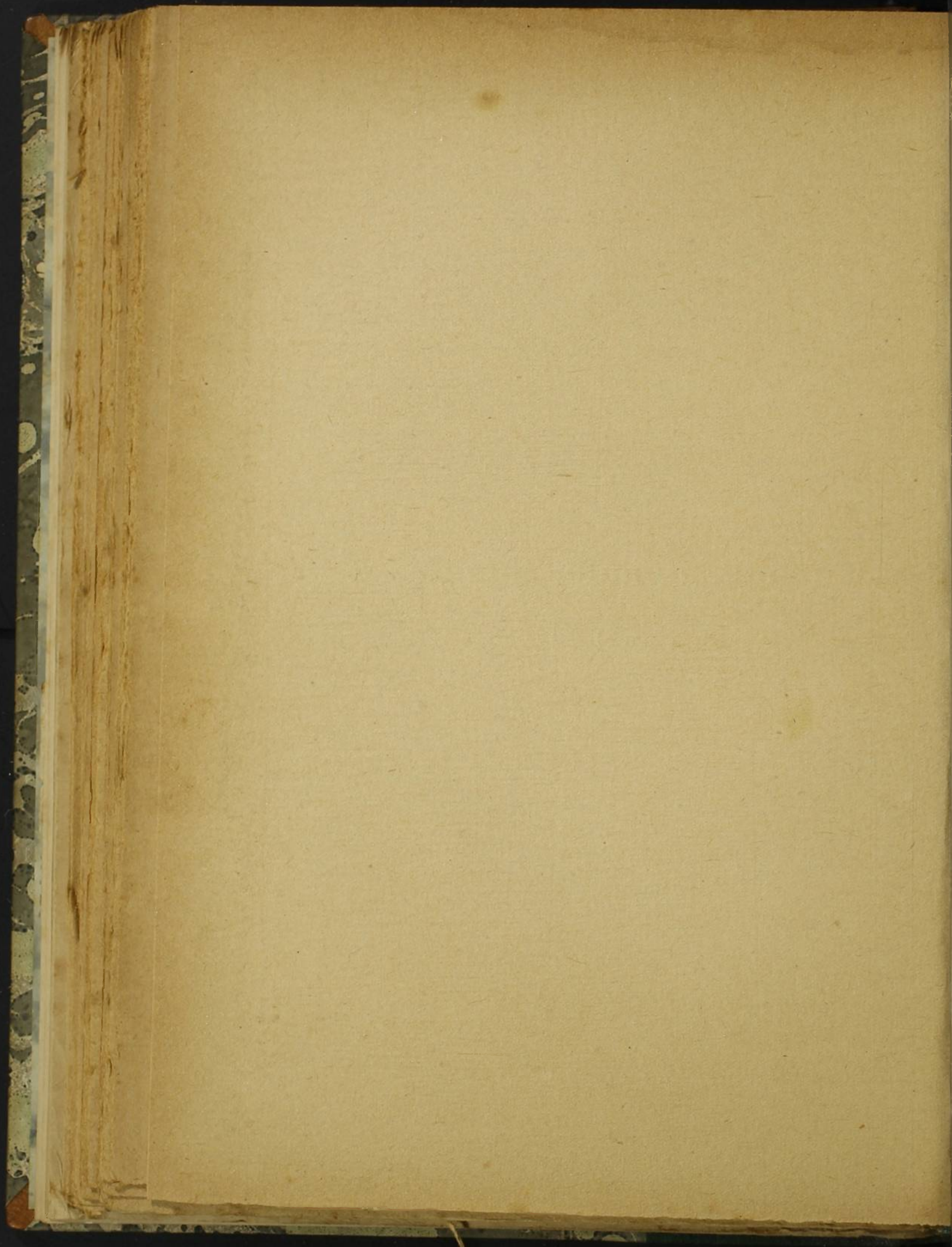
Só depois é que sofreu pelo filho, horroroso de magro e mais fragil que a virtude. De certo estava sofrendo com a mulatona da vó... Um segundo matutou levar Paulino consigo. Porém, escondendo de si mesma o pensamento, era incontestável que Paulino havia de ser um trambolho pau nas pandegas. Então olhou a roupinha dele. De fazenda boa não era mas enfim sempre servia. Agarrou nesse disfarce que apagava a consciencia, "meu filho está bem tratado", pra não pensar mais nele nunca mais. Deu um beijo na boquinha molhada de gosma ainda, procurou engulir a lagrima, "figliuolo", não foi possível, apertou muito, beijou muito. Foi-se embora arranjando o vestido.

Paulino de-pèzindo, sem um gesto, sem um movimento, viu afinal lá longe o vestido azul desaparecer. Virou o rostinho. Havia um pedaço de papel de embrulho, todo engordurado, rolando pandego no chão. Dar tres passos pra pega-lo... Nem valia a pena. Sentou de novo no degrau. As côres da tarde iam cinzando mansas. Paulino encostou o bochecha na palminha da mão e meio enxergando, meio escutando, numa indiferença exausta, ficou assim. Até a gosma escorria da boca aberta na mão dele. Depois pingava na camisolinha, que era escura pra não sujar.

III

Tumulo, tumulo, tumulo

(1926)



Belazarte me contou:

Caso triste foi o que sucedeu lá em casa mesmo... Eu sempre falo que a gente deve ser energico, nunca desanimar, que se entregar é covardia, porém quando a coisa desanda, não tem energia, não tem paciência que faça desgraça parar.

Um tempo andei mais endinheirado, com emprêgo bom e inda por cima arranjando sempre uns biscoitos por aí, que me deixavam viver á larga. Dinheiro faz cocega em bolso de brasileiro, enquanto não se gasta não ha meios de sossegar, pois imaginei ter um criado só pra mim. Achava gostoso êsses pedaços de cinema: o dono vai saindo, vem o criado com chapéu e bengala na mão, "Prudencio, hoje não bóio em casa, querendo sair, pode. Té logo". "Té logo, seu Belazarte".

Veio um criado mas eu não simpatizava com êle não. Sei lá si percebeu? uma noite pediu a conta e dei graças. Levei uns pares de dias assim, até que indo ver uns terrenos longe, estava no mesmo banco do

bonde um tiziu extraordinario de simpatico. Que olhos sossegados! você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke. Desci matutando, vi os terrenos, peguei o mesmo bonde que voltava. Instinto é uma curiosidade: quando o condutor veio cobrar a passagem e percebi que era o mesmo da ida, tive a certeza que o negrinho havia de estar no carro. Olhei pra trás, pois não é que estava mesmo! Encontrei os olhos dele, dito e feito: senti uma doçura por dentro, uma calma lenta, pensei: está ai, disso é que você carece pra criado. Mudei de banco e meio juruviá puxei conversa:

— Me diga u'a coisa, você não sabe por acaso de algum moço que queira ser meu criado? Mas quero brasileiro e preto.

Riu manso, apalpando a vista com a palpebra. Me olhou, respondendo com voz silenciosa, essa mesma de gente que não pensa nem viveu passado:

— Tem eu, sim senhor. O senhor querendo...

— Eu, eu quero sim, porquê não havia de querer? Quanto você pede?

Etc. E êle entrou pro meu serviço.

Quando indaguei o nome dele, falou que chamava Ellis.

Ellis era preto, já disse... Mas uma boniteza de pretura como nunca eu tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio nhato, porém aquela côr elevava o meu criado a tipo-de-beleza da raça ti-

zia. Com dezenove anos sem nem um poucadico de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava nada mesmo! Nem que êle estivesse trabalhando pesado, suor corria, ficava o risco da gota feito rastinho de lesma e só. Bastava que lavasse a cara, pronto: voltava o preto opaco outra vez. Era doce, aveludado o preto de Ellis... A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquela côr humilde, mão que andou todo o dia apertando passe-bem de muito branco emproado e filho-da-mãe. Ellis trazia o cabelo sempre bem roçado, arredondando o coco. Pixaím fininho, tão fofo que era ver pirí de beira-rio. Beiço, não se percebia, negro também. Só mesmo o olhar amarelado, cor de olio de babosa, é que descansava no meio daquela igualdade perfeita. E' verdade que os dentes eram brancos, mas isso raramente se enxergava, porquê Ellis tinha um sorriso apenas entreaberto. Estava muito igualado com o movimento da miseria pra andar mostrando gengiva a cada passo. A gente tinha impressão de que nada o espantava mais, e que Ellis via tudo preto, do mesmo preto exato da epiderme.

Como criado, manda a justiça contar que êle não foi inteiramente o que a gente está acostumado a chamar de criado bom. Não é que fosse ruim não, porêrn tinha seus carnegões. Moleza chegou ali, parou. Limpava bem as coisas mas levava uma vida pra limpar esta janela. E depois deu de sair muito, não tinha

noite que ficasse em casa. Mas no sentido de criado moral, Ellis foi sublime. De inteira confiança, discreto, e sobretudo amigo. Quando eu asperejava com êle, escutava tudo num desaponto que só vendo. Sei que eu desbaratava, ia desbaratando, ia ficando sem assunto pra desbaratar, meio com dó daquele tão humilde que, a gente percebia, não tinha feito nada por mal. Acabava sendo eu mesmo a discutir comigo:

— Sei bem que de tanto lavar copo vem um dia em que um escapole da mão... Está bom, veja si não quebra mais, ouviu?

— Sei, seu Belazarte.

E ficava esperando, jururú que fazia dó. Eu é que encafifava. Com aquele olho-de-pomba me seguindo, arrulhando pelo meu corpo numa bulha penarosa de carinho batido, eu nem sabia o que fazer. Pegava numa gravata, reparando que tinha pegado nela só pra gesticular, largava da gravata, arranja cabelo, aranja não-sei-o-quê, acabava sempre descobrindo poeira na roupa, u'a mancha, qualquer coisa assim:

— Ellis, me limpe isto.

Ele vinha chegando meio encolhido e limpava. Então olho-de-babosa pousava em minha justiça, tremendo:

— Está bom assim, seu Belazarte?

— Está. Pode ir.

Ia. Porém ficava rondando. Mesmo que fosse lá em baixo trabalhar, me levava no pensamento, ia ima-

ginando um jeito de me agradar. E não tinha mais parada nos agradinhos discretos enquanto eu não ria pra êle. Então gengiva aparecia. Quando chegava de noite já sabe, vinha pedindo pra ir no cinema. Eu tinha pena e deixava. E quantas vezes ainda não acabei dando dinheiro pro cinema!

Nesse andar é logico que eu mesmo estava fazendo arte de ficar sem criado. Foi o que sucedeu. Ellis tomou conta de mim duma vez. Piorar, piorou não, mas já estava difficil de dizer quem era o criado de nós dois. Sim, porquê, afinal das contas quem que é o criado? quem serve ou quem não pode mais passar sem o serviço, digo mais, sem a companhia do outro?

— Ellis, você já sabe ler?... Uhm... acho que vou ensinar francês pra você, porquê si um dia eu for prá Europa, não vou sem você.

— Si seu Belazarte for, vou tambem.

Sempre com o mesmo respeito. A's vezes eu chegava em casa sorumbatico, moído com a trabalheira do dia, Ellis não falava nada, nem vinha com amolação, porém não arredava pé de mim, descobrindo o que eu queria pra fazer. Foi uma dessas vezes que escutei êle falando no portão pra um companheiro:

— Hoje não, seu Belazarte carece de mim.

Até achei graça. E principiei verificando que aquilo não tinha jeito mais, Ellis não trabalhava. Estava tomando um lugar muito grande em minha vida. Pois então vamos fazer alguma coisa pelo futuro dele, de-

cidi. Entramos os dois numa exp'icação que me abateu, por causa dos sentimentos desencontrados que me percorreram. Ellis me confessou que pensava mesmo em ser chofêr, mas não tinha dinheiro pra tirar a carta. Tive ciumes, palavra. Secretamente eu achava que êle devia só pensar em ser meu criado. Mas venci o sentimento bêsta e falei que isso era o de menos, porque eu emprestava os cobres. Só que não pude vencer a fraqueza e, com pretêxto de esclarecer, ajuntei:

— Você pense bem, decida e volte me falar. Chofêr é bom, dá bem, só que é ofício perigoso e já tem muito chofêr por aí. Muitas vezes a gente imagina que faz um giro e faz mas é um girau. Enfim, tudo isso é com você. Já falei que ajudo, ajudo.

Foi então que êle me confessou que precisava ganhar mais porque estava com vontade de casar

— Ellis, mas que idade você tem, Ellis!

— Dezanove, sim senhor.

— Puxa! e você já quer casar!

Deu aquele sorriso entreaberto, sossegado:

— Gente pobre carece casar cedo, seu Belazarte, sinão vira que nem cachorro sem dono.

Não entendi logo a comparação. Ellis esclareceu:

— Pois é: cachorro sem dono não vive comendo lixo dos outros?...

Meio que me despeitava também Ellis gostar de mais alguém que do patrão, porém já sei me livrar com facilidade dêsses egoismos. Perguntei quem era a moça.

— E' tizia que nem eu mesmo, seu Belazarte. Se chama Dora.

Encabulou, tocando na namorada. Falei mais uma vez pra êle pensar bem no que ia fazer e me comunicasse.

Dias depois êle veio:

— Seu Belazarte... andei matutando no que o senhor me falou, semana atrás...

— Resolveu?

— Pois então a gente pode fazer uma coisa: espero o dia-dos-anos do senhor e depois saio.

Tive um despeito machucando. De certo fui duro:

— Está bom, Ellis.

Não se mexeu. Depois de algum tempo, muito baixinho:

— Seu Belazarte...

— O que é.

— Mas... seu Belazarte... eu quero sair por bem da casa do senhor... até a Dora me falou que... me falou que de-certo o senhor aceitava ser nosso padrinho...

Custou êle falar de tanta comoção. Olhei pra êle. O olio de babosa distilava duas lagrimas negras no pretume liso. Me comovi também.

— Sai por bem, é lógico! Não tenho queixa nenhuma de você.

— Quando o senhor quiser alguma coisa, me chame que venho fazer. O senhor foi muito bom pra mim...

— Não fui bom, Ellis, fui como devia porque você também foi direito.

Botei a mão no ombro dele pra sossegar o comovido soluçante. Estava engasgado o pobre! Sem se esperar, rápido, virou a cara de lado, encolheu o ombro, beijou minha mão, partiu fechando a porta.

Já me sentava outra vez, pensando naquele beijo que fazia a minha mão tão recompensada por toda a humanidade, a porta abriu de leve. E êle, não se mostrando:

— Seu Belazarte, o senhor não falou que aceitava...

Até me ri.

— Aceito, Ellis! Quando que você casa?

— Si arrajar licença logo, caso no 8 de dezembro, sim senhor, dia da Virgem Maria.

Não me logrou porém logrou a Virgem Maria. Saiu de casa dias depois do meu aniversário, e nem bem dona Republica fez anos, casou com a Dora, num dia claro que parecia querer durar a vida inteira. Cheguei do casamento com uma felicidade artistica dentro de mim. Você não imagina que coisa mais bonita Ellis e Dora juntos! Mulatinha lisa, lisa, côr de ouro, isto é, côr de olio de babosa, côr dos olhos de Ellis! E nos olhos então todo êsse pretume impossivel que o medo põe na côr do mato á noite. Você de certo que já reparou: A gente vê uns olhos de menina boa e jura: "Palavra que nunca vi ôlho tão preto", vai ver? quando muito ôlho é côr de fumo de Mapinguí.

E' o receio da gente que bota escureza temivel nos olhos dêsses nossos pecados!... Que gostosa a Dora! Era uma pretarana de cabelo acolchoado e corpo de potranquinha independente. Tinha um jeito de não-querer, muito fiteiro, um dengue meio fatigado oscilando na brisa, tinha uma fineza de S espichado, que fazia ela parecer maior do que era, uma graça flexivel... Nem sei o que é que o corpo dela tinha, só sei que espantava tanto o desejo da gente, que desejo ficava de boca aberta, extasiado, sem um gesto, deixando respeitosamente ela passar, sem uma ofensa, por entre toda a Cristandade... Dora linda!

Ellis desapareceu uns meses e me esqueci dele. A vida é tão bondosa que nunca senti falta de ninguém. Reapareceu. Foi engraçado até. Me levantei tarde, desci pra beber meu mate, Ellis no hól, encerrando.

— Bom-dia, seu Belazarte.

— Ué! quê que você está fazendo aqui!

— Dona Mariquinha me chamou pra limpar a casa.

— Mas você não está trabalhando então!

— Trabalho, sim senhor, mas a vida anda mesmo dura, seu Belazarte, a gente carece de ir pegando o que acha.

A furia da casar borrara os sonhos do chofêr. Via de pedreiro. Mamã encontrou com êle e se lembrou de dar êsse dinheiro semanal pro mendigo quasi. Um Ellis esmulambado, todo sujo de cal. Dora an-

dava com muito enjôos, coisa do filho vindo. Não trabalhava mais. Ellis com pouco serviço. Estava magro e bem mais feio. De repente uma semana não apareceu. Que é, que não é, afinal veio uma conhecida contar que Ellis tinha adoecido de resfriado, estava tossindo muito, aparecendo uns caroços do lado da cara. Quando vi êle até assustei. Era um caroção medonho, parecendo abcesso. Foi no dentista, não sei... dentista andou engambelando Ellis um sem-fim de tempo, começou aparecendo novo carôço do outro lado da cara. Mamãe imaginou que era anemia. Mandamos Ellis no médico de casa, com recomendação. Resultado: estava fraquissimo do peito e si não tomasse cuidado, bom!

Calvario começou. Ele não sabia bem o que havia de fazer, eu também não podia estar recolhendo dois em casa. Inda mais doentes! Vacas magras também estavam pastando no meu campo nesse tempo... Foi uma tristeza. Ellis andou de cá pra lá, fazendo tudo e não fazendo nada. Mandou buscar a mãe, que vivia numa chacinha emprestada em Botucatú. Foram morar todos juntos na lonjura de Casa Verde, diz-que pra criar galinha e por causa do ar bom. Não arranjaram nada com as galinhas nem com os ares. Vieram prá cidade outra vez. Foram morar perto de casa, num porão, depois eu vi o porão, que coisa! Todos morando no buraco de tatú, Ellis, Dora, a mãe dele e mais dois gafanhotos concebidos de passagem.

Ellis voltara pra pedreiro, encerava nossa casa e outras que arranjamos, andou concertando esgotos, depois na Companhia de Gás... Não tinha parada, emagrecendo, não se descobriu remedio que acabasse inteiramente com os caroços.

Meio rindo, meio serio, nem eram bem sete da manhã, um dia apareceu contando que era pai. Vinha participar e:

— Seu Belazarte, vinha tambem saber si o senhor queria ser padrinho do tiziu, o senhor já está servindo de meu tudo mesmo.

Falei que sim, meio sem gostar nem desgostar. Estava já me acostumando. Dei vinte milréis. Mamã que era a madrinha, andou indo lá no porão deles, arranjando roupas de lã pro desgraçadinho novo.

Nem semana depois, chego em casa e mamã me conta que Dora tinha adoecido. Pedi pra ela ir lá outra vez, ela foi. Mandamos médico. Dora piorou do dia prá noite, e morreu quem a gente menos imaginava que morresse. Número um.

Agora sim, e a criança? E' verdade que a mãe do Ellis tinha inda filho de peito, desmamou o safadinho que já estava errando lingua portuguesa, e o leite dela foi mudando de porão.

O dia do batisado, sofri um cêsses desgostos, fatigantes pra mim que vivo reparando nas coisas. Primeiro quis que o menino se chamasse Benedito, nome abençoado de todos os escravos sinceros, porém a

mãe do Ellis resmungou que a gente não devia desrespeitar vontade de morto, que Dora queria que o filho chamasse Armando ou Luiz Carlos. Então pus autoridade na questão e cedendo um pouco também, acabamos carimbando o desgraçadinho com o título de Luiz.

Havia muita lembrança de Dora naquilo tudo, há só dois dias que ela adormecera. Fizemos logo o batizado porquê o menino estava muito aniquiladinho.

Engraçado o Ellis... Até hoje não me arrisco a entender bem qual era o sentimento dele pela Dora. Quando veio me comunicar a morte da pobre, até parecia que eu gostava mais dela, com êste meu jeito de ficar logo num pasmo danado, sucedendo coisa triste.

— Dora morreu, seu Belazarte.

— Morreu, Ellis!

Nem posso explicar com quanto sentimento gritei. Ellis também não estava sossegado não, mas parecia mais incapacidade de sofrer que tristeza verdadeira. O amarelão dos olhos ficara rodeado dum branco vazio. Dora ia fazer falta física pra êle, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o sofrimento perguntado do Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, êle vinha pra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determi-

navam a fuga de Ellis pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha dúvida, porém numa ocasião como aquela não é muito de amigo que a gente precisa não. E' mais de pessoa que saiba as coisas. Eu sabia as coisas, e havia de arranjar um jeito de acomodar a interrogação.

...e quem diz que na amizade tambem não existe êsse interesse de ajutorio?... Existe, só que mais bonito que no amor, porquê interesse está longe do corpo, é misterio da vida silenciosa espiritual. Depois, amor... E' inutil os pernosticos estarem inventando coisas atrapalhadas prá botar no Itamaratí do amor: ou caem no dominio da amizade, que tambem pode existir entre bigode e seios, ou então principiam subtilizando os gestos fisicos do amor, caem na bandalheira. Observando, feito eu, amor de sem-educação, a gente percebe mesmo que nele não tem metafisica: uma escolha proveniente do sentimento que a babosa recebe dum corpo estranho, e em seguida furrum-fum-fum. A fôrça do amor é que êle pode ser ao mesmo tempo amizade. Mas tudo o que existe de bonito nele, não vem dele não, vem da amizade grudada nele. Amor quando enxerga defeito no objeto amado, cega: "Não faz mal!". Mas o amigo sente: "Eu perdôo você". Isso é que é sublime no amigo, essa repartição contínua de si mesmo, coisa humana profundamente, que faz a gente viver duplicado, se repartindo num casal de espiritos amantes que vão, feito passarinhos de vôo baixo, pairando rente ao chão sem tocar nele...

Dora era corpo só. E uma bondade inconciente. Eu não tinha corpo mas era protetor. E principalmente era o que sabia as coisas. Desta vez amor não se uniu com amizade. O amor foi prá Dora, a amizade pra mim. Natural que o Ellis procedesse dessa forma, sendo um frouxo.

Batisado fatigante. Não paga a pena a gente imaginar que todos somos iguais, besteira! Mamã, por causa da muita religião, imagina que somos. Inventou de convidar Ellis, mãe e tutti quanti pra comer um doce em nossa casa, vieram. Foi um ridículo oprimente pra nós os superiores, e deprimente pra eles os desinfelizes. Estavam esquerdos, cheios de mãos, não sabendo pegar na chicra. E eu então! Qualquer gesto que a gente faz, pegar no pão, na bolacha, pronto: já é diferente por classe da maneira, igualzinha muitas vezes, com que o pobre pega nessas coisas. Parece lição. A gente fica temendo rebaixar o outro e também já não sabe pegar na chicra mais. Custei pra inventar umas frases engraçadas, depois reparei que não tinham graça nenhuma por causa da Dora se dependendo nelas, não deixando a graça rir. De repente fui-me embora.

Não levou nem semana, o desgraçadinho pegou mirrando mais, mirrando e esticou. Número dois.

Ellis nem poudé tratar do entêrro. Não é que estivesse penando muito mas o caroço tinha dado de crescer no lado esquerdo agora. Na véspera Ellis ti-

vera uma vertigem, ninguém sabe porquê, junto do filho morrendo. Foi prá cama com febrão de quarenta-e-um no corpo tremido.

Era a tuberculose galopante que, sem nenhum respeito pelas regras da cidade, estava fazendo cento-e-vinte por hora na ráia daquele peito apertado. Quando Ellis soube, virou meu filho duma vez. Mandava contar tudo pra mim. Mas não sei por que delicadeza sublime, por que invenção de amizade, descobriu que não me dou muito bem com a tísica... O certo é que nunca me mandou pedir pra ir vê-lo. Fui. Fui, também uma vez só de passagem, falando que era hora de ir pro trabalho. Mas não deixei faltar nada pra êle. Nada do que eu podia dar, está claro, leite de vacas magras.

Durou tres meses, nem isso, meses em que me parece foi feliz. Sim, porquê virara criança, e talvez pela primeira vez na vida, inventava essas pequenas faceirices com que a gente negaceia o amor daqueles por quem se sabe amado. Mantimento, remedios, roupa, tudo minha mãe é que providenciava pra êle, conforme desejo meu. Pois de sopetão vinha um pedido engraçado, que Ellis queria comer sopa da minha casa, que si eu não podia mandar pra êle u'a meia igualzinha áquela que usara no batisado do desgraçadinho, com lista amarela, outra roxa até em cima... Uma feita mandou pedir de emprestado a almofada que eu tinha no meu estudio e que, êle mandou dizer,

até já estava bem velha. E' logico que almofada foi, porêr dadinha duma vez.

Da minha parte era tudo agora gestos mecanicos de protetor. Meu Deus! como a vida esperada se mecaniza... Não sei... Ellis creio que não, mas eu já fazia muito que estava acostumado a sentir Ellis morto. E aquela espera da morte já pra mim era bem u'a morte longa, um andar na gandaia dentro da morte, que não me dava mais que uma saudade comoda do passado. Era amigo dele, juro, mas Ellis estava morto, e com a morte não se tem direito de contar na vida viva. Ele, isso eu soube depois, êle sim, estava vivendo essa morte já chegada, numa contemplação sublime do passado, unica realidade pra êle. Dora tinha sido uma função. A vida prática não fôra sinão comer, dormir, trabalhar. No que se agarraria aquele morto em ferias? Em mim, é logico. Isso eu sube depois... Levava o dia falando no amigo, pensando no amigo. E todas aquelas faceirices de pedidos e vontadinhas de criança, não passavam de jeitos de se recordar mais objetivamente de mim. De se aproximar de mim, que não ia vê-lo.

Cheguei em casa pra almoçar, a mãe do Ellis viera dizer que êle estava me chamando. Não gostei nada. Si agora êle principiava pedindo mais isso, eu que não gosto de tísica... Enfim mandei a criada lá, que depois do almoço ia.

Quando cheguei na porta, os uivos da mãe dele

me deram a noticia inesperada. Sim, inesperada, porque já estava acostumado a ficar esperando e perdera a noção de que o esperado havia mesmo de vir. Entrei. Estavam uma italianona vermelha de tanto choro por tabela e dois tizius fumando.

— Morreu!

— Ahm, su Beladzarte, tanto que o povero está chamando o sinhôre!

— Mas já morreu, é!

— Que esperandza! desde manhãzinha está cham...

— Onde êle está?

Um dos tizius.

— Está lá dentro, sim senhor.

Jogou o cigarro e foi mostrando caminho. Segui atrás. Pulei por cima dos uivos saindo duma fuma que nunca viu dia, e lá numa sala mais larga, com entrada em arco sem porta dando pro quintal interior, num canto invisível, chorava uma vela. Era ali. Ellis vasquejava com as borlas dos caroços dependurados pros lados, medonho de magro. Estava morrendo desde manhã, sempre chamando por mim.

— Mas porquê não me avisaram!

Eram não sei quantas vezes que agarravam a vela nas mãos dele já em cruz, pra sempre fantasiadas de morte. De repente soluço parava. Engulia em seco e pegava me chamando outra vez. Afinal parava de chamar fazia mais de hora. Parece que a coisa es-

tava chegando. Falei baixo, sem querer me acomodando com o silêncio da morte:

— Ellis!... ôh Ellis!

Nada. Só o respiro serrando na madeira sêca da garganta. Os outros me olhavam, esperando o bem que eu ia fazer pro coitado. Até parecia que o importante ali era eu. Insisti, lutando com a amizade da morte, mais uniforme que a minha. Com mentira e tudo, até me parece que eu insistia mais pra vencer a predominancia da morte, e aqueles assistentes não me verem perder numa luta. Botei a mão na testa morna de Ellis. Havia de me sentir.

— Ellis! sou eu, Ellis!... Sossegue que já cheguei, ouviu! Estou juntinho de você, ouviu!... Ellis!

O soluço parou.

— Pronto! Ansim que está fatchendo desde de manhã, ô povero!... Tira áa vela, Maria!

— Deixe a vela, ôs Ellis!

Ellis abriu as palpebras, principiou abrindo, parecia que não parava mais de as abrir. Ficaram escancaradas mas olio de babosa não vê que escorrendo mais! pupilas fixas, retas, frexando o tétó preto. Pus minha cara onde elas me focalisassem.

— Estou aqui, Ellis! Não tenha medo! você está me enxergando, heim!

— Está sim, seu Belazarte. Viu! desde manhã que está de ôlho fechado. Ele queria muito be...bem

o senhor! também... também o senhor tem sido muito bom pro coitado... de meu filho, ai!... aaai! meu filho está morrendo, ahn! ahn! ahn!...

— Ellis! você está precisando de alguma coisa, heim! Eu faço!

A gelatina me recebia sem brilhar. As palpebras foram cerrando um bocado. Instintivamente apressei a fala, pra que os olhos inda recebessem meu carinho:

— Eu faço tudo pra você! não quero que te falte nada, ouviu bem!

Os olhos se esconderam de todo com muita calma.

— Meu filho morreu! ai, ai!... Aaai!...

Tive um momento de desepêio porquê Ellis não dava sinal de me sentir. Insisti mais, ajoelhando junto da cama.

— Ora, o que é isso, Ellis!...

— ahan... só falava no senhor, ahn... ontem mesmo disse pra mim, ahan, que, ahn, melhorando cavava um poço... fundo, aain.. pra enterrar todos os mi...micróbios pra depois, pedir pra morar, ahn... no porão da casa do senhor... aa!!

— Levem ela! não vale a pena êle estar escutando êsse chôro!

Transportaram os uivos. Estaria escutando ainda? Insisti, numa esperança, exacerbada pela anedota da negra, sem querer, perverso, voz pura, doce de carícia:

— Ellis! você não me responde mesmo!

Abriu um pouco os olhos outra vez. Me via!

...foi tão humilde que nem teve o egoísmo de sustentar contra mim a indiferença da morte. O olhar dele teve uma palpitação franca pra mim. Ellis me obedecia ainda com êsse olhar. Fosse por amizade, fosse por servilismo, obedeceu. Isso me fez confundir extraordinariamente com os manejos da vida, a morte dele. Desapareceu misterio, fatalidade, tudo o que havia de grandioso nela. Foi u'a morte familiar. Foi u'a morte nossa, entre amigos, direitinho aquele dia em que resolvemos, meu aniversario passado, êle ir buscar o casamento e a choferagem de ganhar mais.

Cerrava os olhos calmo. Pesei a mão no corpo dele pra que me sentisse bem. Ao menos assim, Ellis ficava seguro de que tinha ao pé dele o amigo que sabia as coisas. Então não o deixaria sofrer. Porque sabia as coisas...

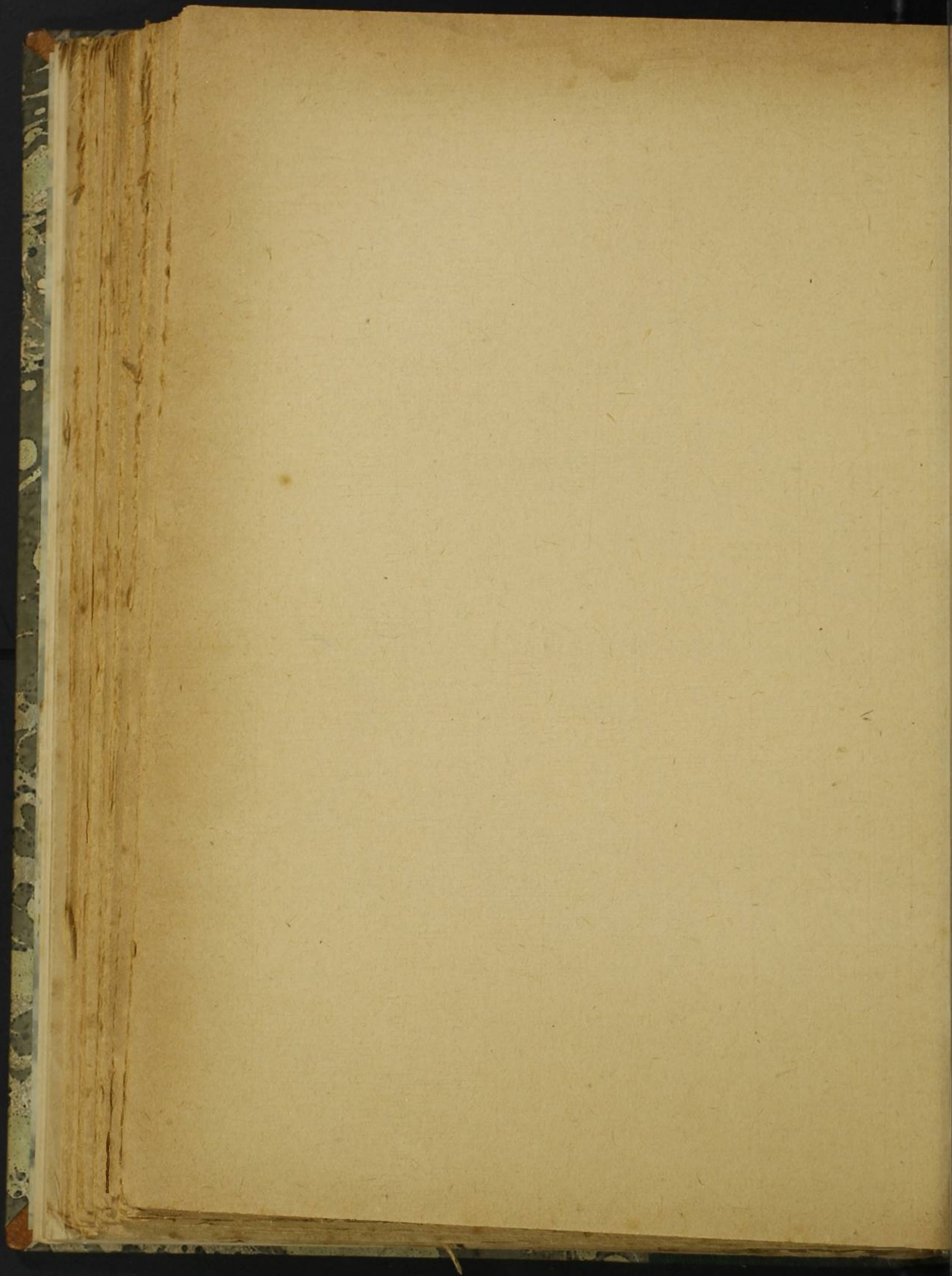
Número tres.

INTERMEDIO

IV

Caso em que entra bugre

(1929)



Belazarte me contou:

Desta vez não conto mais caso urbano pra você, vamos entrar no mato-virgem. Engraçado... si a gente fosse especificar um pouco mais o desenvolvimento social do interior paulista, podíamos reconhecer a existencia duma fase digna de ser apelidada "civilização de delegado". Houve um momento em nossa vida, em que uma espécie de criação de vergonha nos elementos de carreira, fez com que os delegados decidissem acabar com os caudilhos locais. Pelo menos na manifestação escravocrata dona de vida e de morte que êsse caudilhismo tinha. Si a infamia pouco ou nada mudou e tende mesmo agora a se intensificar como revide às Oposições aparecendo, pelo menos os senhores de escravos mudaram de nome, ficaram se chamando "chefes politicos". E essa mudança de nome parece que satisfaz inteiramente ao nosso povo frouxo...

Pois foi nos principios dessa "civilização de delegado" que o imperialismo do Sanches crepitava lá no sertão, lados de Campos Novos. Ele bem que tinha mandado falar pro Marciano que cêrca é cêrca, e não deixasse mais gado passar de campo. Marciano era outro abonado do bairro e tambem gosava sua fama. O fato é que afrouxou. Um belo dia os bois-de-carro dele, cinco juntas barrosas,

foram dar no jaraguá do Sanches. O malvado soube e não perdeu tiro: dez furinhos na testa da boisada.

O delegado esperou queixa e, como esta não viesse, mandou chamar Marciano.

— Seu Marciano, eu estou aqui pra cumprir a justiça e acabar com os abusos dos caudilhos!

— Sim senhor, seu delegado.

— Então, seu Marciano, o senhor perdeu todos os bois-de-carro?

— Perdi sim, seu delegado.

— O senhor sabe muito bem do que morreram os bois!

— Sim senhor.

— E não quer dar queixa!

— Queixa do quê?

— Mas... do que sucedeu!

— Foi de erva, seu delegado.

— Ora, seu Marciano, toda gente viu os furos!

— Furo êles tinham sim, mas foi de erva.

O diálogo se espalhou fácil e Sanches soube. Não sei si gosou. Sorrir, não podia sorrir porquê tinha boca de escultura, feita séria pra todo o sempre, mas quando foi ali pela noitinha apareceu na casa de Marciano. Ficaram no galpão até de noite, conversa vai, conversa vem, frases sôltas porquê eram homens de pouca fala. Afinal Sanches ofereceu pra racharem o prejuizo. Marciano respondeu que o que passou passou. U'a amizade antiga nasceu entre os dois. Sempre arredios ambos, agora, quando sinão quando um surgia na casa do outro, café, e fumo pra que mais fumo falando casado no ar o que os dois homens sentiam sem dizer.

Uma feita Marciano foi buscar uma ponta de gado longe e o grupo dele topou com os bugres. Escaparam só dois pra vir contar o caso, como se diz. Sanches chamou

os tais e fez um interrogatorio mesmo de meticoloso. Ficou parafusando, de ôlho caído. Depois, parece que os olhos dele riram, quando acendeu cigarro pra falar com segurança:

— Marciano não morreu.

— Qual! seu Sanches... a estas horas já está voando em tripa de urubu'!

— Si escapou no encontro, depois não morria mais. Marciano sabe mato.

Entrou em casa.

— Felizmente que era solteiro, consolou a mulher.

Porém tanto cigarrão um depois do outro, inquietavam a dona. Sanches estava olhando muito fixo e Dasdores conhecia o marido. Afinal êle se ergueu. Pigarreou e, não era pra dar satisfação não, era de certo pra firmar bem a vontade:

— Vou buscar Marciano.

Dasdores tomou com um baque fundo no sentimento. Baque afinal esperado... Continuou no serviço. E os dias em que ela ia se emparedar na inquietação, tinha de ser!...

Foi uma bandeira em regra, equipamento completo e dezoito companheiros decididos. Dasdores arranhou tudo, trabalhou feito burro êsses dias pra no fim só ganhar aquele abracinho meio de banda na partida. Também a idade e a filharada não davam pra mais!

Depois: o emparedamento na inquietação datava nela do instante em que o Sanches resolvera partir. Mulher do Brasil antigo era assim mesmo: branco ou preto. Donas rijas de não se ser mais, a subtileza sempre andou de pique com elas. Não sabiam os aumentos da saudade nem a diminuição dos gôstos. Ou bem era saudade ou bem gôsto. Feito aqueles órgãos medievais que não tinham meios pra registrar nem crescendos nem diminuindos, as

donas do Brasil antigo conheciam só o forte e o *piano*. E os homens paulistas que tocaram nesses órgãos, *chê!* não sabiam fazer ralentando não. Si a música se acabava, se acabava duma vez. Quando Dasdores *entendeu* que o homem dela partia, *êle* partiu. Estava ali, que nada! Estava mas já partido, correndo o misterio do mato. E a pobre se emparedara na inquietação. Nem bem inquietação! Era viuvez e luto eterno pelo defunto marido. Por isso pra Dasdores não foi mais que um bater de quatro horas, quando a bandeira partiu rumo do poente.

Nem bem fez semana daquela viagem penosa, *campeando* por todo lado, quem sabe si não estará ferido no rancho de tropa de Santa Cruz? *batiam* pra Santa Cruz e nada, quando fez semana assim, chegaram no lugar da briga. Sanches parou muito, examinando tudo. Ossos espalhados, com fiapos de carne ressequida. Na *sapopemba* duma árvore muitos ossinhos lascados.

— Isso é de pé, Sanches falou.

— Como que *mecê* sabe? perguntou o *companheiro* mais de confiança.

— Bugre mata pra roubar. Porém não aprendeu a tirar bota de pé. Corta a perna junto do cano e depois vai cavocando a carne.

— Nossa Senhora!

— Depois a bota serve de chapéu nas dansas, ou pra enfeite de cintura.

— Porquê não calçam!

— Não vê que indio deixa de tocar *pé* no chão. Só o pé já conta muita coisa pra *êle*.

Seguiram assuntando na serrapilheira algum traço de bugre. Sanches dirigia seguro a *caminhada*. Uma ocasião, era num cerrado ruim de atravessar, um do grupo exclamou:

— Uma botina!

E Sanches:

— Não falei? Marciano está vivo. Si é botina, é dele que não gosta de bota.

— Pode ser de Marciano porêem só botina, fala mais é que êle está morto, pai.

— Fala que está vivo, Galdino.

Foram andando. Então Sanches ensinou:

— Botina caiu por debaixo da urtiga, bugre não viu. Marciano sabe que bugre mata só pra tirar roupa. Foi fugindo, foi tirando a roupa e deixando no caminho pra êles pegarem. Gente nú, bugre escraviza só, não mata.

E parou, fatigado de falar tanto duma vez.

A capoeira descambava pra um banhado tijuquento que careceu beirar. Sanches continuava no sherloquismo sertanejo, observando tudo. Toparam com uns rastos de gente de pé-no-chão. Eram os indios. De repente Sanches agachou mostrando um rasto só.

— Pé de Marciano.

— Vassuncê até parece feiticeiro, credo! Como que sabe que é pé de Marciano!

— Gente que anda de pé-no-chão não firma assim no calcanhar, firma na frente. Veja êsse outro como está fundo nos dedos.

— Ara, ara!...

— E veja os dedos. João. Dedo junto assim, só de quem anda calçado.

De indicio em indicio, penaram mais tres dias na mesma. Perderam rasto de Marciano. Porêem sempre, de longe em longe, algum sinal de bugre aparecia; e um gôsto silencioso de caçada deshumanizara por completo a procura. Afinal uma tarde a voz de Sanches se afobou um bocadinho:

— Passaram aqui a noite.

Já então os companheiros estavam acostumados a esperar pela prova da afirmativa, sem perguntar nada. Sanches pegou numa ponta de cigarro francamente nova ainda.

— E' mesmo, sussurrou Galdino como temendo que os bugres escutassem, porém como vassuncê sabe que era de-noite, pai?

— O cigarro foi feito de-noite, a palha está no avêssô, veja.

Foi então que uma seta desajeitada, de quem atira escondido, veio fraca bater na cinta de Galdino. Sanches pulou de banda puxando o filho, e caiu agachado por detrás duma árvore. Um assobio duro furou a tarde, e logo uma zoadá medonha duns quarenta bugres gritando, pulando pra amendrontar. E a chuvada de flexas no pessoal. Nem sei como não fugiram. Mas logo um tiro do Sanches visitou o órgão da vista dum marmanjo quarentão, nú todinho. Foi um esparramo na bugrada. E si não fosse a energia do Sanches gritando pelo pessoal, creio que o estralagemá dos bugres dava certo, os campeiros se apartavam uns dos outros, se perdiam, e d'ai era só dar cabo dum por um, porquê isso de matar á traição pra bugre é jogar castanha!

Quando o sossêgo entrou de novo em vida, os dezoito ali, só dois mesmo estavam bem feridos, um na perna, outro no braço. Carecia ver mas era si as flexas não estavam ervadas. Quanto aos bugres, muito balasio isso haviam de ter carregado, além dos dois ficados já no outro mundo, e mais ainda aquele rapazinho morremorrendo com o tiro na barriga. Deram cabo dele a pontapés.

Mas o pôsto já estava muito sabido pra ficarem mesmo ali. Curaram malemal as feridas e, carregando o capenga, foram amoitar a um quilometro, num lugar onde o mato era que nem nó-cego, de tanto cipó. Ficaram lá

pra ver o que sucedia com os feridos. Era de esperar que nada, por causa dos contravenenos. E de fato; só o capenga tomou com uma febrinha sem tremor quando a Lua entrou.

A noite, passaram se revezando na espreita. Não veio nada. Só o quiriri negro da mata. O vento murmurava lá em cima do arvoredor numa varredura cheirando pó. O mato estalava de seco resvalando na asa dos morcegos. Berros... Os berros mesmo do sertão que eles sabiam decór. Tudo parecendo perto e tudo enorme.

Quando se soube da manhã, toda a gente levantou. De certo era por ali mesmo o mocambo, porquê tinham enxergado muito bem mulheres na indiada. E afinal; a razão conhecida era que tinham vindo em busca de Marciano, mas si aquela gente fosse capaz de se analisar, a verdade é que tinham vindo matar bugre, nada mais. Estavam ferozes e completamente caçadores.

Sanches com Galdino comiam mais apartados, um pouco de passoca e ouviram de repente um pio de inambú. Sanches quasi bateu no filho pra éste não falar. O silêncio durou de-certo uns cinco minutos, e o pio varou de novo o espaço, com mais coragem. Sanches colou quasi a cabeça amarelenta do bigode na orelha do Galdino:

— Nambu' não pia em abril, vamos ver.

Deram aviso pros homens, e se dirigiram pros lados do pio. Iam de mansinho. Pela terceira vez o inambu' piou mais forte agora, como um chamado inquieto. Estavam numa vertente doce do espigão. Da vertente fronteira, bem mais longe, outro inambu' secundou ao chamado do companheiro. Os dois homens iam descendo com muito cuidado pra não fazer bulha. Era quasi impossivel isso por causa da serrapilheira estar seca, porém Sanches, em vez de endireitar pro pio, descia procurando o

fundo da vertente. Queria pegar o terreno humido em baixo, quem sabe si algum corgo? pra andar com menos bulha no podrume das folhas ou nagua. Dito e feito: resvalaram entre as árvores, e lá em baixo vertia uma aguinha que era um fio apenas. Então quebraram pra esquerda, se dirigindo pro pio. Chegaram num lugar onde o terreno caia brusco, fazendo de certo uma cascatinha em tempo de mais agua que naquele ano de sêca. O pio respondedor, na outra vertente, nasceu cem passos talvez dali. Se agacharam. E foram de rastro, avançando com lentidão. De repente Sanches parou. Galdino se arrastou pra junto dele, maltratado pelos gestos de cuidado que o pai fazia. Estavam no alto da depressão, em pleno leito do corgo, entre avencas. Nas margens o terreno despencava jeitoso, numa descida rapida cheia de arbustos.

Então, olhando pra onde o pai mandava, em baixo, a uns cinco metros só, Galdino enxergou um bugre. Com o tombo da cascatinha, a agua fizera lá um pouco de leito, e agora o fio dela corria no fundo dum barranco. Caído no alto do barranco, o bugre não mexia. Estava ardendo de sede, com os olhos lambendo a aguinha inatingivel. Nisto fez um jeito de atenção, assuntando a outra margem. Os brancos olharam tambem. Surgiu de arrasto, entre as canaranas, uma bugra nova, de certo a que secundava aos pios do outro. O companheiro olhou salvo pra ela. Se arrastando sempre, a india afinal chegou na beira do barranco. Fez fôrça, deixou-se cair com uma bulha de agua espirrada no leito do corgo. Deu um gemido insuportavel, e a careta que esboçou foi medonha de dôr. O corpo, os braços movia bem. Tinha tomado com uma bala na perna ou no pé direito, não podia andar. Foi se erguendo, agarrada nas canaranas, esfregando o corpo no barranco e poudo chegar com a cara na cara do homem.

Um gesto, não sei si de carinho, si fadiga, ela fez; encostou a cara na cara do companheiro. O bugre é que não quis saber! Falando com raiva, tirou a cara de encostar na da india e deu um bruto munhecação na cabeça dela. A pobre caiu de novo com o empurrão, enquanto o macho silvava um ronco de dor, e abria uns olhões quasi tamanhos como os das nossas moças. Parecia ferido na espinha, nem sei!

Principiou uma cœna desgraçada. A bugra estava fatigadissima, não podia se erguer sem ajudar com as mãos. Se suspendia um bocado com a direita só, trazendo na concha da esquerda agua pro companheiro. Mas caía. Quando não caía, no meio do erguimento, já não tinha mais agua na mão. Uma vez até andou dando viravoltas suspensa nas canaranas e afinal tombou com um pedaço grande de barranco a mais. Assim não ia mesmo. Andou olhando em volta, desesperada pela raiva do bugre. De certo procurava alguma fôlha larga, não havia. A india se ergueu de novo no barranco. Segurou forte na canarana com a mão esquerda e se abaixando, tentou guardar agua na concha da direita, porém corpo não dava assim, e quando ela quis mudar a mão esquerda prás canaranas bem da borda, o barranco esboroou, e ela estendeu de novo, com dores tão temiveis que o gemido subiu vivo até os brancos. O bugre então falou quasi alto, de tanta impaciencia. Estava morrendo. E batia com a cabeça dum lado pra outro, pavoroso de sofrimento. A india não sabia o que fazer, ficou feito zonzá, apertava a perna ferida bem no joelho, oscilava com o corpo a perplexidade que tinha no espirito. Teve de sopetão este gesto. Botou a boca no chão, encheu as bochechas de agua, e se erguendo depressa com mãos e perna e corpo, juntou boca com boca, deu de beber pro bugre. Tornou a fazer o mesmo, e fez assim tres vezes. Quarta não ponde

fazer mais, de bala do Sanches dizem que ninguém escapou até agora. Até contaram que foi uma bala só pros dois, não creio...

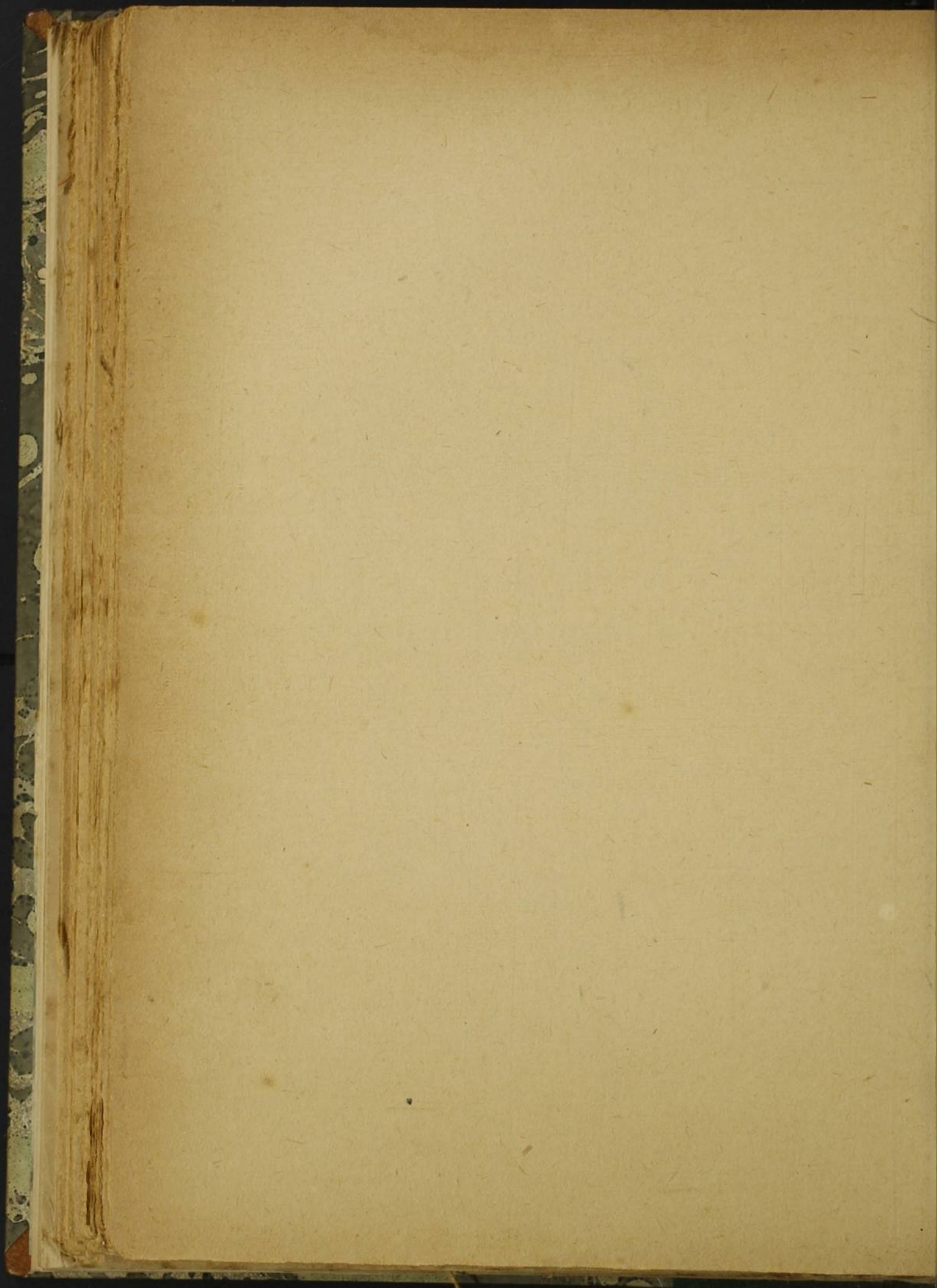
Isso foi só pano-de-amostra de u'a matança em regra que somou duas duzias de bugres, contando os curumins, e não contando o que apareceu pela metade e temporão no ventre da mãe morrendo. Dias depois deram com o mocambo, que era numa aberta artificial do mato. Cêrco bem feito e tiro em pleno Sol das quatorze horas.

Então a bandeira voltou pra Campos Novos. Inutil perguntar por Marciano. Jámais ninguém saíra em busca de Marciano, um defunto. Voltavam felizes com bem rapidez, e muita coisa pra satisfazer por dentro. E por fóra também, com as pabulagens!... E o mato virgem que em toda a parte do mundo sempre guarda numerosíssimos indícios de civilização pros olhos misteriosos dos exploradores, não dava mais pro grupo as marcas vivas de Marciano, com que na ida eles alimentavam a felicidade de matar.

V

Menina de ôlho no fundo

(1925)



Belazarte me contou:

Você é músico, e do conservatorio grande lá da avenida São João, por isso ha-de se divertir com o caso...

O maestro Marchese era maestro uma ova. Foi mas violinista duma companhia de operetas, isso sim. Até me contaram que na Italia êle esfregava rabecão num barzinho de Genova, não sei. Chegou aqui, virou maestro. Mas como não tinha bastante aluno particular, botou uma especie de escola de música diurne e serale numa casinha da avenida Rangel Pestana, lá no Brás. Cinco milréis mensais por cabeça, trazendo instrumento. O maestro ensinava tudo, canto, piano, violino, cavaquinho, sanfona. Choveu aluno que nem passarão no rio Negro tempo de migrar. O Marchese não dava mais conta do recado e precisou de tomar uns professores de ajuda.

Mesmo no Brás tinha um moço muito bonzinho, coitado! que estudava violino com o professor Bastiani, colega de você. Pra encurtar: o maestro Mar-

chese mandou chamar o Carlos da Silva Gomes, e lá ficou seu Gomes como professor de viola e artinha no conservatório. Ia me esquecendo de contar que a tal escola se chamava Conservatório Giacomo Puccini.

A empresa progredia. Até a gente mais endinheirada do bairro principiou botando os filhos lá. Ficava mais perto e não carecia de acompanhar ninguém na cidade. O Marchese, êsse então virou rei da música do Brás. No cinema torcia o nariz porquê a orquestrinha não prestava e o saxofone tinha desafinado. No dia seguinte toda a gente falava pro seu Fifo que o saxofone estava desafinando e crocotó! maré vassava pro pesado do saxofone. Seu Fifo mandava falar pra êle que não careciam mais de saxofone na orquestrinha e quem que arranjava saxofonista novo? já sabe: o maestro Marchese já de brilhantão no dedo e quatro marchesinhos com bastante macarrão na barriga lá em casa. Até sala-de-visitas arranjou no lar, com piano a prestação e retrato do Giacomo Puccini.

O maestro bem que gostava de ficar com todas as alunas que lhe pareciam gente mais arranjada, porém quando a filha do Bermudes foi se matricular, parafusou, parafusou e afinal achou melhor colocar a moça no curso de seu Gomes. Não vê que a Dolores sempre botava umas olhadas pra êle e a Pascoalina não era coisa de que a gente não fizesse caso não: desconfiando, era capaz dalgum escandalo dos diabos. Por isso o maestro falou prá mãe da mocinha que

a sinhora vai vedere que num stantinho sua filha fica una artista, lo giuro! Seu Gomes é un professore molto bon, ah questo!... proprio la minha scuola!

A mãe da Dolores até saiu bem contente porque tinha vindo pro bairro, fazia tempo, recencasada ainda... Sabia que a familia de seu Gomes era gente fina, parente dos Prados. Tinham continuado pobres. Ela, da casinha de porta e janela fôra subindo até aquele número 25 assobradado. E agora a filha estava aprendendo com o parente dos Prados. Sorriu numa satisfa que inchava toda a banha, oitenta-e-nove quilos pra mais. Tirou o chapéu de renda preta, procurou na manga da blusa o lenço marcado M. S. B., Marina Sarti Bermudes, e limpou o orvalho do bigodinho. Foi no quintal, colheu não sei quantas duzias de margaridas, botou numa cesta e mandou a criada levar na casa de seu Gomes que a filha mandava.

Dolores era um dêsses tipos que o Brasil importa a mãe e o pai pra bancar que tambem dá moça linda. Direitinho certas industrias de São Paulo... Da terra e da nossa raça não tinha nada. Porêem se pode afirmar que tinha o demais porque não havia ninguem mais brasileiro que ela. Falassem mal do Brasil perto dela pra ver o que sucedia! Desbaratava logo com o amaldiçoado que vem comer o pão da gente, agora! praquê não ficou lá na sua terra morrendo de fome! vá saindo!... Ah! perto de mim você não fala do Brasil não porque eu dou pra trás, sabe! Eu sei

bem que a Italia é mais bonita, mais bonita o quê!... uma porcariada de casas velhas, isso sim, e gente rúim, só calabrês assassino é que se vê!... Aqui tem cada amor de bangalôzinho!... e a estação da Luz, então! Você nunca, aposto, que já entrou no teatro Municipal! Si entrou, foi pro galinheiro, não viu o fuaiér! Italia... A nossa catedral!... aquilo é gotico, sabe! não está acabada mas falaram pra mim que vai ter as tôrres mais compridas do mundo!

E Dolores ficava muito bonita na irritação, com cada ôlho enorme lá no fundo relumeando que nem esmeralda. Era uma belezinha. Esguia, bem feita, com tudo saltadinho, ombros descidos, pescoço penujado de iereré. Então do pescoço pra cima! Morena. Com cada jambinho madurando nas faces que si a gente provasse uma vez só, virava no sufragante ijucapirama do amor. Cabelo cor-de-castanha pra mais claro cheio de muitas cachos de verdade que ela ainda não tivera coragem de cortar pra seguir a moda das amigas. Quando for pra suspender, eu corto em vez de suspender, falava. E aqueles crespos lhe rodeavam tão bem a côr! dando prá boniteza dela uma esquisite rara com que a gente primeiro carecia se acostumar. A boca não era grande coisa mas não prejudicava. E os olhos, Nossa Senhora! tinha verde de brêdo com vagalume estrelando por cima, num Cruzeiro do Sul de noite e dia.

Estava pra fazer dezessete. Era bem educadinha,

isto é... tinha seguido o curso dum collegio meio economico mas bem frequentado. Ainda se obstinava no francês, como as amigas faziam, e experimentava as dansas da moda com a melhor professora da cidade. Contava muitas amigas ali da Vila Buarque, que é bairro de pobreza escondida, e tinha sobre elas a ascendencia respeitavel de quem não manda reformar vestido. Andava nos trinquês.

Era natural que revolucionasse o curso de seu Gomes. Pois foi. Já sabia seus vibratos de violino aprendido no collegio e até terceira posição ia bem direitinho. Faltava afinação mas não faltava intelligencia. O Gomes principiou alimentando a idea de que a Dolores era bem capaz de fazer a notoriedade dele como professor.

Logo simpatizara com ela. Mas não enveneno o caso não. Era simpatia de amizade apenas. E um poucadinho de ambição tambem. Professor é sempre assim: por mais pura que seja a amizade dele por aluno, ha sempre uma esperancinha de perpetuação enfeando o sentimento. Não dizem porêm a gente percebe que estão procedendo como si dissessem: Isto quem fez fui eu. Seu Gomes imaginou que a Dolores ia fazer a celebridade dele e teve simpatia por ela. Em amor não pensou e, franqueza: nem sentiu nada diante dela. Era sossegado, meio timido e chegara aos vinte-e-quatro sem nunca ter chamêgo por ninguem.

Nem sabia si casava ou não. Tinha primeiro que

arranjar reputação de professor bom, o que já é bastante difícil pra mestre “juvenal”, como chamam aos solteirões no Nordeste. Aliás, sem querer, outro dia, seu Gomes levantara os olhos, saudara a vizinha, uma creio que modista. Até encafifara porquê nunca tirava chapéu pra vizinho. Não sabia porquê tirara, ia tão distraído, foi de repente. Mas, saudara uma vez e continuou saudando.

Outra razão importante acabou por destruir qualquer vontade que êle pudesse ter de se enguiçar pela Dolores. Ela era vivinha, foi logo se chegando pra maiores intimidades. Quê que êle havia de fazer! tinha que falar “muito obrigado” por causa das margaridas, por causa dos cravos, por causa dos bolinhos que era quasi toda semana iam parar na casa dele.

— Então o senhor gostou, é? Ainda hei-de mandar pro senhor mas é um bolo que eu faço, êsse sim! Mas precisa figos cristalizados e o emporio não tinha. Quando eu for na cidade, trago. Papai? a gente encomenda pra êle, o pobre! esquece.

— Mas dona Dolores...

— Praquê que o senhor me chama “dona”, fica tão feio! Pois não sou sua aluna! Fale “Dores”, “Dores” como fiz me chamarem lá em casa. “Dores”, “você”, e pronto!

Ele achava graça naquela voz de criança.

— Pois então chamo. Ia dizendo que você não deve se incomodar assim comigo...

— Me incomodar! Não fale isso, seu Carlos!

— Mas sua mãe, Dolores...

— Dorés! "Dolores" é espanhol, não gosto! Sou tão brasileira como o senhor, fique sabendo! Já não basta êsse Bermudes tão feio que não posso mudar... Fale "Dorés"! São tão bonitos os nomes brasileiros... Carlos da Silva Gomes! Ah, si eu tivesse um nome assim!

— Pois eu acho Dolores um nome bem bonito.

— Ora, seu Carlos!... O senhor vai me chamar "Dorés", chama? Não custa nada pro senhor e fico tão feliz! Diga que chama!

— Pois chamo... a senhora...

— Olhe! "Dorés", "você".

— Espere um pouco também! deixe eu me acostumar. No comêço a gente confunde... Dorés.

Ela fechou os ombros numa expressão de gôsto alegre. Riu.

— Do que você está rindo?

— Eu sempre falo que consigo tudo dos meus professores! Já no colegio era assim. O professor de Arimética me avisou que eu tomava bomba. E tomava mesmo porquê tenho horror de Arimética, credo! Pois apostei com as colegas, não estudei mesmo nada e passei!

— E como é que você fez!

— Ah, isso... são cá uns segredinhos! A gente

não estuda mas... ihi... então praquê que a gente tem olhos então!...

— Dolores!

— Ora, seu Carlos! são uns professores coiós, qualquer coisa já pensam que a gente está dôida por êles... a gente aproveita, é logico!

— Mas Dolores...

— Dorez!

— Você é uma criança, Dorez! Teve coragem de namorar o professor só pra passar!

— Namorar? que nada! Olhava dum certo jeitiinho e êle é que pensava que eu estava namorando. Ihi... quando chegou no exame, fez a prova e disfarçando botou na minha carteira, foi só copiar! Distinção! As outras é que estrilaram! Outro coiό é o professor de francês, tamanho velho!... Uma vez se queixou pra mamãe e ela me bateu. Espera aí, seu caixadoclos, que eu faço você ficar manso!... do quê que o senhor está se rindo tanto, seu Carlos!

— Pois Dorez, eu sou seu professor e você vem contar isso pra mim!

Dolores ficou séria de repente. E apertando a mão dele com fôrça:

— Seu Carlos, o senhor não vá pensar que trato o senhor dêsse jeito quando... ah, não!

Já se ria outra vez. Retirou a mão. E por faceirice, num gesto de inocencia fingida:

— Posso contar pro senhor porquê já sei com quem estou tratando.

— Ah, isso, você pode ter certeza, Dores! Já falei que você tem jeito pra música mas si não estudar, comigo é que você não passa nem que remexa os olhares mais arrevesados dêsse mundo!

— Ihi... não é arrevesado que a gente faz, seu Carlos!

— Então como é?

— Não tem palavra pra explicar, só fazendo... Mas diante do senhor tenho vergonha!

E ficou talqual um genipapo, roxa de vergonha sem razão. E o verde fundo dos olhos fuzilando... Seu Gomes pensou a palavra "bonita" e fez a menina repetir mais tres vezes a escala de Ré Maior.

— Dores, você carece estudar mais! Olhe que lição você me trouxe! Assim não serve porquê afinal nós dois perdemos tempo atoa. Não estou aqui pra isso não!

— Oh, seu Carlos...

E num atimo êle se viu todo coberto de esmeraldas tristes. Percebeu que fôra rispido demais. Mijhorou:

— Dores, você não sabe... Um professor, si é de-veras professor, quer bem as alunas como... filhas, Dores. Quer que elas progridam, que fiquem tocando muito bem... Você, Dores... você precisa aproveitar os dotes que tem! De todas as minhas alunas é a mais

bem dotada, é... é a melhor. Estude, faz favor! Você já me disse que gosta muito de mim como professor...

— Gosto muito!

— ...pois então, estude... pra me fazer feliz!

— Seu Carlos, vou estudar muito agora!

— Então vá!

— Té quinta, seu Carlos!

— Té mais.

Ficou sozinho na sala, todo cheio de esmeraldas alegres. Não percebia que tinha melhorado por demais a zanga. Eis como os casos principiam, meu caro. A gente vai melhorar e d'aí que a joça destempera duma vez. Seu Gomes ficara zangado por timidez. A palavra "bonita" avisou que si êle não pusesse reparo seria o bobão proximo. E ainda restava um certo despeito de classe por ver os professores tão brincados por uma criança. Então zangou meio sem razão. Mas tristura de ôlho no fundo quem que aguenta? Seu Gomes acalmou facil. Não sentiu mais nada que continuasse a palavra "bonita" e quis carinhosamente fazer estudar mais, uma aluna de que esperava muita coisa. Pôs ambição no conselho e a boba da mocinha sentiu um golpe bom dentro da impaciencia. Saiu feliz sem saber de quê porêm mesmo nesse dia inda foram quasi duas horas de Ré Maior.

Seu Gomes sorumbatico puxou a cigarreira pra fumar. Viu a cara embaçada na tampa de prata. E daquela cara regular dum moreno palido, com o cabelo

crespo negrejando sobre as entradas, descia um corpo que não era fraco não: capaz de aguentar com a dona que encostasse nele. E seu Gomes piázinho inda machucara muito uma unha. Ficara aquela mancha preta grande que até dava espirito prá mão. Saiu sorumbático. Aquela menina era bem capaz de fazer dele... isso não, que não era nenhum leso! A Serafina. (E' a vizinha). Não podia ser acaso não. De primeiro inda era só de-tarde, hora mesmo da gente estar na janela, mas agora ao meio-dia, pronto: sorrindo palido prá saudação dele. Serafina. Doce nome... Todas as raças são iguais... Seu Gomes entardeceu num sossêgo largado, muito suave. Sorriu livre, tornando a pensar na Dolores. Que sapequinha! Enfim, fôra bom porque agora sabia com quem estava tratando.

E ensinou a Dolores com muito carinho, com imensa amizade, cada vez mais íntima e mais amizade.

E depois: ela progredia. Muito preguiçosa porém seu Gomes logo descobriu que falando com certo jeitinho, voz mais baixa meio surda... só fazendo, a Dolores saía dali e estudava até umas quatro horas por dia durante uma semana. Pois então, queria que ela estudasse? duas tres vezes por mês falava de tal jeitinho. Isso chovia esmeralda de bandeirante numa conta em cima dele. Até, no fim dêsse mesmo ano quando o maestro Marchese disse que bisognava arranjar qualquer músicas para la signorina tocare náa festa, nem seu Gomes precisou se incomodar muito:

a signorina teve um sucesso com o Noturno de Chopin transcrito.

Estamos tres anos depois dessa festa e lá por dezembro Dolores recebe o diploma do Giacomo Puccini. E' sempre a mesma coisa como carinha bonita mas anda mais desmerecida. Estuda muito agora e toca de deveras com espirito o que toca. Era considerada a melhor aluna do "Giacomo", como se falava no Brás, deixando rabí o nome do conservatorio. O Marchese andava enciumado e sei que andou chamando umas colegas da Dolores na sala da diretoria, filho-da-mãe!...

Uhm, me esquecia... meses antes ela ficara noiva. Seu Gomes fôra na casa dela acertar umas músicas, de repente ela mostrou a aliança de prata na mão direita:

— Já reparou?

— Já. Não sabia que a minha Dorez estava casada. O que você carece mas é estudar mais, sabe!

— Não estou casada não, seu Carlos! As noivas é que usam aliança de prata.

— Você está noiva, Dorez!

Ela abaixou a cabeça, rindo manso e mandou lá do fundo um feixe de esmeraldas pra seu Gomes. Ele estava serio. Antes de mais nada, se lembrou da aluna, tanta trabalhadeira de estudo e pronto! se apaixonava pelo primeiro sarambé que aparecia.

— Meus parabens. Não sabia.

— O senhor... parece que não gostou, seu Carlos!

— Gostei, Dores. Mas acho que é uma pena você casar já, tão moça. E depois: por causa dos seus estudos que vão tão bem.

— Seu Carlos não quer eu não caso!

— Não quero? Deus me livre, Dores! Pois... eu quero é que você seja feliz. Você gosta dele, naturalmente é rapaz bom...

Falando, o malestar em que ficara desde o princípio do diálogo foi se substituindo pela imagem da vizinha costureira. Apoiou-se na imagem e sentiu chão firme.

— Não gosto nem desgosto... Mamãe com papai que quiseram. Diz-que é bom partido. E' muito simpático, bonzinho....

— Pois seja feliz, Dores. Mas vamos continuar a lição.

E a lição voou apesar duma certa distração na sala. Dolores tocou como nunca. Humilde, riso impassível meio amarelo, muito calma. Seu Gomes saiu satisfeitíssimo.

— Eu não devia dizer, Dores... mas é uma pena si você casar logo! Com mais dois anos eu punha você artista, garanto.

— Já falei! é só o senhor não querer que não caso, seu Carlos!

— Case sim, Deus me livre agora de andar desmanchando casamento de ninguém! Té mais.

— Té quinta, seu Carlos!

Seu Gomes saiu. Todo coberto de esmeraldas tristes. O mais engraçado é que pouco depois uma pessoa que conhecia bem os Bermudes afirmou pra êle que a Dolores não estava noiva. Não compreendeu nada e, indagando, ela tornou a afirmar que estava. Então é porquê estava e não se incomodou mais com aquilo. Sarambé era êle que não entendia, e não os moços que tiram as moças da casa dos pais! Dolores continuou a representar o noivado por mais de mês. Era assunto que lhe permitia dizer que casava com aquele como podia casar com qualquer um e não tinha mais esperanças neste mundo. Um dia apareceu sem aliança na aula.

— Que-dele o anel, Dorez?

— Acabou-se tudo, seu Carlos! Agora o senhor pode ficar sossegado que não caso mais, ouviu! Si um dia me casar ha-de ser com o consentimento do senhor!

— Mas, Dorez, eu não quero tomar essa responsabilidade, não! Olhe, você quer uma palavra de amigo? essas coisas a gente não vai fazendo e desfazendo assim atôa!

— Ah, só pra experimentar um pouco. Eu não gostava dele!

— Mas fez o pobre do moço sofrer!

— Ara, isso todos nós sofremos, seu Carlos! Porquê a gente não ha-de gostar duma pessoa e ser logo correspondida!

E principiou chorando, muito nervosa, ali mesmo na sala, podiam ver. Seu Gomes espantadissimo.

— Que é isso, Dores! não faça assim!

— Ah, seu Carlos... sou uma desgraçada!...

— Sossegue, Dores! Pode passar alguém, não fica bonito ver você chorando assim!

Dolores soluçando muito sacudida, apagava esmeraldas no lençinho. Já sorria:

— Você tá nervosa, vá pra casa. Olhe: não se esqueça de repassar a Ave-Maria prá missa de domingo.

— Sei, seu Carlos.

Suspirou fundo que doía, foi-se embora.

Pois não durou nem vinte dias, seu Gomes recebeu o cartão em que “Temos a honra de participar a V. Excia. e Exma. Familia que contratamos o casamento de nossa adorada filha Dolores Sarti Bermudes com o sr. Agostinho Nardelli. Alonso Bermudes”, rua tal, etc. Desta vez era certo. Escreveu agradecendo e com os votos.

Casar... é. Seu Gomes já estava com quatrocentos milréis das lições. E com moça boa, trabalhadeira... Mesmo que não ajudasse no ganho, ao menos que fizesse os proprios vestidos... Cento-e-cincoenta pro aluguel, cento-e-cincoenta pra comerem. Inda restava cem pro que desse e viesse. Nessa noite seu Gomes teve um sonho bem desagradavel. Era uma rua, um bêco, tapado por um casarão no fundo. A vizinha

estava numa janela alugavel aí por uns trezentos mil-réis por mês. Mas na outra calçada a mãe da Dores sacudia as banhas numa risada sem educação, dizendo: "E' muito!" Seu Gomes apesar da vergonha continuou andando e saudou a modista. Praquê saudou! Saiu de dentro do chapéu dele um papagaio com um cinzeiro de prata no bico. Dentro do cinzeiro está todo o meu dinheiro, pensava o sonho assustado. Seu Gomes ficou num desespero enorme e resolveu subir pelo poste pra ver si agarrava o papagaio. A vizinha rindo palido falou assim:

— Quer que ajude?

Seu Gomes implorou:

— Me ajude, Serafina!

Nem bem falou a modista já estava agarrada nas costas dele. Chê... ficou difícil de trepar no poste com mais aquele pêso nas costas, ficou impossivel de trepar. Tambem não era preciso mais porquê desaparecera o papagaio e estava tão bom que seu Gomes mexia na cama até que o chão se abriu. Seu Gomes com a Serafina caíram e o sonhador acordou com uma sêde louca.

Dolores se explicou bem sobre o primeiro noivado secreto. O segundo é que não durou tres meses. Dona Marina contou pra seu Gomes que tinham desmanchado porquê o moço não prestava. Essas coisas não aborreciam seu Gomes porquê por uma curiosa inversão de papeis o timido substituia secretamente a

Dolores pela Serafina naquele casa-não-casa e tanto falar em casamento quotidianizava na hesitação dele a evidencia do casamento: precisava se casar. E tudo isso prova também que êle não estava de todo inocente a respeito da Dorés. Mas o importante no momento era preparar bem o Pugnani-Kreisler prá festa de formatura.

Estava nisso quando a Dorés apareceu inquieta na lição. Era nesse tempo que parecia mais magrinha, olhos cada vez mais no fundo, toda a gente imaginando que era o estudo. Outra aluna estava ali. Falou baixinho:

— Preciso falar muito com o senhor!

— Pois fa...

— Fale baixo! Tenho um assunto muito importante pra dizer pro senhor. Vá amanhã na missa e suba no côro, vou tocar. E' coisa muito séria, seu Carlos!

Ele reparou que era coisa muito séria mesmo. Aqueles olhos, aquela boca tremendo entre autoridade... Passou meio inquieto uma parte da noite. Foi na missa.

Dolores desfiou uma lengalenga muito atrapalhada, cheia de reticencias, de vergonhas, que já estavam falando muito deles, que não havia nada porêm o senhor sabe como é boca do mundo, as colegas, seu Carlos!... e os olhos dela encheram-se de lagrimas, as colegas vivem bulindo comigo, que o senhor gosta

de mim, mas eu sei que não gosta! foram contar pra seu Marchese, êle mandou me chamar, vive falando pra mim que, quihí... eu sei que o senhor é tão bom, é tão serio, mas êle vive me falando que o senhor não presta, que está me namorando por causa do meu dinheiro, que ficou muito feio pra mim!... Toda a gente já sabe! que eu devia largar da aula com o senhor, e que depois o senhor não casa comigo, tá só se divertindo, seu Carlos!... eu sei que o senhor é incapaz de me enganar mas êle mandou chamar mamã, falou tudo pra ela, ela me deu uma surra, seu... seu Carlos! me deu duas bofetadas na cara, quihí, quihí... e chorava de não falar mais.

— Mas o que você está me contando, Dores!... Será possível!

— E' possível sim! Toda a gente caçoa de mim por causa do senhor! Nunca falei nada porquê eu gosto muito do senhor, não quis que o senhor ficasse triste. Sabe? meu noivado desmanchou só por sua causa, foram contar tudo pro Agostinho! outro dia no baile ninguém mais não queria dansar comigo porquê diziam que eu estava ocupada! "Ocupada"! seu Carlos! falaram assim mesmo! De já-hoje quando o senhor entrou não viu a cara que a organista fez!...

— Meu Deus! mas si nunca houve nada, Dores! como é que...

— Tenho sofrido, seu Carlos! tenho sofrido muito!... dizem que estou doente, doença nada!... E'

tudo por sua causa mesmo!... mas eu sei que o senhor não gosta de mim e não queria que o senhor subesse disso mas... quihí... não posso mais!... e mamãe me falou pra mim que quer falar com o senhor...

— Pois falo, Dores! Sempre tratei você como minha aluna e não tenho medo de ninguém!

— Vá amanhã lá em casa mas... seu Carlos! eu não quero largar do senhor! não deixe me darem pra outro professor! com outro eu não estudo mais!...

Seu Gomes olhou com dó aquele corpinho magro estalando. Segurou-lhe as mãos que apertavam os lábios querendo gritar. Quis levantar-lhe a cabeça, porém estava desamparada, tornou a cair prá frente com os lábios colados na mão dele num beijo de fogo molhado. Tirou rápido a mão. Desceu a escadinha do côro, partiu. Estava com a mão insuportável com a lembrança do beijo. Estava tonto. Estava nem querendo pensar. Seguiu com muita pressa louco pra chegar em casa porquê parece mesmo que a casa da gente nos protege de tudo.

Em casa achou o recado que o maestro Marchese pedia pra seu Gomes ir falar com êle, foi.

— Bom-dia.

— Bom-dia, s'accomodi. Professore, mandei chamar o signore por causa dum assunto molto serio! Il Giacomo é un stabilimento serio! Qui non si fa scherzi

com moças, signor professore! Si lei aveva l'intenzione di namorare careceva de andare noutro...

— Seu Marchese, o senhor dobre a lingua já, ouviu! O senhor tirou alguma coisa a limpo pra saber si estou namorando, heim! Fique sabendo que não estou disposto a aguentar insulto de ninguem e faço o senhor calar a boca já!

— Ma non dzangate! non dzan-ga-te, signor professore! non cé mica male in quello que eu disse! Sei molto bene que lei é honestissimo ma che posso fare, io! todos falam! S'accomodi, per favore!

— Tou bem de-pé.

— Ma non dzangate, signor fessore!... Stó falando sul serio! Sono un povero uomo con quatro figlioli in casa, si! signor professore, che bellezza de criancinhas! non posso expulsare questa rogazza Bermudes sinon m'isculhamba tutta la vida! Sono inrovinato, Dio santo! non posso mandare la ragazza s'imbora! é ó non é!...

— Isso é o de menos, seu Marchese... o senhor... ponha a Dolores no seu curso, não me incomodo.

Seu Gomes tinha pensado primeiro em se retirar do Giacomo, porém lembrou dos cem milréis, se acovardou. Pois é: Dolores passava pro curso do outro e tudo se arranjava.

— Ma, signor professore, non basta! Bermudes stá uma fera! e io ho paúra dun scandalo!... Bisogna dare una satisfazione a tutto il Bras!...

Seu Gomes estava cansado. Era muito frouxo pra pelear mais.

— Está bem, seu Marchese, eu saio do Giacomo.

— Bravo! Si vede que lei é um bravo moço! sempre falei pra todos que lei é um bravo moço!

— Já sei. Passe bem.

— Ah, ma o signore si esquece o dinheiro, isto nó! Mancano cinco dias ma il Giacomo paga tutta la mensalitä. Tante grazie, signor professore, tante grazie!... A' rivederlo!

Careceu de gritar o "rivederlo", seu Gomes já ia longe. Chegou em casa abatido, nem almoçou. De repente lhe veio aquela vontade de resolver tudo aquele dia mesmo, pegou no chapéu, foi prá casa da Dorez.

O violino parou e dois olhos relampearam na sombra da janela. Dorez veio correndo abrir a porta.

— O que foi!

— Quero falar com sua mãe já.

— Sente, seu Carlos. Mamã não está mas eu mando chamar, é aqui pertinho! E foi bom porque assim a gente pode combinar primeiro. Maria, vá chamar mamã na casa de seu Almeida, fale pra ela que seu Gomes está aqui, ela já sabe.

Houve um momento de silêncio. Ela tomara um ar tímido de viada, rostinho baixo. De repente seu Gomes ficou todo coberto de esmeraldas alegres. Dorez sorriu:

— Então?...

— Não tem nada, Dores, não se luta com boca de povo. Mas você carece ter paciência também!

A frase deixara a coitadinha supliciada de novo. Seu Gomes sentiu uma vontade de machucar ainda mais quem lhe roubava tanto cem milréis seguro.

— Acabo de ser expulso do Giacomo.

— Seu Carlos!...

Ele ficou com dó. Remediou:

— Não se incomode não! A vida tem mesmo dessas... A gente põe tanta esperança numa coisa ahn... tudo escapa de repente.

Dores chorando.

— Você que carece de ser mais energética, vai pra outro professor, paciência. Praquê você não continua com o Bastiani? Ao menos vai pra melhor.

— Eu não quero, seu Carlos! não largue de mim!... deixe eu ficar com o senhor!...

Ele estava muito calmo, carinhoso, piorando tudo.

— Tomara eu ficar com você, Dores, mas não pode ser, se acalme! Olhe, você se forma e depois continua com o...

— Não continuo com ninguém! seu Carlos... é mamã! fale pra ela, o senhor consegue, fale!

A gordura de dona Marina enlambusou a porta.

— Já está chorando outra vez! que menina... Não se incomode, seu Gomes, etc.

Foi uma explicação muito simples. Os dois procederam bonito de verdade. A lealdade sem recantos

da dona fortificou seu Gomes. Só que um pouco atrapalhados pela Dores que se metia chorando, falando bobices até que dona Marina lhe deu aquele tabefe na boca. Então seu Gomes não poute suportar!

— Dona Marina, não vim aqui pra ver a senhora dar na sua filha. Acho que não temos mais nada pra explicar. Quanto aos estudos dela quando a senhora quiser, vá lá em casa que dou a recomendação pro Bastiani. Passe bem. Adeus, Dores.

Então é que foi a história. Ela agarrou na mão, no braço dele, olho veio vindo e ficou saltado bem na frente feito holofote verde.

— Não! o senhor não larga de mim! Me leve daqui! é mentira!

Nem podia falar, feito louca.

— E' mentira! não largue de mim, eu gosto tanto do senhor! Eu morro! E' tudo mentira! Ninguém está falando mal de nós! Fui eu que falei práas colegas! Eu! Eu não posso ficar sem o senhor! Nem que seja só pra estudar! mamã! Fui eu que falei pro diretor! me deixe com o senhor!...

Era grito já.

Seu Gomes voltou com uma piedade amarga.

— Dores, você...

Ela apertou-o nos braços, mais baixa, espregando o queixo no peito dele. Dona Marina brutaça arrancando a filha. Seu Gomes com doçura se desenlaçando. Dores gritava, dando cotoveladas na mãe, "Me lar-

gue! me largue!" rouca duma vez. "Eu quero ir com êle!...".

Mas seu Gomes bem percebia que agora era tarde pra começar o amor. Havia u'a modista inteirinha entre os dois e tres anos de costume com a modista no sentimento. Meio sorrindo desapontado:

— Que criançada, Dores!

— Não!!

Foi o grito maior. Se escutou da rua. Seu Gomes fugiu pela porta

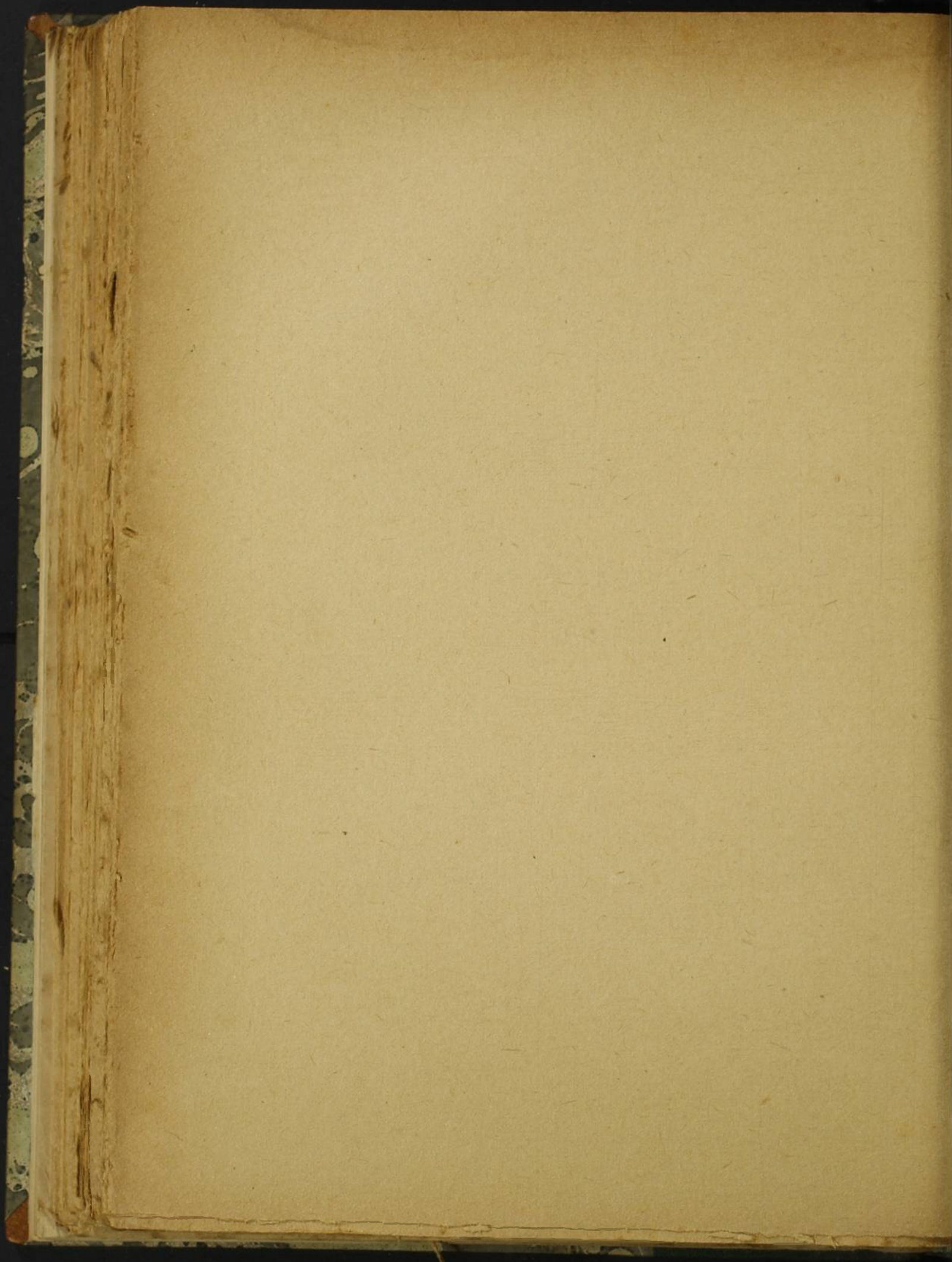
Ela ficara parada, prêsa na cintura pelos braços da mãe, ofegando, boca aberta, cada ôlho destamano bem na frente brilhando claro claro. Só deu tento de si com a bofetada. Não ardeu. Nem essa nem as outras nem os cocres e tabefes pelas costas peito cabeça. Foi chorando prá cama, com uma dor de angustia aguda, sem ninguem dentro do corpo.

Mas tres meses depois stava curada.

VI

Jaburú malandro

(1924)



Belazarte me contou:

Pois é... tem vidas assim, tão bem preparadinhas, sem surpresa... São ver gaveta arranjada, com que facilidade você tira a cueca até no escuro, mesmo que ela esteja no fundo! Mas vem um estabanado, revira tudo, que-dê cueca? — Maria, você não viu a minha cueca listrada de azul? — Está aí mesmo, seu doctore! — Não está! Já procurei, não está... E é um custo a gente encontrar a cueca. Você se lembra do João? Ara, se lembra! o padeiro que gostava da Rosa, aquela uma que casou com o mulato... (1) Pois quando contei o caso falei que o João não era homem educado pra estar cultivando males de amor... Sofreu uns pares de dias, até bebeu, se lembra? e encontrou a Carmela que principiou a consola-lo. Não durou muito se consolou. Os dois passavam uma porção de vinte minutos ali na cêrca, falando nessas coisas corriqueiras que alimentam amor de gente pobre. Ora a

(1) "Primeiro andar": "O Bezouro e a Rosa".

Carmela... será que ela gostava mesmo do João? Difícil de saber. Era moça bonita, isso era. Dêses tipos de italiana que envelhecem muito cedo, isto é, envelhecem não, engordam, ficam chatas, enjoativas. Porém nos dezenove, que gostosura! Forte, um pouco baixa, beijos tão repartidinhos no centro, um trevo encarnado! Cabelo mais preto nem de brasileira! Porém o sublime era a pele, com todos os cambiantes do rosado desde o roseo-azul do queixo com as veínhas de cá pra lá sapecas, até o rubro esplendor ao lado dos olhos, querendo extravasar pela fronte nos dias de verão brabo. Filha de italiano já se sabe... Mas Carmela não tinha a ciencia das outras moças italianas daqui. Pudera, as outras saíam todo santo dia, frequentavam as oficinas de costura. As mais humildes estavam nos cortumes, na fiação... Que acontecia? Se acostumavam com a vida. Não tinha homem que não lhes falasse uma graça ou no minimo olhasse pra elas daquele jeito que ensina as coisas. Ficavam sabendo logo de tudo e até segredavam imoralidades umas prás outras, nos olhos. Ficavam finas, de tanta grosseria que escutavam. A grosseria vinha, pam! batia nelas. Geralmente caía no chão. Poucas, em comparação ao número delas, muito poucas se abaixavam pra erguer a grosseria. Essas se perdiam, as pobres! Si não casavam na Polícia, o que era uma felicidade rara, davam nas pensões. Nas outras a grosseria relava apenas, escorregando pro chão. Mas o choque desbastava

um pouco essa crosta inutil de inocencia que reveste a gente no comêço. Ficavam sabendo, se acostumavam facilmente com o manejo da vida e escolhiam depois o rapaz que mais lhes convinha. Seleção natural. Casavam e o destino se cumpria. De chiques e aladas, viravam mãis anuais; filho na barriga, filho no peitume, filho agarrado na perna. Domingo iam passear na cidade, espandongadas, cabelo caindo na cara. Não tinha importancia, não. Os trabalhadores o que queriam era mãi pros oito a doze filhos do destino.

Carmela não. Vizin hava com a padaria em casa propria. O pai afinal tinha seus cobres de tanta ferradura ordinaria que passara adiante, e tanta roda e varal concertados. E, fóra as duas menores que nem na escola inda iam, o resto eram filhos, gente bem macha trabalhando numa conta. Dois casados já. Só um ninguém sabia dêle. Talvez pelas fazendas... Sei que fóra visto uma feita, em Botucatú. Era o defeito fisico da familia. Si o nome dele caía na conversa, a gente só escutava os palavrões que o pai dizia, porcala miseria! Restava a metade de meia duzia, menores que Carmela, treze, quatorze e dezesseis anos. Segu iam o caminho bom dos mais velhos. Assim florescentes, todos imaginaram de comum acôrdo que Carmela não carecia de trabalhar. Deram um estadão pra ela. Bonita! O pai olhava a filha e sentia uma ternura diferente. Pra esvaziar a ternura, comprava uma renda, sapatos de pelica alvinha, fitas, coisas assim.

Padeiro portugua e ferreiro italiano, de tanta vizinhança, ficaram amigos. Quando o Serafino Quaglia viu que a filha pendia pro João, gostou bem. Afinal, padaria instalada e afreguesada não é coisa que a gente despreze numa epoca destas... Porém a história é que Carmela, sequestrada assim da vida, apesar de ter na familia uma ascendencia que a fazia dona em casa, possuia coração que não sabia de nada. O João era simpatico, era. Forte, com os longos braços dependurados, e o bigode principiando, não vê que galego larga bigode!... Carmela gostou do João. Quando pediu pra êle que não bebesse mais, João se comoveu. Principiou sentindo Carmela. As entrevistas na cêrca tornaram-se diárias. Precisão não havia, ninguem se opunha, e um entrava na casa do outro sem cerimonia, mas é sempre assim porém... Não carece a gente ser de muitos livros, nem da alta, pra inventar a poesia das coisas, amor sempre despertou inspiração... Ora você ha-de convir que aqueles encontros na cêrca tinham seu encanto. Pra êles e pros outros. Alí estavam mais sós, não tinham irmãos em roda. Pois então podiam passar muitos minutos sem falar nada, que é a melhor maneira de fazer vibrar o sentimento. Os que passavam viam aquele par tão bonito, brincando com a trepadeira, tirando lasca do pau sêco... Isso reconciliava a gente com a maldade do mundo.

— Sabe!... a Carmela anda namorando com o João!

— Sai d'aí, você!... Vem contar isso pra mim!
Pois si até fui eu que descobri primeiro!

Pam!... Pam!... Pam!... Pam!... Pampam-
pam!... Toda a gente correu na esquina pra ver. O
carro vinha a passo.

GRANDE CIRCO BAHIA

dos irmão Garcias!

Hoje! Serata de estreia! Cachorros e maccacos sabios!

Irmãos Fê-Hi equilibristas! Grandes numeros de
actração mundial!

Apresentação de toda a Compania!

Todos os dias novas estreias!

O homem Cobra. Malunga, o elephante sabio!

Terminará a função a grande pantommima

OS SALTHEADORES DA CALABRIA

Tres palhaços e o tony Come Mosca

Evohé! Todos ao Grande Circo Bahia! Hoje!

(Esquina da rua Guaicurús)

Só 2\$000 — Cadeiras a Quatro

Imposto a cargo do respeitavel Publico!

Eviva!

O circo Baía vinha tirar um pouco o bairro da ro-
tina do cinema. Pam! Pam!... Pam!... Lá seguia o

carro de anúncio entre desejos. Carmela foi contar pro João que ela ia com os tres fratellos. João vai tam-bem.

O circo estava cheio. Pipoca! Amendoim torrado!... Batat'assat'ô furrn!... Vozinha amarela: Nugá! nugá! nugá!... Dentadura na escuraleza: Baleiro!... Balas de coco, chocolate, canela!... E a banda sara-pintando de saxofone a noite calma. Estrêlas. Foram prás cadeiras, Carmela alumeando de boniteza. O circo não vinha pobre nem nada!

— Todos os numeros são bons, heim! Eu volto! Você?

Come-Mosca quis espiar a caixa tão grande toda de lantejoulas, verde e amarela, que os araras traziam pro centro do picadeiro, prendeu o pé debaixo dela. Foi uma gargalhada com o berro que êle deu.

— Volto tambem.

Música. O reposteiro escarlata se abriu. O artista veio correndo de lá de dentro. Com um malhê todo de lantejoulas, listrado de verde e amarelo. Era o Homem Cobra. Fez o gesto em curva, braços no ar, deformação do antigo beijo pro público... E' pena! tradição que já vai se perdendo... Tipo exquisito o Homem Cobra... Esguio, esguio. Assim de malhê, então, era ver uma lamina. Tudo lantejoula menos a cabeça. Até as mãos! Feio não era não. Esse gênero de brasileiro quasi branco já, bem palido. Cabelo liso, grosso, rutilando azul. O nariz não é chato mais, mesmo delicado

de tão pequeninho. Aliás a gente só via olhos, puxa! negros, enormes! E aumentados pelas olheiras. Tomavam a cara toda. Carmela sentiu uma admiração. E um malestar. Pressentimento não era, nem curiosidade... Malestar.

O número causou sensação. Já pra trepar na caixa só vendo o que o Homem Cobra fez! caiu no tapete, uma perna foi se arrastando caixa arriba, a outra, depois o corpo, direitinho que nem cobra! até que ficou em cima. Parecia que nem tinha osso, de tão deslocado. Fez coisas incríveis! Dava nós com as pernas, ficava um embrulhinho em cima da caixa... Palmas de toda a parte. Depois a música parou, era agora! Ergueu o corpo numa curva, barriga pro ar, pés e mãos nos cantos da caixa. Vieram os irmãos Garcias, de casaca, e o dr. Cerquinho tão conhecido, médico do bairro. — Olha o doutor Cerquinho! — O doutor Cerquinho!... Homem tão bom, consultas a tres mil-réis... Quando não podia pagar, não fazia mal, ficava pra outra vez. Os irmãos Garcias puxaram a cabeça do Homem Cobra. E a cabeça pendeu deslocada, balanceando. Trrrrrrrr... tambor. A cabeça principiou girando. Trrr... Meu Deus! girava rapidissimo! Trrrrr... “Chega! Chega!” Toda a gente gritavam. Trrrrr... Foi parando. Os irmãos Garcias endireitaram a cabeça dele. O dr. Cerquinho ajudou. Quando acabaram, o moço levantou meio tonto, se rindo. Foi uma ovação. Não sei quantas vezes ele veio lá de den-

tro agradecer. Os olhos vinham vindo, vinham vindo, aquele gesto de beijo deformado, partiu. As palmas recommçavam. Carmela pequititinha, agarrada no João. Que calor delicioso pra êle! Virou-se, deu um beijo de olhos nela, francamente, sem vergonha nenhuma, apesar de tanto pessoal em roda.

— Coitado não?

— Batuta!

No dia seguinte deu-se isto: Estavam almoçando quando a porta se abriu, Pietro! Era um ingrato, era tudo o que você quizer, mas era filho. Foi uma festa. Tanto tempo, como é que viera sem avisar! Como estava grande! Pois fazem seis anos já!

— Meu pai desculpa...

O velho resmungou, porém o filho estava bem vestido. Não era vagabundo, não pense, estudara. Sabia música e viera pra dirigir a banda do circo. Foi um frio. O velho desembuchou logo o que pensava de gente de circo. Então Pietro meio que zangou-se. Estavam muito enganados! olhem: a moça que anda na bola é mulher do equilibrista, a amazona se casara com o Garcia mais velho, Dolores, uma uruguaia. Gente honesta, até os dois japoneses. Todos espantados.

— Meu pai, o senhor vai comigo lá no circo pra ver como todos são direitos. Eu mesmo, si não casei até agora é porque nesta vida, hoje aquí, amanhã não se sabe onde, inda não encontrei moça de minha simpatia. E você, Carmela?

Ela sorriu, abaixando o rosto, orgulhosa de já ter encontrado.

— Temos coisa, não? Porque não foram no circo ontem? E'!... Pois não vi não! Também estava uma enchente!... Trouxe entrada pra vocês hoje.

Conversa vai, conversa vem, caiu sobre o Homem Cobra. Afinal não é que o número fosse mais importante que os outros não, até os irmãos de Carmela tinham preferido outras artistas, principalmente o de dezesseis, falando sempre que a dansarina, filha-da-mã! botava o pé mais alto que a cabeça. Os outros tinham gostado mais da pantomima. Porém da pantomima, Carmela só enxergara, só seguira os gestos heroicos, maquinais, do chefe dos salteadores, aquele moreno palido, esguio, flexível, e os grandes olhos. Quando morreu com o tiro do polícia bersagliere, torcendo no chão que até parecia de deveras, Carmela teve "uma" dó. Sem saber, estava torcendo pra que os salteadores escapassem.

— O Almeidinha... Está aí! um rapaz excelente! E' do Norte. Toda a gente gosta dele. Faz todas aquelas maravilhas, você viu como êle representa, pois não tem orgulho nenhum não, pau pra toda obra. Serve de arara sem se incomodar... Até foi convidado pra fazer parte duma companhia dramatica, uma feita, em Vitória do Espirito Santo, não aceitou. E' muito meu amigo...

Carmela fitou o irmão reconhecida.

Afinal, pra encurtar coisas, você logo imagina que o pai de Pietro foi se acostumando facilmente com o ofício do filho. Aquilo dava uma grande ascendência pra êle, sobre a vizinhança... Quando no intervalo, o Pietro veio trazer o Garcia mais velho pra junto da família, venceu o pai. Todo mundo estava olhando pra êles com desejo. Conhecer o dono dum circo tão bom!... Já era alguma coisa. O João, êsse teve só prazer. Fôra companheiro de infancia do Pietro, êste mais velho. Já combinaram um encontro pro dia seguinte de-tarde. Pietro mostrará tudo lá por dentro. João queria ver. E que Pietro apareça também lá na padaria... Os pais ficariam contentes de ver êle já homem. Ah, meu caro, tempo corre!...

No dia seguinte de-tardinha, João já estava meio tonto com as apresentações. Afinal, no picadeiro vazio, foram dar com o Almeidinha assobiando. Endireitava o nó duma corda .

— Boas-tardes. Desculpe, estou com a mão suja. Sorria. Tinha êsse rosto inda mal desenhado das crianças. Faltava perfil. Quando se ria, eram notas claras sem preocupação. Distraído, Nossa Senhora! — Meidinha, você me arranja esta meia, a malha fugiu... Almeidinha puxava a malha da meia, assobiando. — Meidinha, dá comida pro Malunga, faz favor, tenho de ir buscar os bilhetes. Lá ia o Almeidinha assobiando, dar comida pro Malunga. Então carregar a filhinha da Dolores, dez meses, não havia co-

mo êle. A criança adormecia logo com o assobio doce, doce. E conversava tão delicado! João teve um entusiasmo pelo Almeida. E quando, na noite seguinte, o Homem Cobra recebendo aplausos, fez pra êle aquele gesto especial de intimidade, João sentiu-se mais feliz que o rei Dom Carlos. Safado rei dão Carlos...

Carmela tanto falava, Pietro tanto insistiu, que o velho Quaglia recebeu o Almeida em casa mas muito bem. Em dez minutos de conversa, o moço já era estimado por todos. Carmela não poudé ir na cêrca, já se vê, tinha visita em casa. João que entrasse, pois não conhecia o Almeida também!

E, vamos falando logo a verdade, o Homem Cobra, assim com aquele jeito indiferente, agarrou tendo uma atenção especial pra Carmela. Ninguém percebia porquê, afinal, a Carmela era quasi noiva do João.

Nunca mulher nenhuma tivera uma atenção especial pro Meidinha. Carmela era a primeira. Ele percebeu. Só êle, porquê os outros sabiam que ela era quasi noiva do João. E tem coisas que só mesmo entre dois se percebem. Carmela dum momento pra outro, você já sabe o que é a gente se tornar criminoso, ficara habil. Mesma habilidade no Meidinha, que fazia tudo o que ela fazia primeiro. Até o caso da flor passou despercebido. Também quem é que percebe uma sempreviva destamanho! O certo é que de-noite o Homem Cobra trabalhou com ela entre as lan-tejoulas. Só ôlho com vontade de ver é que enxerga

uma pobre florzinha no meio de tanto brilho artificial.

Era uma hora da madrugada, noite inteiramente adormecida no bairro da Lapa, quando o esguio passou assobiando pela rua. Carmela, não sei que loucura deu nela, acender luz não quis, podiam ver, saltou da cama, e, com o casaquinho de veludo nas costas, entreabriu a janela. Abriu-a. Esperou. O esguio voltava, mãos nos bolsos, assobiando. Vendo Carmela emudeceu. Essas casas de gente meia pobre são tão baixas!... Tocou no chapéu passando.

— Psiu...

Se chegou.

— Boa noite.

— Safa! a senhora ainda não foi dormir!

— Estava. Mas escutei o senhor, e vim.

— Noite muito bonita...

— É.

— Bom, boas-noites.

— Já vai... Fique um pouco...

Ele botara as costas na parede, mãos sempre nos bolsos. Olhava a rua, com vontade de ir-se embora de-certo. Carmela é que trabalhou:

— Vi a flor no seu peito.

— Viu?

— Fiquei muito agradecida.

— Ora.

— Porquê o senhor botou a flor, heim?... Podiam perceber!

Almeida se virou, muito admirado:

— O que tinha que vissem!

— E'! tinha muita coisa, sabe!

Ele tirara as mãos dos bolsos. Se encostara de novo na janela, e olhava pro chão, brincando o pé numas folhinhas. A mão descansava alí no peitoril. Carmela já conhecia a doçura das mãos dadas com o João. De manso guardou a do moço entre as ardentes dela. Meidinha encarou-a inteiramente. Sorriu. Virou-se duma vez e retribuiu o carinho pondo a mão livre sobre as de Carmela.

— As mãos da senhora estão queimando, safá!

E não pararam mais de se olhar e se sorrir. Porém os artistas, mesmo ignorantes de vida, sabem tantas coisas por profissão... não durou muito, Carmela e o Meidinha trocaram o beijo n. 1. Então êle partiu.

Estaria zangada?... Aquela frieza decidiu o João: pedia a moça nessa noite mesmo. Mas, e foi bom sinão a história ficava mais feia, não sei o que deu nele de ir falar com ela primeiro. Cêrca? era lugar aonde Carmela não chegava desde a quarta-feira. João mandou Sandro chama-la. Que estava muito ocupada, não podia vir. Que seria!... Pois si não tinha feito nada!... Resolveu entrar, não era homem pra complicações. Porém a moça nem respondeu aos

olhares dele. Pietro é que se divertiu com a rusga. Até caçou. João teve um deslumbramento. Gostou. Carmela é que ficou azaranzada. Fez um muchôcho de desdem e foi pra dentro. Não sabia bem porquê porê de repente principiou a chorar. Veio a mãe ralhando com Pietro, onça da vida. E' verdade que dona Lina não sabia o que se passara, viu a filha chorando e deu razão prá filha. João quando soube que a namorada estava chorando, teve um pressentimento horrível, pressentimento de quê, meu Deus!... Pressentimento sem mais nada. Entrou em casa tonto. Chegou-se prá janela sem pensamento, e ficou olhando a rua. Cada bonde, carroça que passava, eram vulcões de poeira. Ar se manchando, que nem cara cheia de panos. O jasmineiro da frente, e mesmo do outro lado da rua, por cima do muro, os primeiros galhos das árvores tudo avermelhado. Não vê que Prefeitura se lembra de vir calçar estas ruas! é só asfalto prá ruas vizinhas dos Campos Eliseos... Gente pobre que engula poeira dia inteirinho!

Si jantou, João nem percebeu. Depois caiu uma noite insuportavel sem ar. João na janela. Os pais vendo êle assim, se puseram a ama-lo. Doente não estava. Pois então devia de ser algum desgosto... Carmela. Não podia ser outra coisa. Mas o que teria sucedido! E afinal, gente pobre tem também suas delicadezas, perguntaram de lado. O filho respondia

“não”. Consolar não sabiam. Nem tinham de quê, êle embirrava negando. Então puseram-se a amar.

E' assim que o amor se vinga do desinteresse em que a gente deixa êle. A vida corre tão sossegada. Ninguém não bota reparo no amor. Ahn... é assim, é!... Esperem que hão-de ver!... o amor resmunga. E fica desimportante no lugarzinho que lhe deram. De repente a pessoa amada, filho, mulher, qualquer um, sofre. E é então, quando mais a gente carece de força pra combater o mal, é então que o amor aparece, incomodativo, tapando caminho, atrapalhando tudo, ajuntando mais dôres a esta vida já de si tão difícil de ser vivida. Assim foi com os pais do João. O filho sofria, isso notava-se bem... Pois careciam de calma, da energia acumulada em anos e anos de trabalhadeira, que endurece a gente... Em vez: viram que uma outra coisa também se fôra ajuntando, crescendo sem que êles reparassem. E era enorme agora, guassu', macota, gigantesca! Amavam o João! Adoravam o João! Como era engraçado, todo fechadinho, ôlho fechado, mãozinha fechada, logo depois de nascido!... Os chôros, noites sem dormir, o primeiro riso enfim, balbúcios, primeiro dente, a roupinha de setineta côr-de-rosa, a Rosa que não quisera casar com êle, e escola, as doenças, as sovas, a primeira comunhão, o trabalho, a bondade, a força, o futebol, os olhos, aqueles braços dependurados, meu Deus! todos os dias: o João!... Si tivessem percebido êsse amor todas as

horas, compreende-se, agora só tinham que amar aquele sofrimento do instante, isso inda cristão pode suportar. Mas os dias tinham passado sem que dessem tento do amor, e agora, por uma causa que não sabiam, por causa daqueles cotovelos afincados na janela, daquele queixo dobrando o pulso largo, olhar abrindo prá noite sem resposta, vinha todo aquele amor grande de dias mil multiplicado por mil. Amaram com desespero, desesperados de amor.

Quando João viu os vizinhos partindo pro circo, nem discutiu a verdade do peito: vou também. Pegou no chapéu. Prá mãe se riu como si fosse possível enganar mãe.

— Vou pro circo... Divertir um bocado.

Depois do que se passara, ir junto dela também era senvergonhice. Procurou companheiros na arquibancada.

— Ué! você não vai junto da Carmela?

— Não me amole mais com essa carcamana!

— Brigaram!

— Não me amole, já disse!

Mas ver circo, quem é que podia ver circo num atarantamento daqueles! O Homem Cobra com a sempreviva no peito. Gestos, olhares inconvenientes não fez nenhum que se apontasse. João descobriu tudo. A gente não pode culpar o Meidinha. Não sabia que o outro gostava de Carmela. Um moço pode estar sentado junto du'a moça sem ser pra namorar...

Nessa noite o assobio chamou duas pessoas na janela. Bater, arrebentar com aquele magricela desengonçado! Confesso que o João espiando, matutou nisso. Depois imaginou melhor, Carmela era dona do nariz e si tinha que fazer das suas, antes agora! Aprendia a ver adonde ia caindo, livra! São todas umas galinhas! E bastava. Foi prá cama aparentemente sossegado. Porém que-dê sono! Vinha de sopetão aquela vontade de ver, tinha que espiar mesmo. Não podia enxergar bem, parece que se beijavam... ôh, que angústia na barriga!...

Afinal foi preciso partir, e o Meidinha andou naquele passo coreografico dos flexiveis. Alí mesmo na esquina distraiu-se, o assobio contorcido enfiou no ouvido da noite um maxixe acariocado. Carmela... você imagine que noites!

Convenhamos que o costume é lei grande. João mal entredormiu alí pelas 3 horas, pois ás 4 e trinta já estava de pé. Pesava a cabeça, não tem dúvida, mas tinha que trabalhar e trabalhou. Botou o cavalo na carrocinha perfumada com pão novo e tlim... tlrin-tintim... lá foi numa festança de campainha, tirando um por um os prisioneiros das camas. São cinco horas, padeiro passou.

— E'! circo, circo toda noite!... Pois agora não vai mais!

Tambem agora pouco se amolava que a mãe proibisse espetaculo. Gosar mesmo, só gosou na primeira

noite. Depois, um poder de inquietações, de vontades, remorsos, remorsos não, duvidinhas... Tomavam todo o tempo do espetáculo e ela não podia mais se divertir. Dona Lina tinha razão. Quando Carmela apareceu, o irregular do corado, manchas sôltas, falavam que isso não é vida que se dê pra uma rapariga de dezenove anos. Pelos olhos ninguém podia pensar isso porquê brilhavam mais ainda. Estavam caindo pros lados das faces num requebro doce, descansado, de pessoa feliz. Não digo mais linda, porê, assim, a boniteza de Carmela se... se humanizara. Isso. Perdera aquele convencional de pintura, pra adquirir certa violencia de malvadez. Não sei si por causa de olhar Carmela, ou por causa da pantomima, a gente se punha matutando sobre os salteadores da Calabria. Não havia razão pra isso, gente dos arredores de Genova.

João, outro dia contarei o que sentiu e o que sucedeu pra êle, agora só me lembro dele ainda porquê foi o primeiro a ver chegar o Almeida de-tardinha. Veio, já se sabe, mãos nos bolsos, assobio no meio da boca, bamboleando saltadinho no passo miúdo de cabra. Tinha pés de borracha na certa. João tremeu de odio. Pegou no chapéu, foi até muito longe caminhando. O mal não é a gente amar... O mal é a gente vestir a pessoa amada com um despropósito de atributos divinos, que chegam a triplicar às vezes o volume do amor, o que se dá? Uma pessoa natural é facil da gente substituir por outra natural também,

questão de sair uma e entrar outra... Porém a que sai do nosso peito é amor que sofre de gigantismo idealista, e não se acha outra de tanta gordura pra botar logo no lugar. Por isso fica um vazio doendo, doendo... Então a gente anda cada estirão a pé!... Aquilo dura bastante tempo, até que o vazio, graças aos ventinhos da boca-da-noite, se encha de pó. Se encha de pó.

Estamos no fim. São engraçadas essas mãis... Proibem circo, obrigam as meninas a irem cedo prá cama, pensam que deitar é dormir. Aliás, esta é mesmo u'a das fraquezas mais constantes dos homens... Geralmente nós não visamos o mal, visamos o remédio. D'aí trinta por cento de desgraças que podiam ser evitadas. Trinta por cento é muito, vinte. Carmela entra na conta. Também como é que dona Lina podia imaginar que quem está numa cama não dorme! Não podia. Mas nem bem o assobio vinha vindo pra lá da esquina, já Carmela estava de pé. Beijo principiou. Até quando ela retirava um pouco a cara pro respiro de encher, êle espichava o pescoço, vinha salpicar beijos de guanumbí nos labios dela. Sempre olhando muito, percorrendo, parecia por curiosidade, a cara dela. Mas os beijos grandes, os beijos engulidos, era a diabinha que dava. Ele se deixava enlambusar. Mestre e discípulo, não? Aquela inocentinha que não trabalhava nas fábricas, quem que havia de dizer!... Eis a inocencia no que dá: não vê que moça aprendida trocava

o João pelo Homem Cobra... Si êste penetrasse no quarto, creio que nenhum gesto de recusa encontraria no caminho, Carmela estava louca. Só a loucura explica uma loucura dessas. Mas até os desejos se cansam porê, a horas tantas ela sentiu-se exausta de amor. Puseram-se a conversar. Meidinha, mãos nos bolsos, encostara as costas na parede e olhava o chão. Carmela incomodava-o com a cobra aderente do abraço. Rosto contra rosto. E perdidas, umas frases de intimidade. Ela gemendo:

— Eu gosto tanto de você!

— Eu também.

Engraçado a ambiguidade das respostas elípticas! Gostava de quem? da namorada ou dele mesmo?...

— Você trabalhou hoje?

— Trabalhei. Vamos dar uma pantomima nova. Eu faço o violeiro do Cubatão, venha ver.

— Querido!

Beijo.

— E' verdade! não se vê mais o João... E' parente de você, é?

— Parente? Deus te livre! deu um muchocho. Não sei onde anda. Não gosto dele!

Silêncio. Carmela sentiu um instinto vago de arranjar as coisas. Afinal, o caso dela se tornara uma dessas gavetas reviradas, aonde a gente não encontra a cueca mais. Continuou:

— Ele queria casar comigo, mas porém não gosto dele, é bobo. Só com você que hei-de casar!

Meidinha estava olhando o chão. Ficou olhando. Depois se virou manso e encarou a bonita. Os olhos grandes, inda mais grandes, enguliram os da moça. Contemplava. Contemplava embevecido. Carmela pousou nesses beijos entreabertos o incêndio humido dos dela. Meidinha deixara os olhos cairem duma banda. Abraçados assim de frente, Carmela descansou o queixo no ombro do moço, e respirava sossegada o aroma de vida que vinha subindo da nuca dele. Ele sempre de olhos grandes, mais grandes ainda, caídos dum lado, perdidos na escuridão do quarto indiferente.

— A gente ha-de ser muito feliz, não me incomodo que você trabalhe em circo... Irei aonde você for. Si papai não quiser, fujo. Uhm...

Até conseguiu beijar o pescoço dele atrás. O Meidinha... os lábios dele mexiam, mas não falavam porém. Uma impressão de surpresa vibrou-lhe os músculos da cara de repente. Foi-se esvaindo, não, foi descendo pros beijos que ficaram caídos, com dor. Duramente uma energia lhe ajuntou quasi as sobranceiras. Acalmou. Veio o sorriso. Tirou Carmela do ombro. Na realidade era o primeiro gesto de posse que fazia, segurou a cabeça dela. Contemplou-a. Riu pra ela.

— Vou embora. E' muito tarde...

Enlaçou-a. Beijou-lhe a boca ardentemente e tor-

nou a beijar. Carmela sentiu uma felicidade, que si ela fosse dessas lidas nos livros, dava recordação prá vida toda. Ficou imóvel, vendo êle se afastar. Assobio não se escutou.

No dia seguinte, que-dele o Homem Cobra?

— Vocês não viram o Meidinha, gente!

— Pois não dormiu em casa!

— Não dormiu não!

— De certo alguma farra...

— Que o quê!...

Que-dele o Almeida? Só de-tarde, alguns grupos sabiam na Lapa que o Homem Cobra embarcara não sei pra onde. O Abrahão é que contava. Tinham ido juntos, no primeiro bonde Anastacio da madrugada. Vendo o outro de mala, indagou:

— Vai viajar!

— Vou.

— Deixa o circo!

— Deixo.

— Pra sempre é!

O Homem Cobra olhara pra êle, parecendo zangado.

— Não tenho que lhe dar satisfações.

Virou a cara pro bairro trepando das Perdizes.

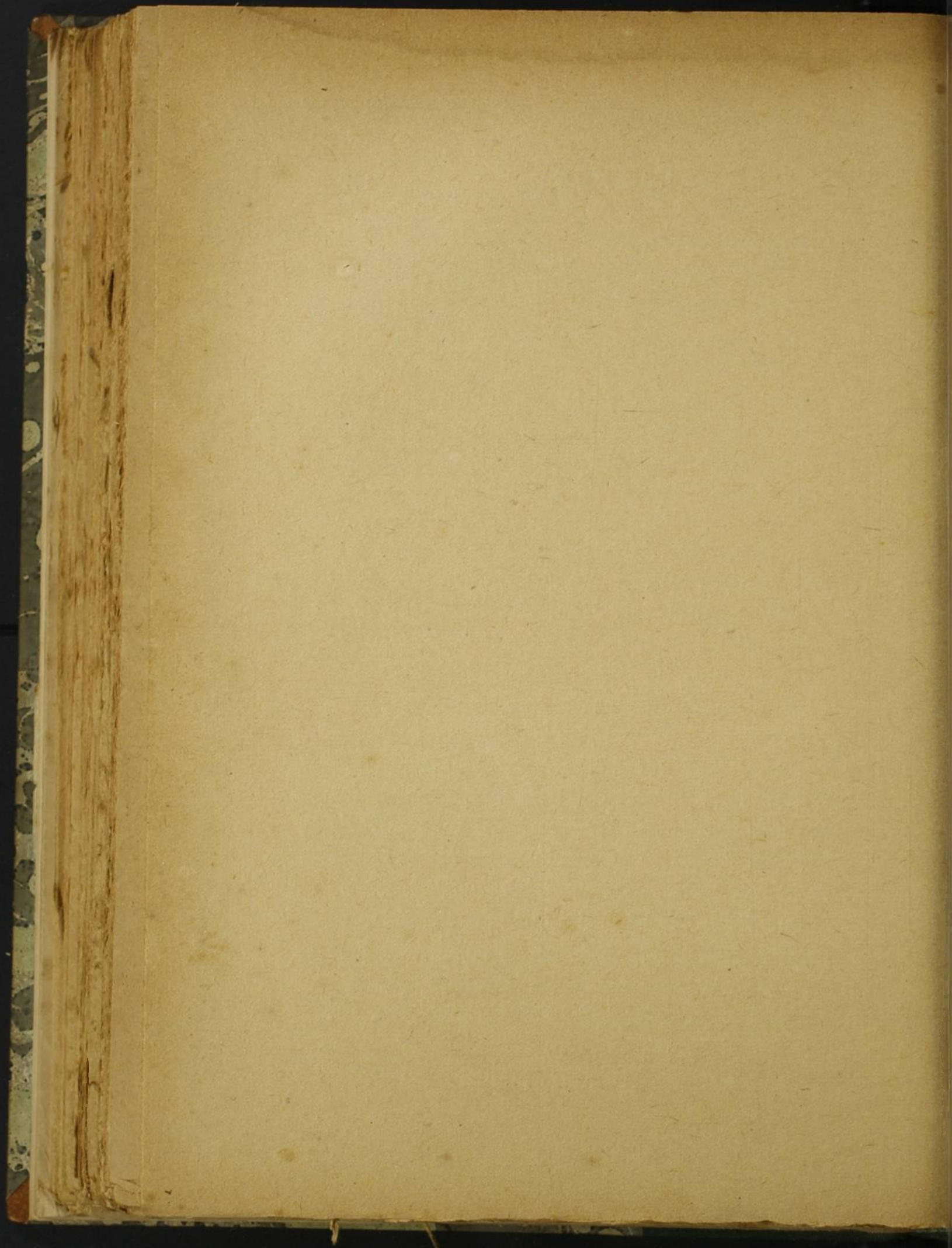
— De repente, vocês não imaginam, pricipiou a assobiar, alegre! um assobio de apito, nunca vi asso-biar tão bem! Trabalho na Avenida Tiradentes... Fui seguindo êle. Entrou na estação da Sorocabana.

— Era o melhor número do circo...

A essa hora já tivera tempo quente na casa dos Quaglias. Pietro levou a notícia. Carmela abriu uma boca que não tinha; ataque, gente do povo não sabe ter, caiu numa choradeira de desespero, só vendo! Descobriram tudo. Não que ela contasse, porém era muito fácil de adivinhar. Soluçava gritando, querendo sair prá rua. Tiveram certeza duma calúnia exagerada, pavorosa, que só o tempo desmentiu. O velho Quaglia perdeu a cabeça duma vez, desancou a filha que não foi vida. Carmela falava berrado que não era o que imaginavam... Só mesmo quando não teve mais força misturada com a dor, é que o velho parou. Parou pra ficar chorando que nem bezerro. Pietro andava fechando porta, fechando quanta janela encontrava, pra ninguém de fóra ouvir, mas boato corre ninguém sabe como, as paredes têm ouvidos... E lingua muito leviana, isso é que é. Os rapazes olhavam pra Carmela dum jeito especial, e ficavam se rindo uns pros outros. Até propostas lhe fizeram. Ninguém mais quis casar com ela. E só se vendo como ela procurava!... Uma verdadeira... nem sei o quê!

Até que ficou... não-sei-o-quê de verdade. E sabe inda por cima o que andaram espalhando? Que quem principiou foi o irmão dela mesmo, o tal da dansarina... Porém coisa que não vi, não juro. E falo sempre que não sei.

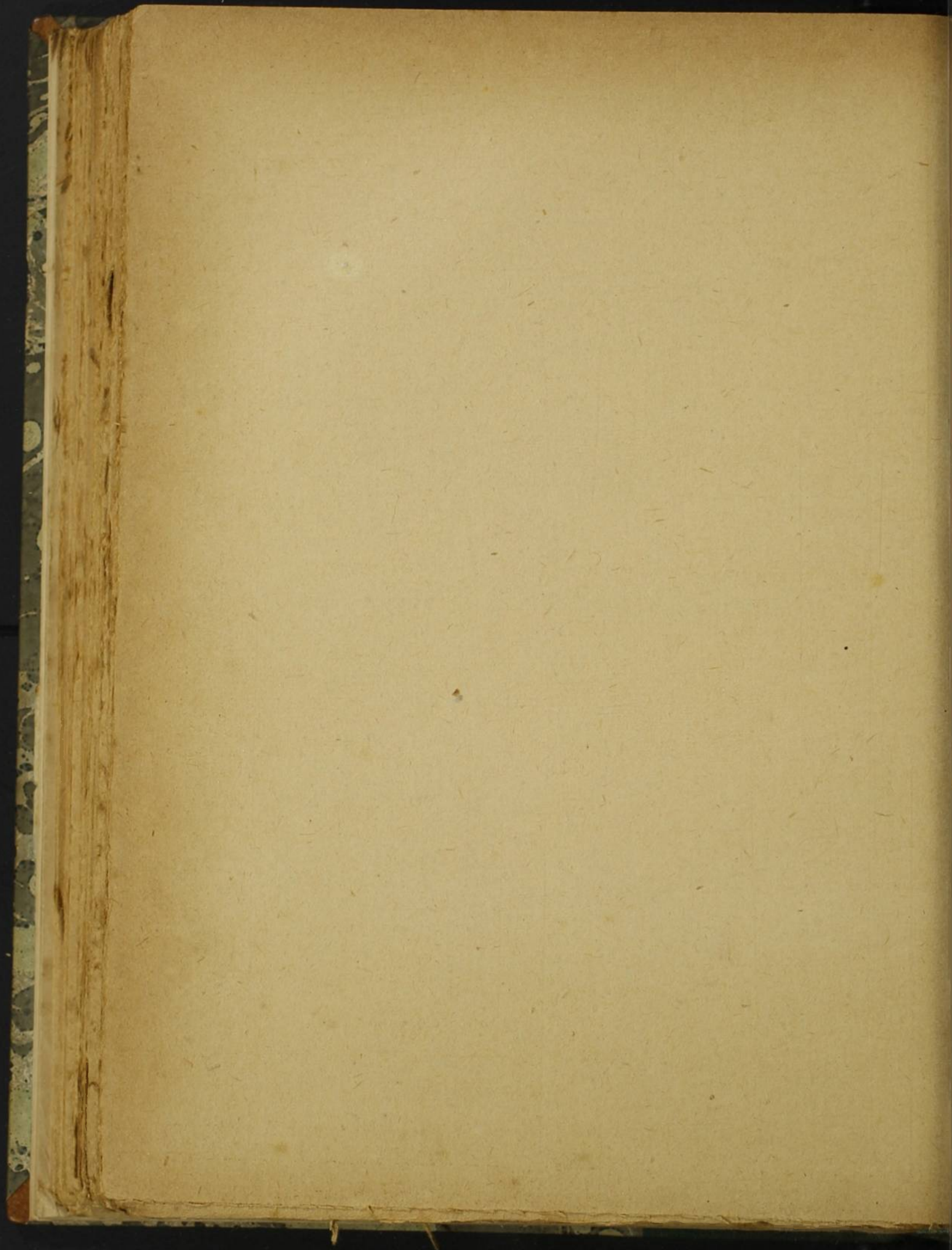
Só sei que Carmela foi muito infeliz.



VII

Nizia Figueira, sua criada

(1925)



Belazarte me contou:

Pois eu acho que tem. Você já sabe que sou cristão... Essas coisas de felicidade e infelicidade não tem significado nenhum, si a gente se compara consigo mesmo. Infelicidade é fenomeno de relação, só mesmo a gente olhando pro vizinho é que diz o "atendite et videte". Macaco, olhe seu rabo! isso sim, me parece o cruzamento da filosofia cristã com a precisão de felicidade neste mundo duro. Inda é bom quando a gente inventa a ilusão da vaidade, e, em vez de falar que é mais desinfeliz, fala que é mais feliz... Toquei em rabo, e estou lembrando o caso do elefante, você sabe?... Pois não vê que um dia o elefante topou com uma penuginha de beijaflor caída numa folha, vai, amarrou a penuginha no rabo com uma corda grossa. E principiou todo passeando na serrapilheira da jungla. Uma elefanta mocetona que já estava carecendo de homem pra cumprir destino, viu o bicho tão bonito, mexe pra cá, mexe pra lá, ondulando feito onda quieta, e se engraçou. Falou assim: — "Que ele-

fante mais bonito, porca la miseria!" Pois êle virou pra ela encrespado e: — "Dobre a lingua, sabe! Elefante não senhora !sou beijaflor". E foi-se. Eis aí um tipo que ao menos soube criar felicidade com uma ilusão sarapintada. E' ridiculo, é, mas que diabo! nem toda a gente consegue a grandeza de se tomar como referencia de si mesmo. Quanto a que lhe succeda como com a Nizia, homem! isso estou imaginando que só com ela mesmo... Que Nizia?

... se chamava... não me lembro bem si Ferreira, Figueira... Qualquer coisa em "eira". Creio que era Nizia Figueira. Essa sim, de familia nacional da gema, carijó irumoguara com Figueira ascendente até o seculo dezessete.

Quando em 1886, tendo vendido o sítio porcaria perto de Pinda, o pai dela veio pra S. Paulo, virou mexeu até que teve coragem de comprar com o dinheiro guardado, êsse fiapo de terra baixa, então bem longe da cidade, no hoje bairro da Lapa. Em 88 Nizia com dezesseis anos de mocidade, guardada com ôlho de Figueira pai sempre em casa, foi com o velho e a criada preta que tinham, morar na chacinha recencomprada. Figueira pai, nem bem mudou, deu com o rabo na cêrca, por causa dum antraz que o panema dum boticario novato imaginou que era furunculo. Resultado: antraz tomou conta de Figueira que morreu apodrecido. Dôres tamanhas, que si tivesse vizinho perto, não podia dormir de tanto gemido que

todo o orgulho daquela carne tradicional não podia que não saísse, arrancado do coração meio com bastante vergonha até.

Nizia se via só neste mundo, contando apenas dezessete annos e uma inocencia ofensiva, bimbalhando estupidez, valha a verdade. Só mais a "prima Rufina", como ela desde criancinha se acostumara a chamar a criada preta. Prima Rufina tinha vinte e muitos, e era bem energica... Plantaram pereira, pessegueiro, uma horta grande. Nizia tricotava, tricotava, fazendo sapatinho, palitòzinho, touquinha de lã pros filhos dêsses homens. Prima Rufina vendia tudo na cidade, couve hoje, pessego verde pra doce amanhã, tiabalinho de lã todos os dias. Eu sei que chegava muito pra elas viverem e até Nizia guardar um pouco prá velhice.

Prima Rufina saía com o baú na mão, ia na casa dum, na casa doutro, se afreguesou num instante, com tanta labia... Pera de presente prá filha de dona Maria, bala-de-assucar pros filhos de seu Guimarães, saber seu Quitinho como passou: trazia sempre dinheiro pro sustento. Menos o tostão ficado na venda, em troca da boa pinga de Deus.

Nizia olhava a dinheirama se engrossando, porém não sabia que dinheiro se gasta noutras coisas; e os milréis continuavam empilhados na gavetinha da cômoda. Prima Rufina é que aprendeu a vida... Não contava nada, quieta, preparando a janta, cachimbo

no beijo grosso. No entanto bem que aprendeu... Não durou muito, se enrabichou por um canhambora safado que vivia ali mesmo, nas barbas da cidade. O filho-da-mãe abusou dela quanto quis, deixou prima Rufina barriguda e inda por cima desapareceu de repente, levando trinta-e-seis milreis que pedira de emprestado pra ela. Nizia olhava aquela barriga redondinha que nem arandela, afinal perguntou.

— Uai! nha Nizia, é doença! Estamo trabaia má, barriga empina. A muié de nhô Marconde já me premete limão-brabo pra mim. Limão-brabo sara eu!

Nizia pensava no antraz do pai e tinha medo.

Barriga, de tanto crescer, teve um dia em que careceu de botar o desgraçadinho pra fóra. Prima Rufina veio correndo prá chacra, deixou o baú por aí, nem sabia mais na casa de quem, só portando na venda pra comprar a garrafa de caninha.

— Olha que tu vais por bom caminho, rapariga!

— Cuide de seus negóçu, viu!

Chegou, fechou-se por dentro no quarto, e o filho veio vindo sem que prima Rufina desse um gemido, tal-e-qual os animais do mato. Nizia mandava ela preparar a janta, “Não posso! perpare mecê!” ela roncava apertado. Que seria que tinha sucedido pra prima Rufina!... Era o antraz, na certa... Nizia teve mortes, do medo de ficar sozinha.

— Mecê se deite, num s'incomode cum eu!

Quando ela vinha chamada por aqueles guinchos

abafados, que nem choro de criança. Não era choro não, naturalmente prima Rufina que sofria com o antraz... Que havia de fazer? Deitou. Perguntou prá escuridão. Não tinha nem guincho mais, no outro quarto. Não era nada. Meia inquieta adormeceu.

Prima Rufina quando viu que não tinha mais vida na casa, se levantou. Pinga já estava toda no lugar do tiziu saído e sonhando na capa de xadrez. Carecia de coragem. Pois foi na guarda-comida buscar o espirito-de-vinho e mamou na garrafa mesmo. Enrolou bem a criancinha e saiu. Saiu sim! De vez em quando sentava no caminho, suor correndo bica de dor, vista feito vidraça de neblina... Não era madrugada ainda, a preta já não tinha mais filho no braço. Dinheiro? não vê que se esquecera de trazer! primeira venda entreaberta, pronto: entrou. Foi um pifão daqueles! Só dia velho, empurrou a porta da casa, rindo boba, com os olhos derretidos num choro sem querer, cantando o "Nossa Gente, Toca zumba zumba zumba"... Nizia até chorou de susto, pensando que prima Rufina estava maluca. Que maluca nada! era mas infelicidade saindo de mistura com bebida.

Prima Rufina ficou doente uns dias. Depois sarou e aprendeu. Quando tinha vontade, ia nas vendas procurando homem disposto. Porém não sei como fazia, sei que nunca mais teve antraz. E foi desde aquela bebedeira que ela pegou chamando Nizia de "mia fia".

Nizia, vinte, vinte-e-um, vinte-e-dois anos, continuava esquecida naquela chacinha sem norte. Não tinha nada de feia, principiou se enfeitando, foi na cidade algumas vezes... Ficava no portão parada, sempre de hora em hora alguém havia de passar... Passava porêem mal reparava em Nizia. Pois até, uma feita, ela foi numa loja concorrida da cidade, se encostou no balcão esperando. Os caixeiros passavam, serviam todo mundo, pois não é que esqueceram de servir Nizia! Esqueceram, meu caro! Não estou fantasiando não! Então ela chamou um e pediu entremeio.

— Sim, senhora, já trago.

Outro pediu que êle endireitasse a pilha de chita quasi caindo, começou a endireitar, endireitou, não sei quem pediu entremeio pra êle, serviu a outra freguêsa e esqueceu Nizia. Ela ficou ali muito serena, esperando. Quando viu que entremeio não vinha mesmo, desolada-foi-se embora. E prima Rufina continuou comprando tudo quanto Nizia precisava.

Desejos, não posso dizer que não tivesse desejos, teve. Olhava os homens passando, alguns eram bem simpaticos, havia de ser bom com êles... Mas iam tão distraídos na rua republicana já!... Nizia voltava murcha pra dentro, sempre matutando que havia de ser bom com êles. Porêem isso era fogo-de-palha. Sapatinho de lã toma atenção sinão a gente erra o

número dos pontos. Que-dê tempo pra imaginar nos homens?...

O que cresceu foi a intimidade com prima Rufina. Começaram a conversar mais. Nizia inventava curiosidades depois do jantar, ali sentadas na varanda. A filha de nhô Guimarães enfim tinha casado com o moço médico; o caso da mulher que matou o marido na rua Major Quedinho, e assim. Então quando teve aquela dor-de-dente, por causa duns limões verdes que andou chupando e comeram o esmalte dum canino, prima Rufina fez ela beber um trago importante de cachaça. Nizia quasi morreu de angustia, ficou tonta, lançou que foi um horror. Prima Rufina sempre junto dela, consolando, limpando a blusa suja, deitando a bebida com tanto carinho... A dor-de-dente passou, isso é que eu sei. E a intimidade entre as duas aumentou muito. Nunca mais Nizia bebeu, mas a outra contava as razões da pinga, e Nizia acabou sabendo as tristezas do nosso mundo.

Teve um momento em que a humanidade pareceu se lembrar dessa apartada. Foi com seu Lemos o caso. Seu Lemos era fluminense não sei donde, meio palido, com bigodinho torcido e cabelo crespo repartido do lado. Vinha pela estrada, sem custo carregando o corpo baixote, saber duas, tres vezes por semana o protetor como passou, lá num sítio enorme que ficava mais ou menos onde é o bairro do Anastacio agora. Assim tambem o graúdo, que já dera pistolão

pra êle entrar como carteiro nem bem chegandinho do Estado do Rio, não se esquecia de arranjar coisa melhor. Homem... será mesmo que seu Lemos queria coisa melhor?... Individuo macio, fala rara, não olhando. Sentava, ficava ali uma boa meia-hora, respondendo si perguntavam, que êle ia bem, que mamãe também ia passando bem, que o serviço ia muito bem... Tudo ia bem pra seu Lemos! Depois pegava no chapéu, ia-se embora prá casinha, alugada debaixo do viaduto do Chá.

— Sua benção, mamãe.

— Como vai seu Anastacio?

— Bem.

Comiam. Estou pensando que foi êsse Anastacio que de-certo deu nome pro bairro, não?... Depois seu Lemos ia palitar o dente na janela baixa. A noite vinha descendo, tapando o Anhangabaú com uma escuridão solitaria. Os quintais molhados do vale, botavam uma paininha de nevoa sobre o corpo e ficavam bem quietinhos pra esquentar. Era um silêncio!... Poc, pocpoc... Alguem passando no viaduto. Sapo, que era uma quantidade. Luzinha aqui, luzinha ali, mais sapo querendo assustar o silêncio, qual o quê! silêncio matava São Paulo cedinho, não eram nem nove horas. Seu Lemos não tinha mais no quê imaginar. Ia direito botar o restico de palito mastigado no lixo, fazia o Nome-do-Padre e caía na cama já dormindo. A mãe inda ficava rezando, uns pares de

horas, pra cada santo exquisito que ela escarafunchava lá de quanta alcova tem o Paraiso. Santo Anastacio martir; novena de S. Nicolau; oração pra evitar mordedura de cobra; oração pra evitar esbarro-de-estomago; oito Cre'm-dos-padres pra não pegar fogo na cidade. Acabava rezando a missa das almas do outro mundo, de que ela tinha um bruto dum pavor. Vela tambem se acabava. Era um despesão de vela naquela casa, porém São Paulo nunca pegou fogo, ninguem não teve esbarro-de-estomago na familia, e seu Lemos nunca foi mordido de cobra quando ia na rua do Carmo, rua de Santa Teresa, por ali, entregando carta. Filho bom êle não era não... Respeitar a mãe, respeitava nisso da gente tomar a benção, não fumar na frente dela, falar bom-dia, boa-noite, levar ela ver Senhor Morto na noite de Sexta-feira Santa. Mas a pobre que cozinhava, inda lavava e engomava toda a roupa do filho, etc. Nem conversa. Aliás seu Lemos não conversava mesmo com ninguem. E quando a mãe morreu de repente, o que sentiu foi o vazio inquieto de quem nunca lidara com pensão nem lavadeira.

E foi então que, palitando dente, êle afinal principiou reparando naquela moça do portão. No dia seguinte, francamente, foi até lá só pra ver si tinha mesmo moça no portão daquela chakra. Nizia estava lá meia languida, mui mansa, não pedindo nada, só por costume duma esquecida que não esperava mais

ninguém. Quando palitou de novo a barulhada dos sapos nessa noite, seu Lemos começou a pensar que ali estava uma moça boa pra casar com êle. Não refletiu, não comparou, não julgou, não resolveu nem nada, seu Lemos pensava por decretos espaçados. Pois um decreto apareceu em letras vagarentas no bestunto dele: Ali está uma moça boa pra casar com você. Na palitação do dia seguinte, estava escrito na cabeça dele: Você vai casar com a moça do portão. Então seu Lemos foi visitar o Anastacio e, passando, cumprimentou a moça do portão. Nizia estava já tão esquecida de si mesma que nem se assustou com o cumprimento, respondeu. Seu Lemos, que não via razão pra visita todo dia na chacara da padrinho, passava, cumprimentava, andava mais meio quilometro pra disfarçar, ficava por ali dando com o pé na tiririca poeirenta, olhava qualquer pé de agarra-compadre do caminho, voltava, e cumprimentava de novo, rumo do Anhangabaú.

Depois de mês e meio de tanto bate-perna, seu Lemos palitando, soletrou o decreto novo aparecido de repente na cachola: Amanhã é domingo pé-de-cachimbo, e você vai pedir a mão da moça da chacara. Note bem a graça dêesses decretos: de primeiro só falavam em moça do portão, mas agora vinham falando em moça da chacra, mais util pra casar.

Ali pelo meio-dia, prima Rufina muito espavorida veio ver quem que estava batendo. Era seu Lemos.

Prima Rufina quasi que dá o suite no individuo, mas enfim dona Nizia devia de saber o que era aquilo. De certo encomenda...

— Mecê entre!

Seu Lemos não esperou nem dois minutos no copiar, veio Nizia, assim como estava, com o trabalhinho no colo. Ele falou que vinha pedir a mão dela em casamento. Ela respondeu que estava bom. Foi lá dentro dizer que prima Rufina preparasse também uns bolinhos pro café e voltou. Entraram na varanda. Nizia continuando o sapatinho principiado.

— Como é sua graça?

Olhou pra êle espantada. Perguntar como era a graça dela... De certo que ela é que não sabia! Seu Lemos esclareceu:

— Me chamo Lemos, José Lemos, seu criado. Queria também saber o nome da senhora.

— Nizia Figueira, sua criada.

— Sim senhora.

Seu Lemos parou de brincar com os dedos em cima das pernas.

— A senhora gosta muito de fazer sapatinhos, dona Nizia?

— Já estou muito acostumada.

— Muito bonito êsse que a senhora está fazendo, é presente?

— Não senhor, eu vendo.

— Ahn...

— Quantos faço, prima Rufina vende nas casas.

— Sei... Quem é prima Rufina?

Seu Lemos recomeçou brincando com os dedos em cima das pernas.

— A preta que recolheu o senhor.

— Ahn... mas ela não é prima da senhora, não?

— E' minha criada. Me acostumei chamando ela de prima Rufina desde criança. E ficou.

— Engraçado.

Trinta-e-seis, trinta-e-nove, quarenta-e-oito, pronto, acabava mais uma carreira.

— Está um dia bonito hoje, não?

— Está mesmo.

— Que Sol mais claro, não?

— Quem sabe si está incomodando o senhor? eu fecho a janela...

— Não senhora, até nem me incomoda.

Veio o café-com-leite e bolinhos. Tomaram café-com-leite e comeram dois bolinhos cada um. Fazia uma tarde sublime lá fóra. Claro, claro, com o Sol quente despencado sobre os campos. E por êsse instinto de domingo que a natureza parece ter, aquela baixada estava tão sossegada, tomava um ar de repouso largado, imensamente largado, esparramado no chão. Eles ficaram ali fechados na varanda, seu Lemos palitava, Nizia tricotava, até que enxergaram os primeiros ruivores passarem longe no horizonte, entardecendo o dia.

— Bom, já vou indo.

Então Nizia percebeu a ventura inconcebível que lhe trazia aquele seu Lemos. Olhou. Viu na frente o bigode e o topete simpático. Sorriu pra êles. O vestido de cassa recortava as redondezas do corpo dela, feito como era costume naquele tempo, quasi gordo, mais gordo que magro, peitos enchumaçados, pernas grossas, curtas, mãos parando no meio. Na cara, os olhos castanhos embaçavam o rubor liso que vinha empalidecendo até um queixo feito barrete frigio. Nariz simples, com as narinas quasi grandes, ondulando nas mesmas curvas dos bandós castanhos. A boca sorrindo era palida, com dentes cerrados e monotonos. Falou um “Já vai” meio pergunta, meio aceitação, duma calma dominical.

— Já vou sim, dona Nizia, são horas. Tive muito prazer em conhece-la.

Inquietação antiga desmanchou a cara dela:

— O senhor volta!

— Volto. Não volto sempre porquê creio que vou mudar de emprêgo. Trabalho no Correio, é. Meu padrinho parece que vai arranjar qualquer coisa pra mim na Secretaria do Tesouro, mas volto. Passe bem.

Ela entregou-lhe a mão e a vida:

— Passe bem.

Acompanhou-o até o portão. Ficou ali, enquanto êle partiu pelo caminho ruim. Tomando a estrada lar-

ga, seu Lemos nem disse outro adeus. Nizia entrou. Andava meia sem serviço pela casa.

— Essas toalhinhas-de-crochê estão carecendo lavar, prima Rufina.

— Antão num lavei elas na semana retrasada mêmo!

— Mas olhe como estão!

— Num inxergo nada não, porém mecê qué eu lavo! Tou vendo mas é que seu Leme veio atrapaia tuda a vida desta casa! Mecê inté parece que nem num sabe adonde assentá! Cadêra num farta! Sente, fique sussegada que é mió!

— Você não gostou de eu ficar noiva, é?

— Até que gostei bem. Mecê carece dum home nesta casa que lhe proteja mas porém ansim! Premêro que aparece, vai ficando noiva! Nem sabe si seu Lemes quem é, arre, credo! Será que anda de bem cum os puliça! isso é que num posso assigurar pra mecê!

— Como você está braba comigo, prima Rufina! Ele é empregado no Correio!

— Isso antão é imprêgo que se tenha! Gente boa num carece di andá iscrevendo carta não! Véve que nem nois mêmo, bem assussegado no seu canto! Mia fia, vassuncê num cunhece nada dêste mundo, mundo é mais rúim que bão... Essa históra di sê impregado no Correio, num mi parece que seja coisa direita não, infim...

Foram deitar. A felicidade de Nizia fizera dela uma

desgraçada. Do passado e esquecimento de dantes não se lembrava, mas o agora é que fazia ela sofrer. Noivo, seu Lemos achou que não carecia mais de passar todo santo dia pela casa tão longe da noiva. Tarde veio e seu Lemos não veio. Nizia vivia num deslumbramento simultaneo de felicidade e amargura. Que amasse não digo, mas tinha alguém que se lembrara da existencia dela. Isso lhe dava um gôsto inquieto, gôsto de comparação, gôsto de mais de um, não sei si explico bem. De repente ficara desinfeliz. “Vem amanhã”, murmurou sofrendo de prazer. E repetiu “Vem amanhã” até na quinta-feira.

Seu Lemos chegou não eram bem seis horas, jantado. Entregou pra ela o brochinho de ouro escrito LEMBRANÇA.

— Muito obrigado, seu Lemos.

— A senhora tem passado bem?

Etc.

Ficou lá até oito, creio. Nizia trabalhando, sob o lampeão de querozene. Ele assuntando as assombrações do teto. Falavam de vez em quando aquelas frases de companheiro que não esperam resposta, só pra certidão de existencia junta. Um pouco de Correio, um pouco de trabalhinho de lã. Prima Rufina pitando na cozinha. Seu Lemos afirmou que voltava no domingo e então haviam de combinar o casorio.

Não veio no domingo, veio na terça-feira. Que andara muito atrapalhado por causa duma visita que fôra

obrigado a fazer. Depois tivera de levar uma carta do tal pra um graúdo, estava quasi arranjado o lugar na Secretaria. Trazia aquela meia-duzia de lencinhos, desculpasse. Nizia foi lá dentro e voltou, feliz duma vez, com o cachênê feito por ela na mão. Seu Lemos agradeceu e achou que estava muito bonito. Estava. Era pardo, todo com listas pretas, barra de lã-com-seda.

Seu Lemos levou uma semana sem aparecer. Só na outra terça-feira estourou na chacinha, muito afobado, só tivera tempo pra arranjar aquelas cravinas, de tão atrapalhado que andava, desculpasse. Saíra a nomeação, e no dia seguinte tomava posse.

— Custou mas enfim!...

— Quem espera sempre alcança.

— E' mesmo mas custou. Já ia desanimando.

Seu Lemos estava mais tagarela. Nesse dia sapatinho de lã não entrou na conversa, era só serviço ruim do Correio, serviço bom da Secretaria, ordenado bem melhor, seu Chefe de seção, "me disseram" e outras coisas nessa toada. Nizia escutando. As palavras caíam dentro dela talqualmente flor de paina, roseando a alma devagar. Foi-se embora mais cedo? Não fazia mal! Nem soube que eram nove horas, que eram dez e muito mais, ficou sozinha no trabalho, sem saber que trabalhava, acabando carreira numa conta, acabando sapatinho, acabando outro sapatinho, escutando. Não tinha nem bulha na noite fóra. Os homens estavam dormindo em São Paulo. Nem poeira nem

grilo nem vento, que nada! Um silêncio de matar gesto do braço. Nizia tricotando sem saber. A luz do lampeão mariposava em volta da cabeça dela e, no calor sêco da sala, as palavras de seu Lemos se pronunciavam ainda, sonoras de verdade, como afago doce de companheiro. Nizia sofreu que você não imagina. Sofreu aquele sapatinho de lã; sofreu por causa de prima Rufina que estava envelhecendo muito depressa; sofreu aqueles vestidos de cassa eternamente os mesmos, carecia fazer outros; as toalhinhas de crochê não ficaram bem lavadas; ela era um poucadinho bem mais gorda que seu Lemos; também prima Rufina nunca trouxera uns pés de cravina pra plantar no jardim! flor tão bonita...

Todas essas infelicidades que nunca sentira, e que doem tanto pra quem não pode ter outras: era a voz de seu Lemos que trazia, pondo como espelho diante dela, o corpo do companheiro. Foi pro quarto e pela primeira vez depois do antraz da preta, não dormiu logo. Pensar não pensou, era também do gênero dos decretos. Como decreto não vinha, ficou espalhada na escuridão, sentindo apenas que vivia, feliz, encostada na vida do companheiro.

Seu Lemos levou duas semanas sem aparecer.

— Puis é! si mecê já tivesse priguntado pra êle adonde que êle mora, eu ia até lá sabê si é duença...

Numa quarta-feira seu Lemos apareceu. Vinha com barba por fazer e de mãos vazias, puxa! que ser-

viceira! estava arrependido. Depois, tanta responsabilidade!... Entregar carta, a gente entrega e pronto, agora? escreve número aqui, escreve número noutra parte, e não se pode erar porquê livro de Secretaria não é coisa que a gente ande rabiscando nem raspan-do. Depois: ainda não estava bem enfronhado do ser- viço que barafunda! nunca imaginei que fosse tão difícil!...

O engraçado é que ali mesmo, diante de Nizia, sem se lembrar dela, seu Lemos estava lendo os de- cretos da cabeça. E não pense que lia todos em voz alta que nem estou fazendo, não! Parava de falar às vezes, e lia só consigo. E que diferença agora a ca- beça de seu Lemos! Antigamente era um vazio gran- de sem nada, só de tres em cinco palitações um de- cretinho curto. Agora? era ver página do Correio Pau- listano, "que barafunda", como êle dizia... Foi-se embora remoendo decreto sem parada.

Nizia ficou na porta, metade do corpo na noite, metade dentro de casa, partida pelo meio. Bem sentiu que seu Lemos, coitado! não era por querer, porém, es- tava escapando dela. Voltou pra dentro, e custava se lembrar do que seu Lemos falara. Quiz sossegar-se Coitado! tanta ocupação... Sossegou-se, mas num sossêgo sozinho, de morte e desagregação. Quando ficou bem só, não sofreu mais. Dormiu.

Seu Lemos só apareceu vinte dias depois. Vinha magro, passando. Viu Nizia no portão, parou pra

saudar. Tinha que ir ver o protetor, por causa duns embrulhos na Repartição. Ela meia que ficou até espantada com a figura do estrangeiro. Teve uma dor horrível.

— Na volta o senhor entra sempre, seu Lemos?

— Pra falar verdade, dona Nizia, não sei si posso parar, si puder, paro. Mas não se incomode por minha causa não. Passe bem.

— Passe bem.

Seu Lemos tinha revivido nela uma infelicidade pesada. Mas não desejou que seu Lemos não voltasse, como seria melhor pra ela e foi. Seu Lemos não voltou. Padrinho deu o estrilo com êle por causa da tal encrenca, seu Lemos zangou com o padrinho, seu Lemos saiu da Secretaria, seu Lemos banzou sem decretos uma porção de dias, seu Lemos arranjou emprêgo numa loja de fazendas... O coitado não queria riqueza, queria era sossêgo... Arranjou u'a mulata gorda pra cozinhar, dormiu uma noite no quarto da Sebastiana e depois todas as noites a Sebastiana no quarto dele, que era mais espaçoso. Sebastiana cozinhou, porém não era cozinheira mais: dona-de-casa, sempre querendo chinela nova no pé côr-de-sapota.

Nizia... Teve um homem que veio morar bem perto da chacinha dela. Não durou muito uma família vizinhos com o tal. E aos poucos foi se fazendo a rua Guaicurús, foi se fazendo mais um bairro desta cidade ilustre. Uns se davam com os outros; uns não

se davam com os outros; ninguém não se dava com Nizia; prima Rufina se dava com todos. Nizia serenamente continuava, esquecida do mundo.

Deu mas é pra beber. Banzando pela casa, foi matar uma barata e encontrou debaixo da cama de prima Rufina, a garrafa que servia pra de-noite. Roubou um pouco por curiosidade. Muito pouquinho, de medo da outra. A primeira sensação é ruim, porém o calor que vem depois é bom.

Não levou nem mês, prima Rufina percebeu. Não falou nada, só que trouxe um garrafão de pinga, e principiaram bebendo juntas. Cada mona!... Não digo que fosse todo dia, pelo contrário. Nizia trabalhava, prima Rufina vendia, sempre as mesmas. Trintonas, quarentonas, isto é, prima Rufina, sempre muito mais velha que a outra. Dera pra envelhecer rapido, essa sim, uma coitada que não o mundo porém a vida esquecera, quasi senil, arrastando corpo sofrido, cada nó destamano no tornozelo, por causa do artritismo. Quando a dor era demais, lá vinha o garrafão pesado:

— Mecê também qué, mia fia?

— Me dá um bocadinho pra esquentar.

— Puis é, mia fia, beba mêmo! Mundo tá ruim, cachaça dêxa mundo bunito pra nós.

Era dia de bebedeira. Prima Rufina dava pra falar e chorar alto. Nizia bebia devagar, serenamente. Não perdia a calma, nem os traços se descompunham. A boca ficava mais aberta um pouco, e vinha uma fi-

ligrana vermelha debruçar a fimbria das narinas e dos olhos embaçados. Punha a mão na cabeça e o bandó do lado esquerdo se arrepiava. Ficava na cadeira, meia recurvada, com as mãos nos joelhos, balanceando o corpo instável, olhar fixo numa visão fóra do mundo. Prima Rufina, se encostando em quanta parede achava, dando embigada nos móveis, puxava Nizia. Nizia se erguia, agarrava o garrafão em meio, e as duas, se encostando uma na outra, iam pro quarto.

Prima Rufina quasi que deixou cair a companheira. Rolou na cama, boba duma vez, chorando, perna pendente, um dos pés, arrastando no assoalho. Nizia sentava no chão e recostava a cabeça na perna de prima Rufina. Bebia. Dava de beber prá outra. Prima Rufina punha a mão sem tacto na cabeça de Nizia e consolava a serena:

— E' isso mêmo, mia fia... Num chore mais não! A gente toma pifão, pifão dá gôsto e bota desgraça pra fóra... Mecê pensa que pifão num é bom... é bão sim! pifão... pifãozinho... pra esquentá desgraça dêsse mundo duro... O fio de mecê, num sei que-dele êle não. Fio de mecê deve de andá pur aí, rapaiz, de-certo home feito... De-certo mecê já isbarrô cum êle, mecê num cunheceu seu fio, seu fio num cunheceu mecê... Num chore mais ansim não!.. Pifão faiz mecê esquecê seu fio, pifão... pifão... pifãozinho...

Nizia piscava olhos secos, embaçados, entredor-

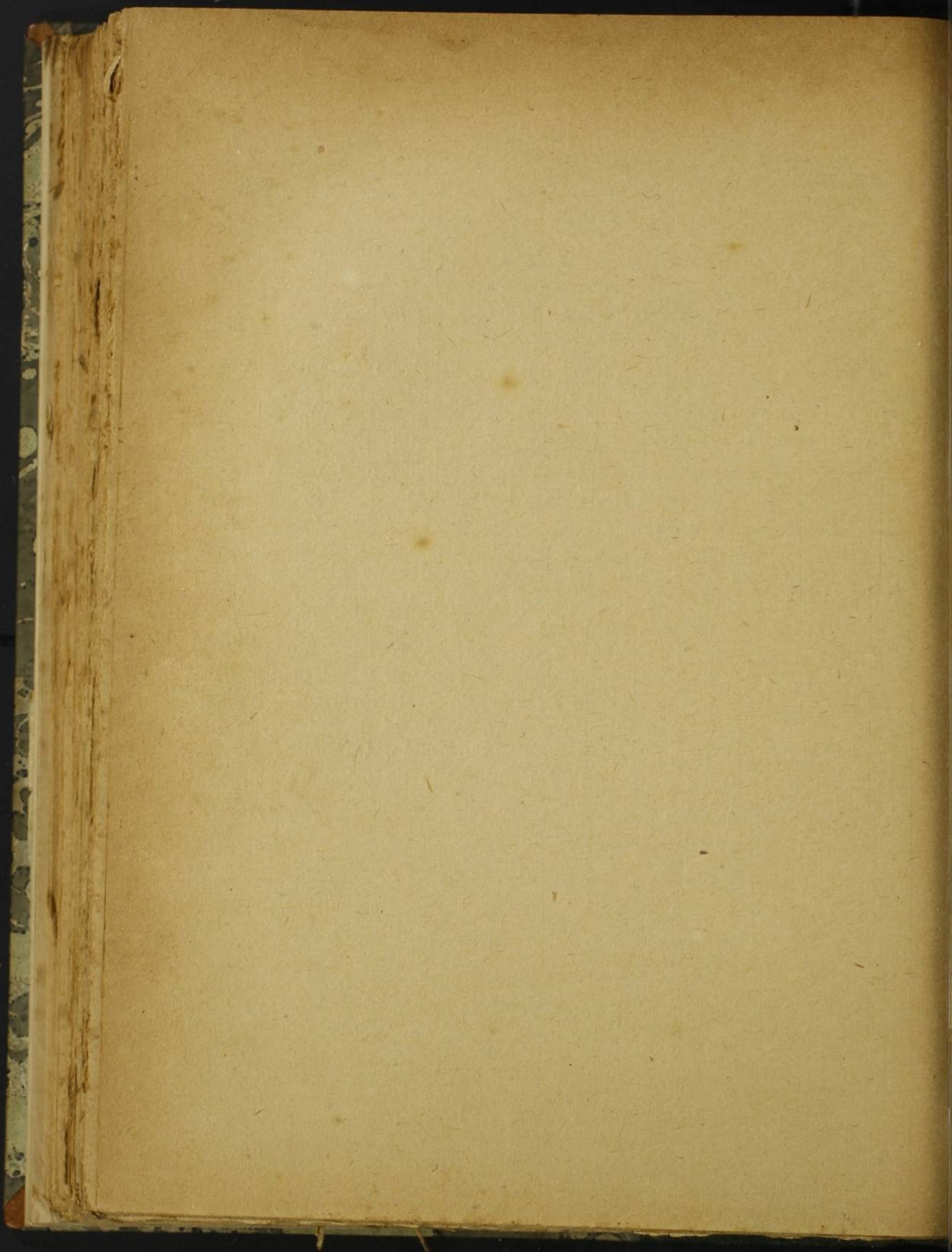
mindinho. Escorregava. Ia babar num beijo mole sobre o pêsão de prima Rufina. Esta queria passar a mão na outra pra consolar, vinha até a borda da cama e caía sobre Nizia, as duas se misturando num corpo só. Garrafão, largado, rolava um pouco, parava no meio do quarto. Prima Rufina inda se mexia, incomodando Nizia. Acabava se aconchegando entre as pernas desta e fazendo daquela barriga estufada um cabeceiro comodo. Falava "pifão" não sei quantas vezes e dormia. Dormia com o corpo todo engruvinhado de tanta vida que passara nele, gasta, olhos entreabertos, chorando.

Nizia ficava piscando, piscando devagar, mansamente. Que calma no quarto sem voz, na casa... Que calma na terra inexistente pra ela... Piscava mais. Os cabelos meio soltos se confundiam com o assoalho na escuridão da noitinha. Mas inda restava bastante luz na terra, pra riscar sobre o chão aquele rosto claro. Muito sereno, um reflexo leve de baba no queixo, rubor mais acentuado na face conservada, sem uma ruga, bonita. Os beijos entreabriam pro suspiro de sono sair. Adormecida calma, sem nenhum sonho e sem gestos.

Nizia era muito feliz.

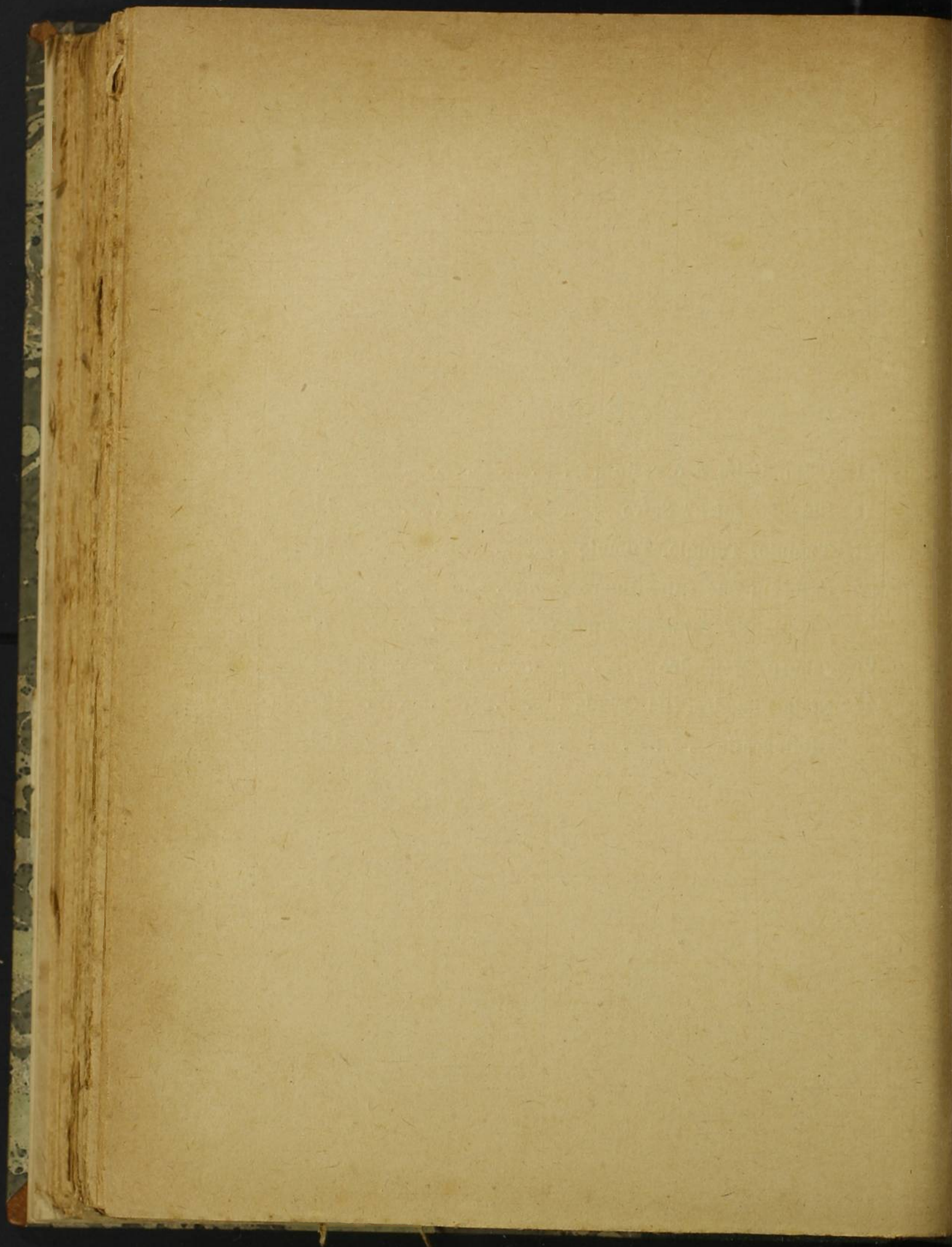
BIBLIOGRAFIA:

Estes contos foram planejados pra servirem de intermedios a umas Crônicas de Belazarte, publicadas na "América Brasileira". De cinco em cinco crônicas, um se intercalava. Foram assim publicados os dois primeiros, "O Bezouro e a Rosa" (América Brasileira de fevereiro de 1924) e "Caim, Caim, e o Resto" (América Brasileira de julho de 1924). Depois, impulsos de camara-dagem me obrigaram a sair da revista, que aliás morreu logo. Ficaram os contos já escritos no calor do plano inventado, e outros no desejo. Dêstes, alguns tiveram realização, e vão também aqui. "O Bezouro e a Rosa" foi ainda publicado, e sem as restrições de revista, no livro *Primeiro Andar*, como página de encêrro. O "Caso em que entra Bugre", escrito aliás muito posteriormente e fóra do plano, foi publicado no número de 14 de julho de 1929, do "Diario Nacional", de São Paulo. O conto "Menina de Olho no Fundo" foi publicado no n.º 6 da "Revista Nova", de São Paulo.

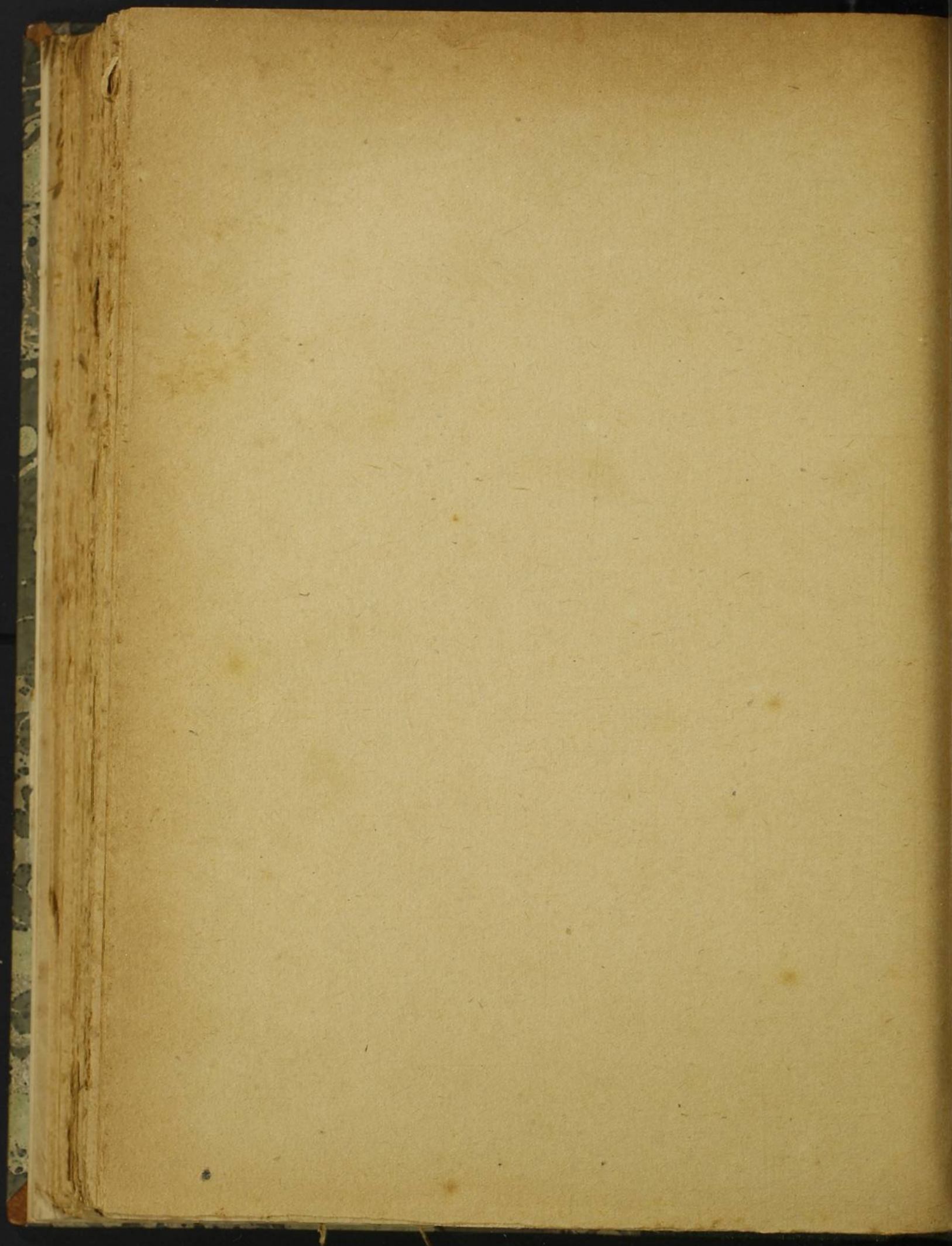


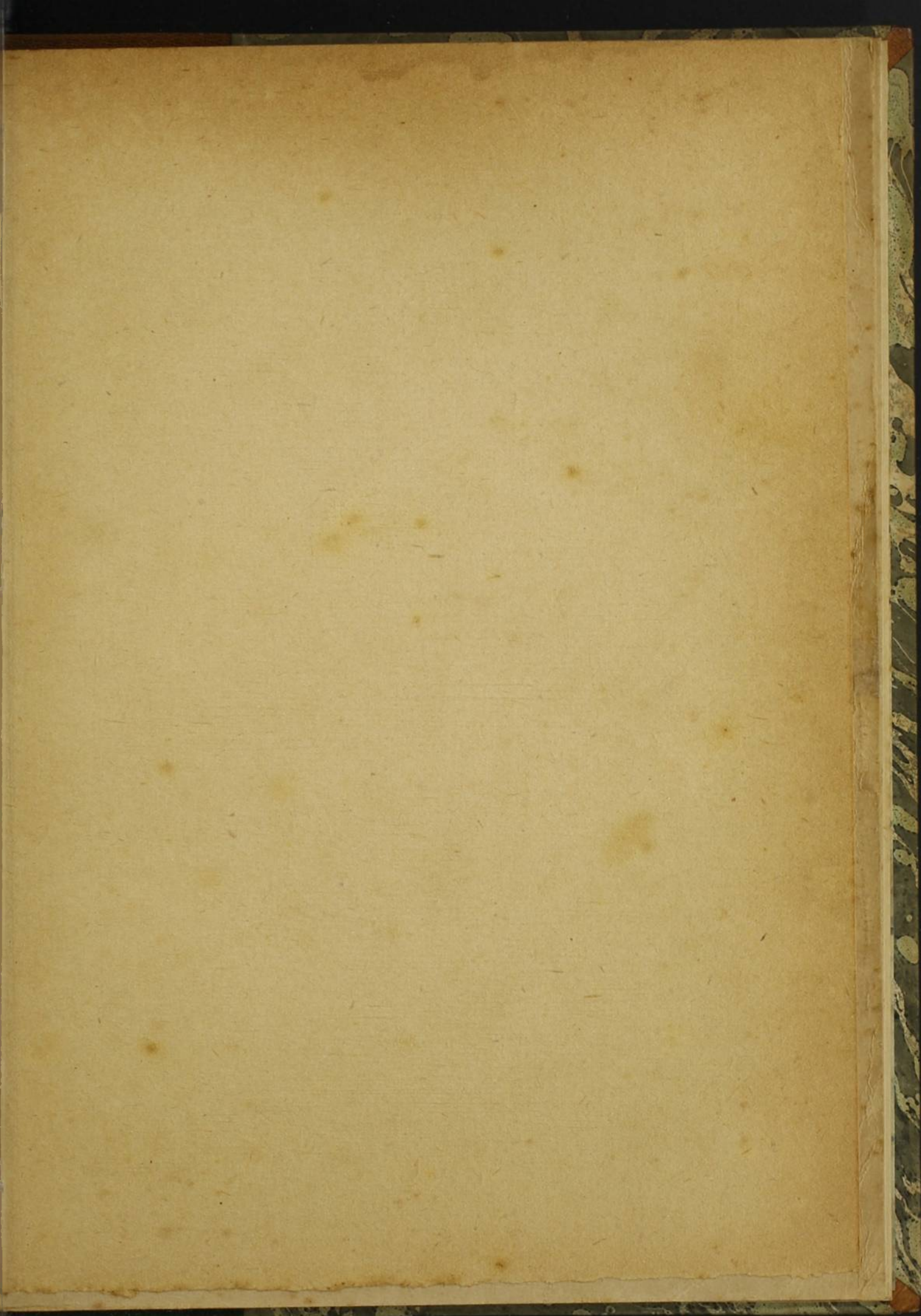
INDICE

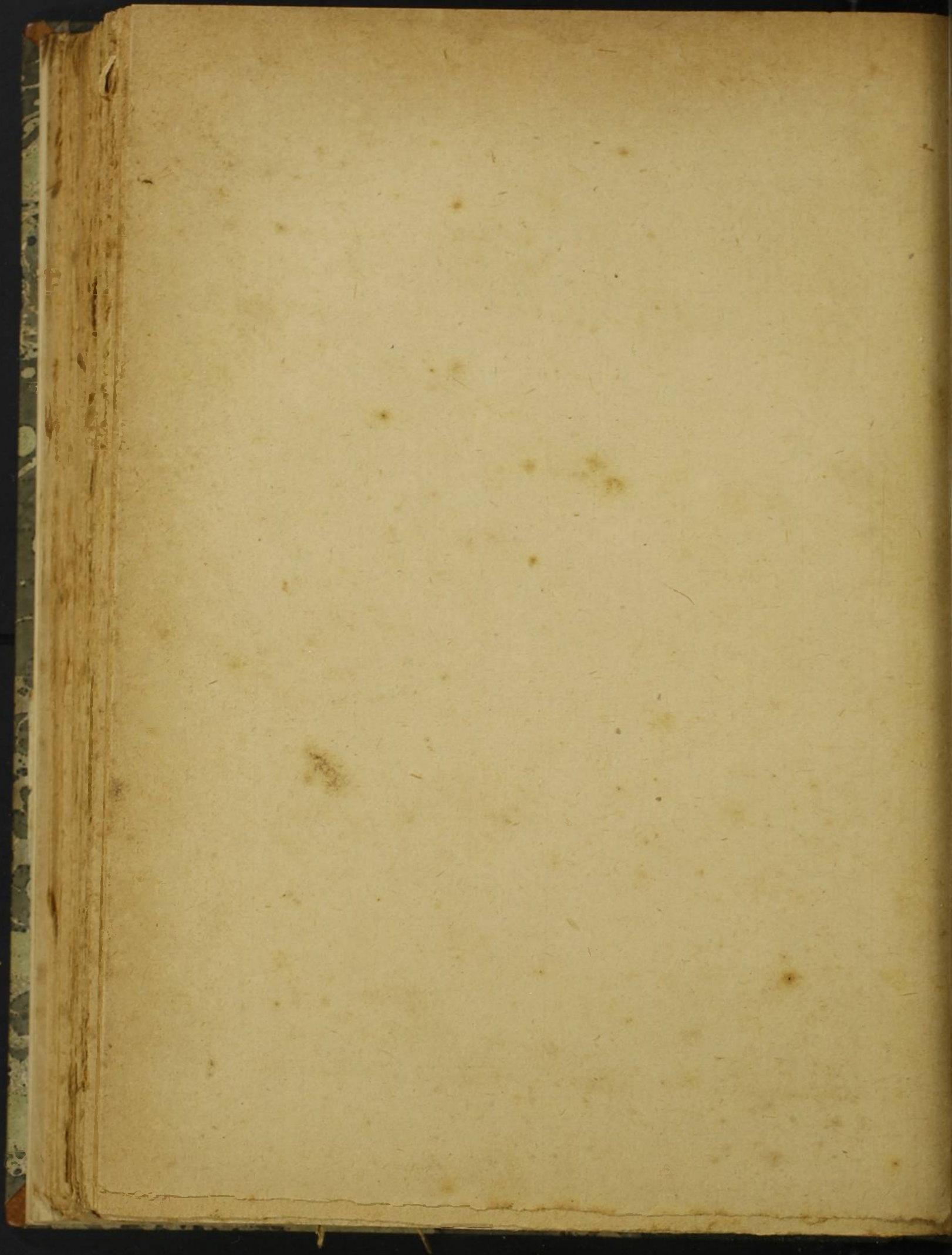
I	Caím, Caím e o resto	5
II	Piá não sofre? Sofre	19
III	Tumulo, Tumulo, Tumulo	43
IV	Caso em que entra Bugre	65
V	Menina de Olho no Fundo	77
VI	Jaburú Malandro	103
VII	Nizia Figueira, sua Criada	129
	Bibliografia	153

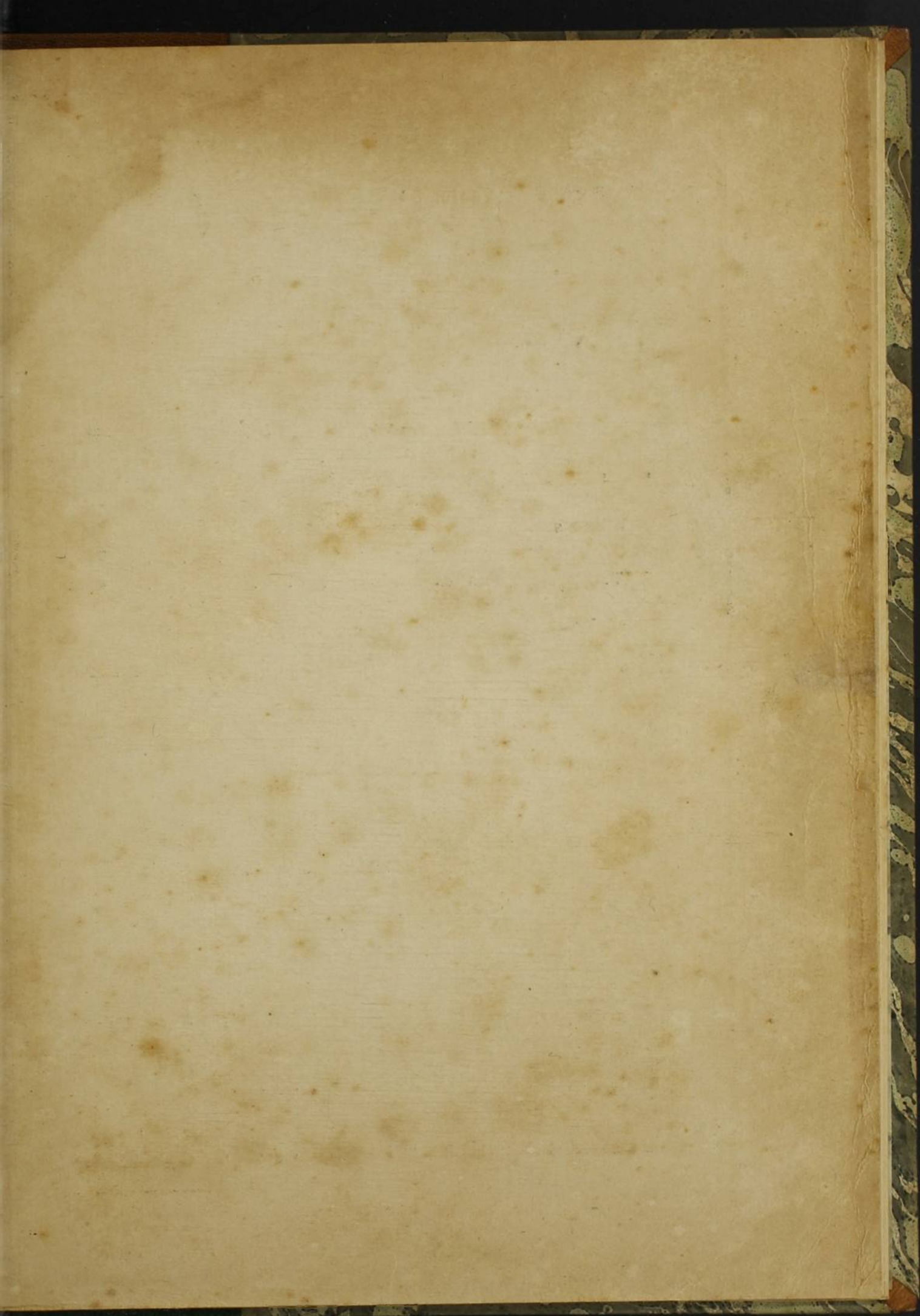


Esta — Edição — De — Mil — Exemplares
— De — Belazarte — Se — Terminou — Aos
— Trinta — De — Dezembro — de Mil —
Novecentos — E — Trinta — E — Tres —
Nas — Oficinas — Graficas — De — Arduino
Rossolillo — Para — A — Editora — Pirati-
ninga — Em — São — Paulo.









EDITORA PIRATININGA

Rua S. Vicente de Paulo, 58

S. P A U L O

DO CATALOGO GERAL

Mario de Andrade

PRIMEIRO ANDAR — Contos	4\$000
BELAZARTE — Contos	5\$000
AMAR VERBO INTRANSITIVO — Idílio	6\$000
LOSANGO CAQUI — Poesia	4\$000
PAULICEA DESVAIRADA — Critica	5\$000

Laura Villares

VERTIGEM — Grande romance realista	7\$000
EXTASÍ — Romance realista	6\$000

L. Pirandello

A LUZ DA OUTRA CASA — Novelas escolhidas	6\$000
--	--------

Mario Gracioti

AUTOMOVEL DE LUXO — Contos	5\$000
--------------------------------------	--------

José Bonifacio Ferreira

MARIA ANGELICA — Novela paulista	3\$000
--	--------

Corrêa Junior

TROVAS — Poesias	3\$000
----------------------------	--------

Michel Trad

AS EVASÕES CELEBRES DA CADEIA PUBLICA DE S. PAULO — Contos	5\$000
---	--------

Alba de Mello

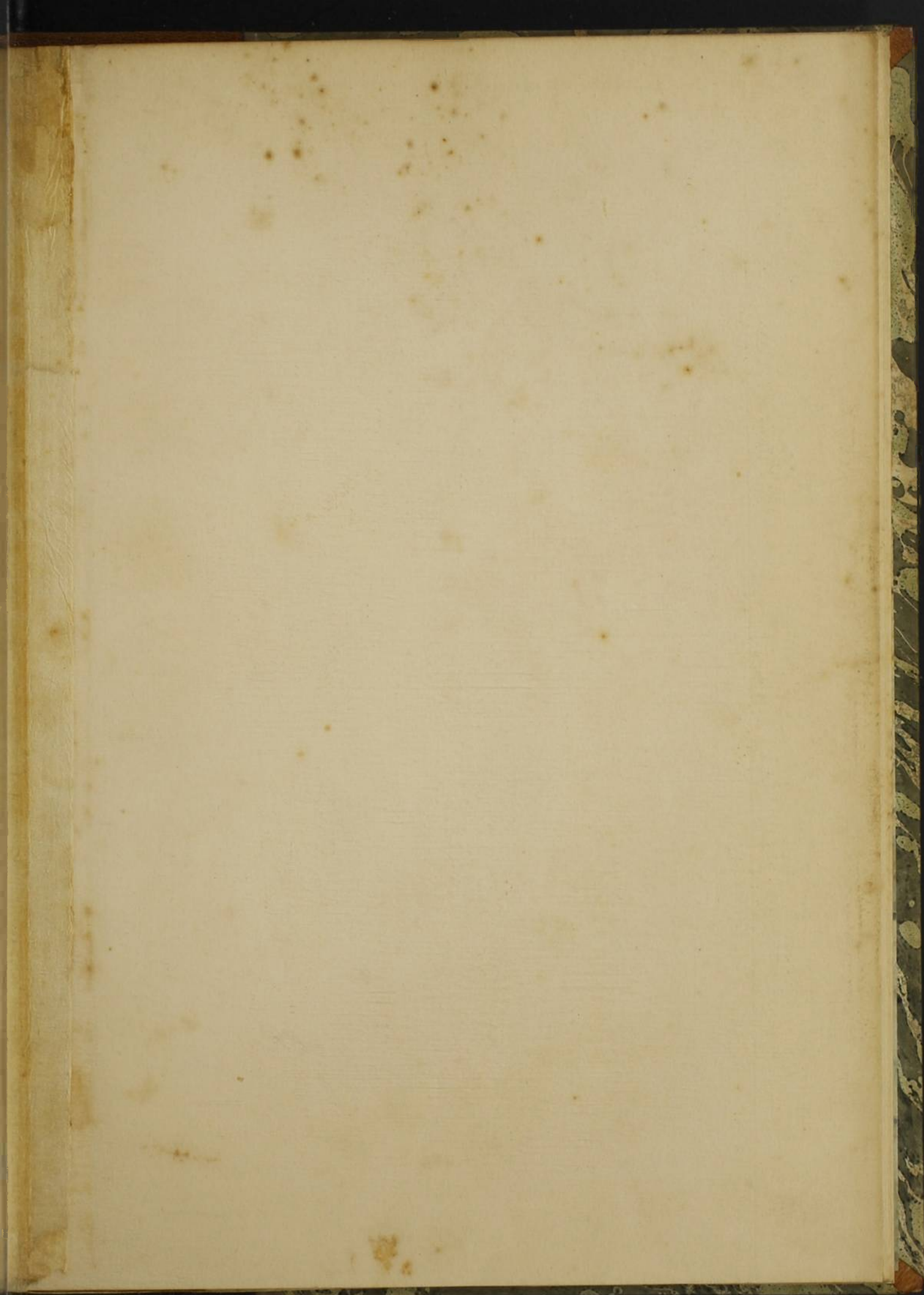
ESPELHO DE LOJA — Cronicas e contos	5\$000
---	--------

Mario Blasco Soler

SAUDADES DA VIDA — Poesias	5\$000
--------------------------------------	--------

Cassiano Ricardo

MARTIN CERERE' — Poesias	6\$000
------------------------------------	--------



EDITORIA PIRATININGA

Rua S. Vicente de Paulo, 58

S. P A U L O

DO CATALOGO GERAL

Mario de Andrade

PRIMEIRO ANDAR — Contos	4\$
BELAZARTE — Contos	5\$0
AMAR VERBO INTRANSITIVO — Idillio	6\$0
LOSANGO CAQUI — Poesia	4\$0
PAULICEA DESVAIRADA — Critica	5\$0

Laura Villares

VERTIGEM — Grande romance realista	7\$0
EXTASI — Romance realista	6\$0

L. Pirandello

A LUZ DA OUTRA CASA — Novelas escolhidas	6\$0
--	------

Mario Gracioti

AUTOMOVEL DE LUXO — Contos	5\$0
--------------------------------------	------

José Bonifacio Ferreira

MARIA ANGELICA — Novela paulista	3\$0
--	------

Corrêa Junior

TROVAS — Poesias	3\$0
----------------------------	------

Michel Trad

AS EVASÕES CELEBRES DA CADEIA PUBLICA DE S. PAULO — Contos	5\$0
---	------

Alba de Mello

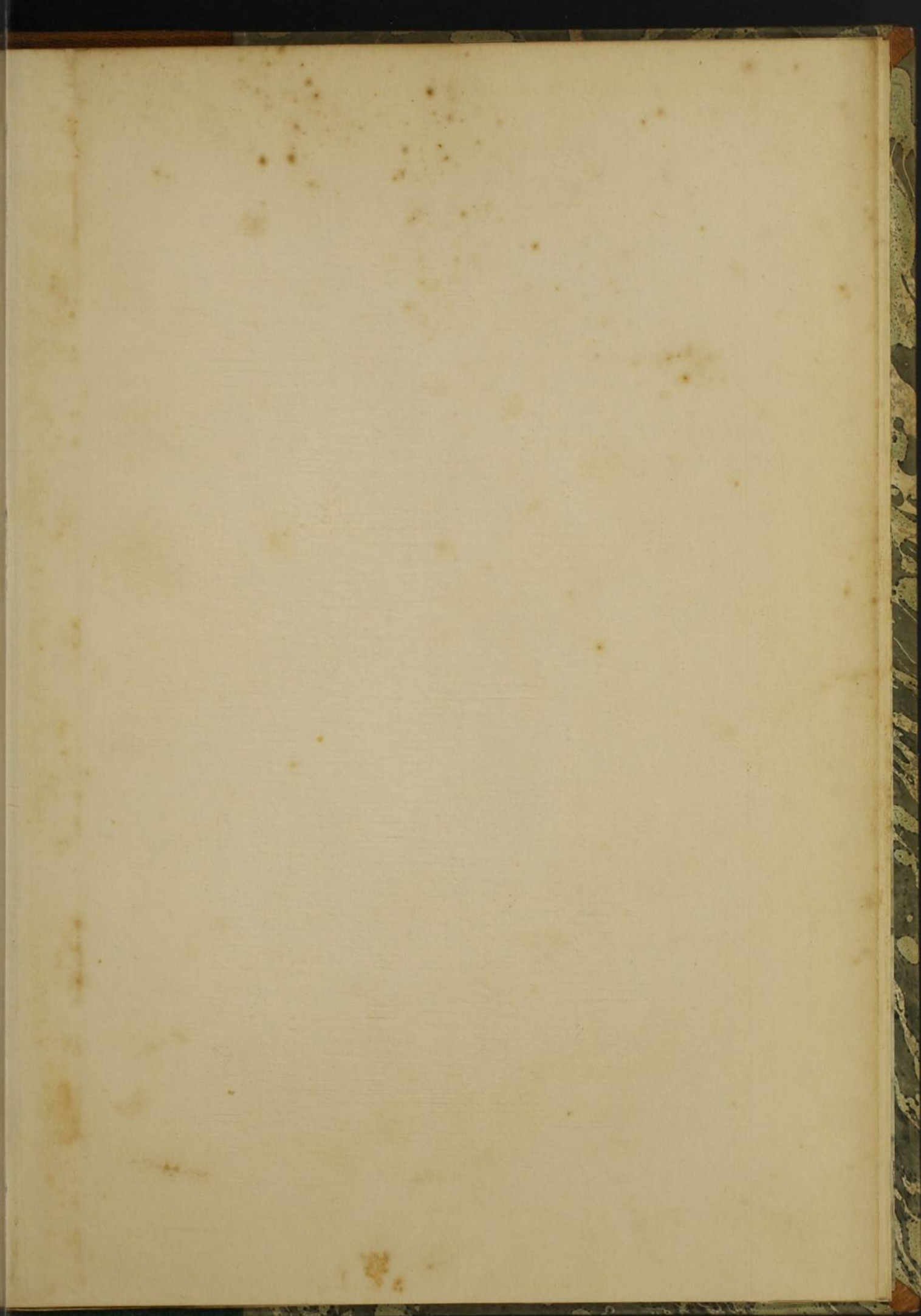
ESPELHO DE LOJA — Cronicas e contos	5\$0
---	------

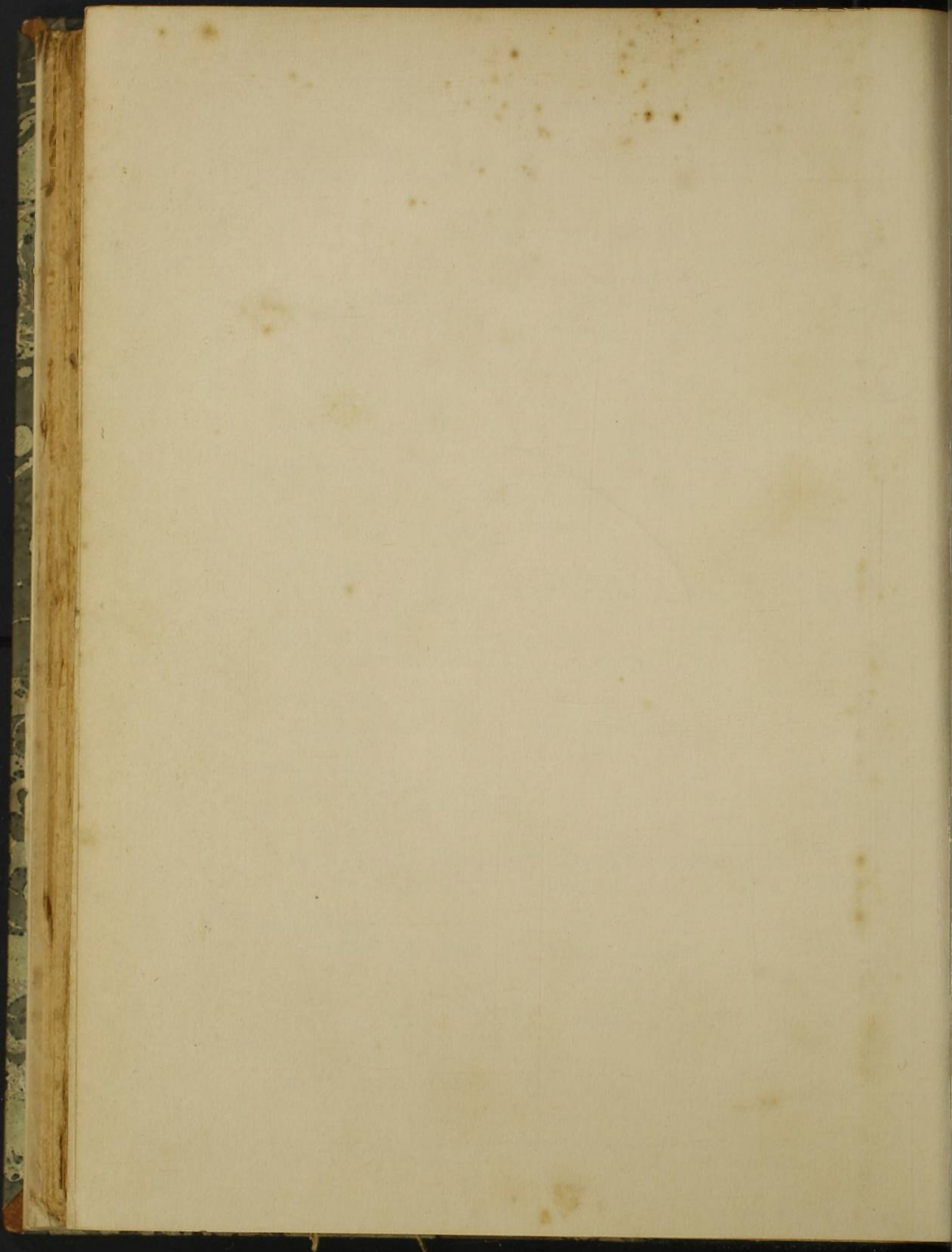
Mario Blasco Soler

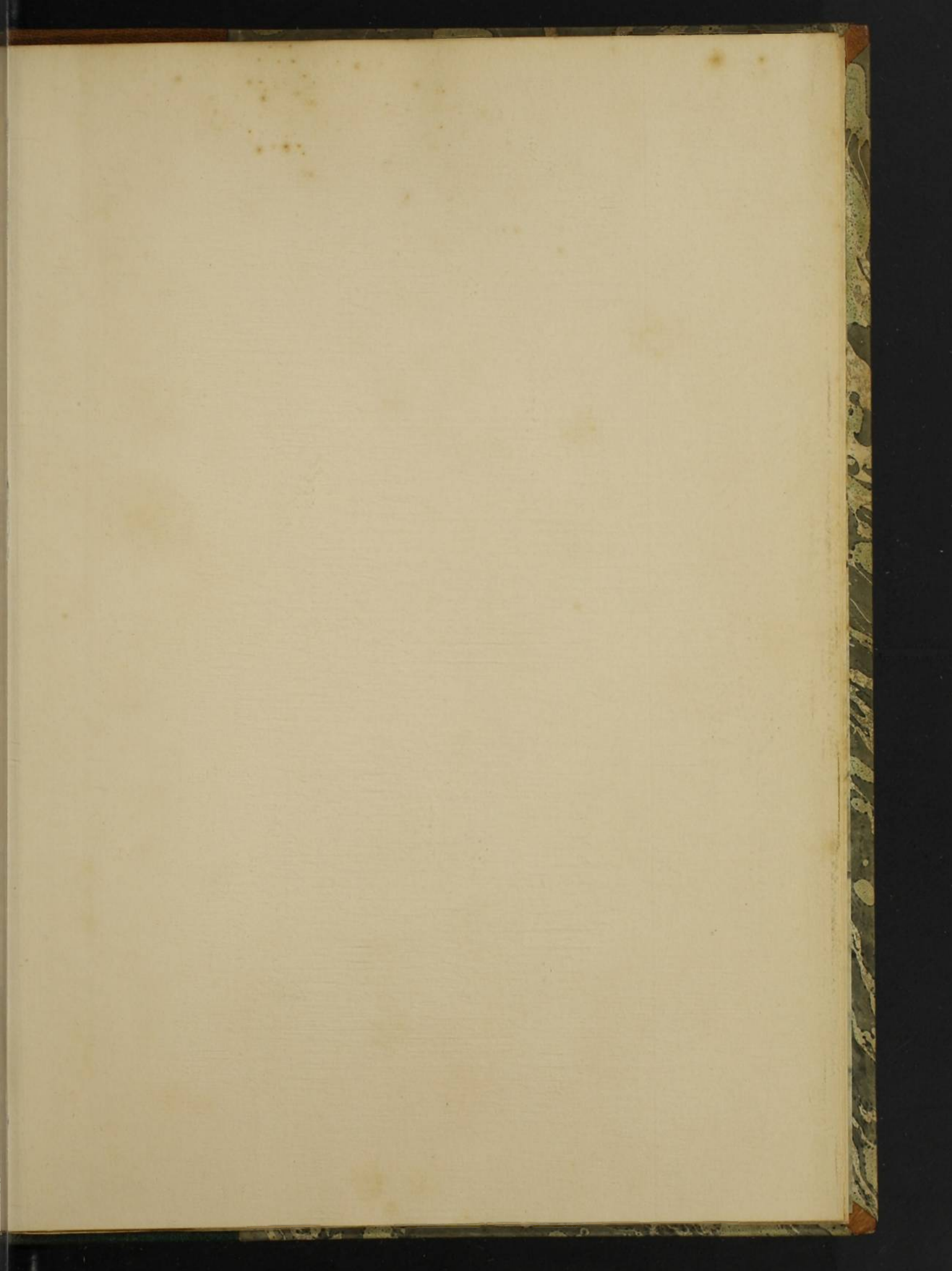
SAUDADES DA VIDA — Poesias	5\$0
--------------------------------------	------

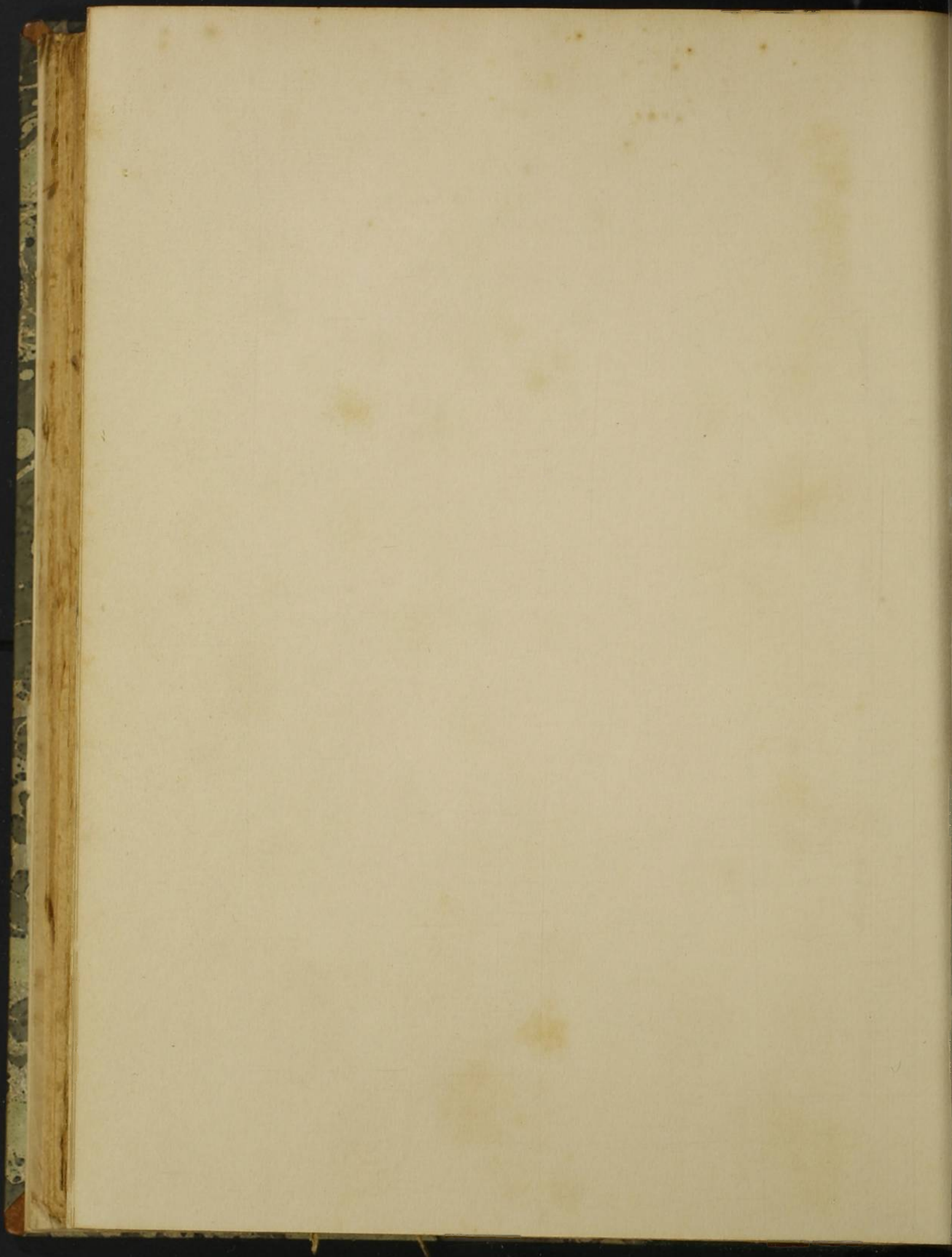
Cassiano Ricardo

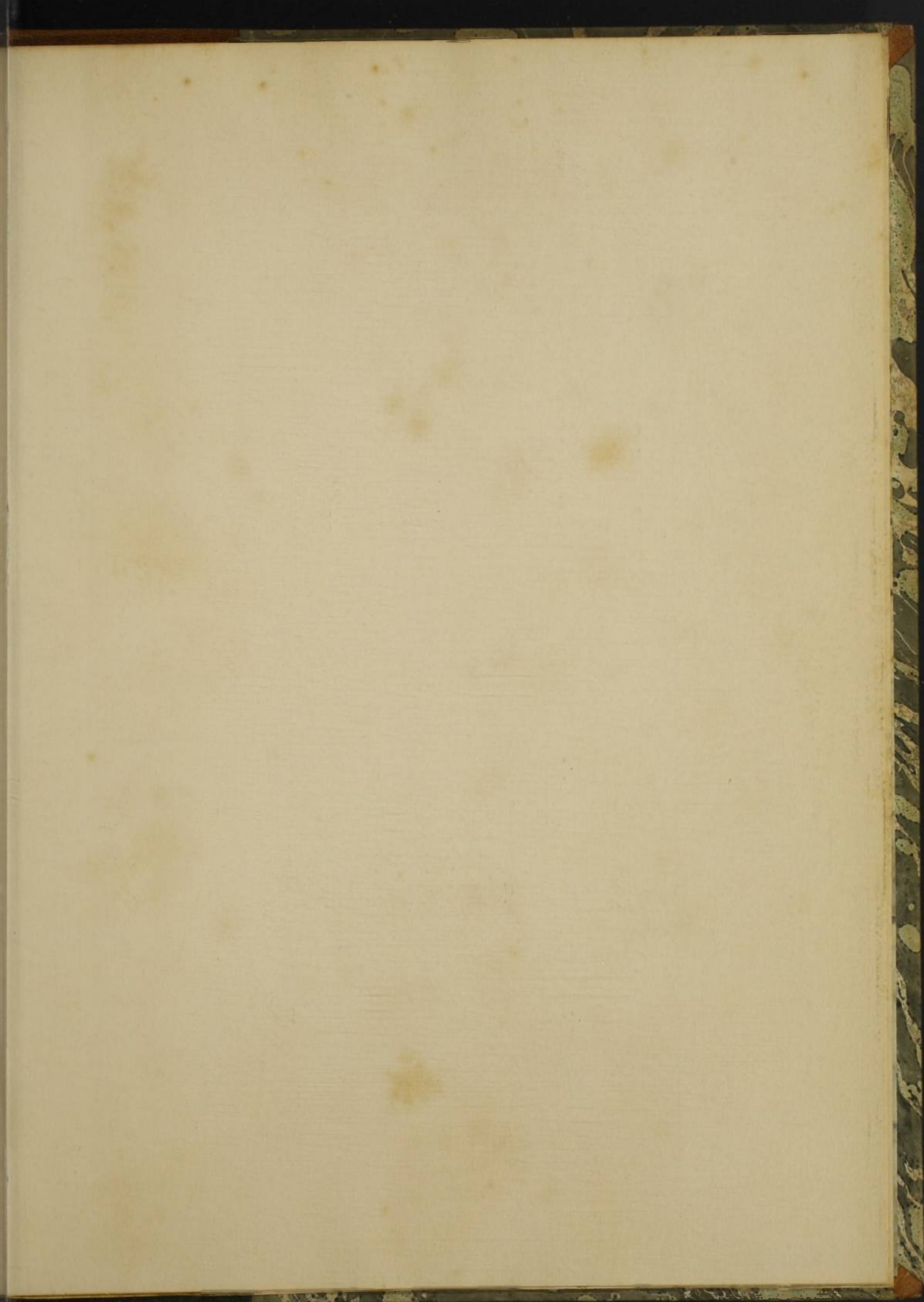
MARTIN CERERE' — Poesias	6\$0
------------------------------------	------











000436

